ÉPOCA
www.epoca.com.br
EDITORA GLOBO

VERGONHA AMERICANA

Os Estados Unidos são uma nação multicultural que sempre promoveu o livre-comércio. Em seus primeiros dias de governo, Donald Trump vai contra valores fundamentais do país

Z+

RODAS DE
LIGA LEVE 18”

ALL-NEW TUCSON TURBO GDI DUAL CLUTCH 7 VELOCIDADES.

Motor turbo GDI 177 cv. Transmissão Dual Clutch 7 velocidades.

Teto solar panorâmico. Bancos de couro com aquecimento e resfriamento.

Painel de instrumentos Supervision 4,2" TFT.

Central multimídia. Conectividade Android Auto™ e Apple CarPlay™.

Ar-condicionado dual zone. 8 bolsas de airbags.

Os itens apresentados são referentes ao veículo New Tucson (GA25). Versão com estoque limitado. Consulte outras versões nas Concessionárias Hyundai.

ALL-NEW TUCSON
TURBO GDI

TRANSMISSÃO DUAL CLUTCH 7 VELOCIDADES.

A MAIS AVANÇADA TECNOLOGIA AUTOMOTIVA DO MUNDO.

GARANTIA HYUNDAI 5 ANOS SEM LIMITE DE QUILOMETRAGEM

CONSULTE CONDIÇÕES NO SITE

DISTRIBUIDORES EM TODO O PAÍS: 0800-7703355

www.hyundai-motor.com.br

Abertura do porta-malas por aproximação.

- **HILL ASSIST CONTROL**
  Freio de parada automática nos semáforos e no trânsito
- **SMART ENTRY**
  Acesso ao veículo sem o uso de chave
- **CÂMERA DE RÉ PANORÂMICA**
- **CONTROLE DE ESTABILIDADE (ESP)**
- **CONTROLE DE TRAÇÃO (TCS)**
- **FARÓIS EM FULL LED**
- **ASSISTENTE DE ESTACIONAMENTO**
- **DETECTOR DE PONTO CEGO**

CAOA MONTADORA

HYUNDAI | NEW THINKING. NEW POSSIBILITIES.

Para tudo que é importante,
faça um seguro primeiro.
Faça o seguro do brasileiro.
Banco do Brasil Seguros
Acesse o site:
especialistaemseguros.com.br
@bancodobrasil
/bancodobrasil
bb.com.br
Central de Atendimento BB
4004 0001 ou 0800 729 0001
Deficiente Auditivo ou de Fala
0800 729 0088
SAC
0800 729 0722
Ouvidoria BB
0800 729 5678
A promoção será válida por tempo determinado, podendo ou não ser renovada por igual período. Lastreados por Títulos de Capitalização da Brasilcap Capitalização S.A. CNPJ 15.138.043/0001-05, aprovados pela SUSEP, Processo 15414.900750/2016-64. A aprovação deste título pela SUSEP não implica, por parte desta autarquia, incentivo ou recomendação à sua aquisição, representando, exclusivamente, sua adequação às normas em vigor. *Prêmio pago em dinheiro diretamente aos contemplados. Valores líquidos de Imposto de Renda, conforme legislação vigente. Produtos da Companhia de Seguros Aliança do Brasil – CNPJ 28.196.889/0001-43, comercializados pela BB Corretora de Seguros e Administradora de Bens S.A. – CNPJ 27.833.136/0001-39. Processos SUSEP 15414.900079/2016-51 (BB Seguro Vida Completo) /15414.900078/2016-15 (BB Seguro Vida Mulher Mais). Os serviços de assistências são garantidos pela Companhia de Seguros Aliança do Brasil e prestados pela Brasil Assistência S.A. – CNPJ 68.181.221/0001-47. O registro deste plano na SUSEP não implica, por parte desta autarquia, incentivo ou recomendação à sua comercialização. SAC 0800 729 7000, SAC Deficiente Auditivo ou de Fala 0800 775 5045 (atendimento 24 horas, sete dias da semana). A Ouvidoria poderá ser acionada para atuar na defesa dos direitos dos consumidores, para prevenir, esclarecer e solucionar conflitos não atendidos pelos canais de atendimento habituais. Ouvidoria 0800 880 2930, Ouvidoria Deficiente Auditivo ou de Fala 0800 962 7373 (atendimento das 8h às 18h, de segunda a sexta-feira, exceto feriados). As condições contratuais e o manual de assistência do seguro estão disponíveis para consulta na íntegra no site bb.com.br Brasil Assistência Ltda. – CNPJ 68.181.221/0001-47.

Seguro Vida

- Indenização por diagnóstico de câncer ou doenças graves
- Indenização por morte natural ou acidental
- Assistência residencial e veículos
- 4 sorteios mensais no valor de 25 mil reais*

SUMÁRIO

EDIÇÃO 972 | 6 DE FEVEREIRO DE 2017

PRIMEIRO PLANO

DA REDAÇÃO 16

PERSONAGEM DA SEMANA 17
Justin Trudeau, o primeiro-ministro do Canadá

A SEMANA EM NOTAS 24

A SEMANA EM FRASES 26

EXPRESSO 28
O STF vai reforçar a segurança de Luiz Edson Fachin, o novo relator da Lava Jato

GUILHERME FIUZA 30
Réquiem para Maria Sapatão

SUA OPINIÃO 32

NOSSA OPINIÃO 34

TEMPO

NOTÍCIAS DO PLANALTO 38
Os rumos da Lava Jato nas mãos do ministro Luiz Edson Fachin

TEATRO DA POLÍTICA 46
O governo tenta um recomeço com as reformas

POLÍTICA EM PERFIL 48
Marisa Letícia, a eterna companheira do ex-presidente Lula

IDEIAS

CRÔNICAS AMERICANAS 52
Por que Trump desafia os princípios fundamentais dos Estados Unidos

Como o desrespeito pelos canais políticos trará uma era de instabilidade 62

O que o novo presidente dos Estados Unidos não entendeu sobre a globalização 64

Os ultradireitistas que incendeiam a Casa Branca 68

A guerra de Trump com a máquina do governo americano 70

ENTREVISTA 74
Peter Agre, o ganhador de Nobel que teme pelo futuro da ciência nos Estados Unidos

HELIO GUROVITZ 77
Nada neste mundo é perfeito, exceto o texto do romancista francês Gustave Flaubert

VIDA

FRONTEIRAS DA CIDADANIA 78
A rede de cidadãos voluntários que fiscaliza prefeitos e vereadores

MARCIO ATALLA 81
Em vez de fugir dos alimentos tentadores, pense mais nos saudáveis

BRUNO ASTUTO 82
Paula Fernandes planeja show com banquinho, violão e música do Metallica

WALCYR CARRASCO 85
Crônica do desemprego

MENTE ABERTA 86
Devem ser publicados inéditos de autores mortos?

12 HORAS 88

RUTH DE AQUINO 90
Crivella cuida do filho Marcelinho

EDITORA GLOBO

DIRETOR GERAL Frederic Zoghaib Kachar
DIRETOR DE AUDIÊNCIA Luciano Touguinha de Castro
DIRETORA DE MERCADO ANUNCIANTE Virginia Any

ÉPOCA

Diretor de Redação: João Gabriel de Lima **epocadir@edglobo.com.br**
Editor-Chefe: Diego Escosteguy
Diretor de Arte Multiplataforma: Alexandre Lucas
Editores Executivos: Alexandre Mansur, Guilherme Evelin, Leandro Loyola, Marcos Coronato
Editores-Colunistas: Bruno Astuto, Murilo Ramos
Editores: Aline Ribeiro, Bruno Ferrari, Flávia Tavares, Flávia Yuri Oshima, Liuca Yonaha, Marcela Buscato, Marcelo Moura
Editores Assistentes: Isabela Kiesel, Bruno Calixto
Repórter Especial: Cristiane Segatto
Colunistas: Eugênio Bucci, Guilherme Fiuza, Gustavo Cerbasi, Helio Gurovitz, Ivan Martins, Jairo Bouer, Marcio Atalla, Ruth de Aquino, Walcyr Carrasco
Repórteres: Daniel Haidar, Gabriela Varella, Luís Lima, Nina Finco, Paula Soprana, Rafael Ciscati, Rodrigo Capelo, Ruan de Sousa Gabriel, Teresa Perosa
Vídeo: Pedro Schimidt; **Web Designer:** Giovana Tarakdjian;
Consultora de Marketing: Cássia Christe
Estagiários: Daniele Amorim, Daniela Simões, Bruna de Alencar, Giovanna Wolf Tadini, Guilherme Caetano, Nelson Niero Neto
SUCURSAIS | RIO DE JANEIRO: epocasuc_rj@edglobo.com.br
Praça Floriano, 19 – 8o andar – Centro – CEP 20031-050
Editor: Sérgio Garcia; **Repórteres:** Acyr Méra Júnior, Guilherme Scarpa, Marcelo Bortoloti;
Repórteres Especiais: Hudson Corrêa, Samantha Lima;
| BRASÍLIA: epocasuc_bsb@edglobo.com.br
SRTVS 701 – Centro Empresarial Assis Chateaubriand – Bloco 2 – Salas 701/716 – Asa Sul
Diretor: Luiz Alberto Weber;
Repórteres: Alana Rizzo, Ana Clara Costa, Barbara Lobato, Bruno Boghossian, Filipe Coutinho, Nonato Viegas, Talita Fernandes;
FOTOGRAFIA | Editor: André Sarmento; **Assistente:** Sidinei Lopes
DESIGN E INFOGRAFIA | Editor: Daniel Pastori; **Editora Assistente:** Aline Chica;
Designers: Alyne Tanin, Daniel Graf, Renato Tanigawa;
Estagiárias: Ana Carolina Takano Malavolta, Ana Paula do Prado Ribeiro
Editor de Infografia: Marco Vergotti
SECRETARIA EDITORIAL | Coordenador: Marco Antonio Rangel
REVISÃO | Coordenadora: Araci dos Reis Galvão de França; **Revisores:** Alice Rejaili Augusto, Elizabeth Tasiro, Silvana Marli de Souza Fernandes, Vergínia Helena Costa Rodrigues
CARTAS À REDAÇÃO | epoca@edglobo.com.br;
Assistente Executiva: Jaqueline Damasceno;
INOVAÇÃO DIGITAL | Diretor de Inovação Digital: Alexandre Maron;
Gerente de Estratégia de Conteúdo Digital: Silvia Balieiro;
TECNOLOGIA | Diretor de TI: Rodrigo Gosling;
Desenvolvedores: Everton Ribeiro, Fabio Alessandro Marciano, Jeferson Mendonça, Leandro Paixão, Marcelo Amêndola, Marcio Costa, Murilo Amendola;
Automação Editorial: Ewerton Paes, Ronaldo Nascimento;
Opec On-Line: Rodrigo Santana Oliveira, Danilo Panzarini, Higor Daniel Chabes, Rodrigo Pecoschi, Thiago Previero

MERCADO ANUNCIANTE | Segmentos – Financeiro, Imobiliário, TI, Comércio e Varejo | Diretor de negócios multiplataforma: Emiliano Morad Hansenn; **Gerente de negócios multiplataforma:** Ciro Hashimoto; **Executivos multiplataforma:** Cristiane Paggi, Selma Pina, Milton Luiz Abrantes, Christian Lopes Hamburg, Taly Czeresnia Wakrat; **Segmentos – Moda, Beleza e Higiene Pessoal | Diretor de negócios multiplataforma:** Cesar Bergamo; **Executivas multiplataforma:** Adriana Pinesi Martins, Ana Paula Boulos, Eliana Lima Fagundes, Juliana Vieira, Selma Teixeira da Costa, Soraya Mazerino Sobral; **Segmentos – Casa, Construção, Alimentos e Bebidas, Higiene Doméstica e Saúde | Diretora de negócios multiplataforma:** Luciana Menezes; **Executivos multipla taforma:** Giovanna Sellan Perez, Rodrigo Girodo Andrade, Valeria Glanzmann; **Segmentos – Mobilidade, Serviços Públicos e Sociais, Agro e Indústria | Diretor de negócios multiplataforma:** Renato Augusto Cassis Siniscalco; **Executivos multiplataforma:** Andressa Aguiar, Diego Fabiano, Cristiane Soares Nogueira, João Carlos Meyer, Prisoila Ferreira da Silva; **| Segmentos – Educação, Cultura, Lazer, Esporte, Turismo, Mídia, Telecom e Outros | Diretora de negócios multiplataforma:** Sandra Regina de Melo Pepe; **Executivos multiplataforma:** Ana Silvia Costa, Guilherme Iegawa Sugio, Lilian de Marche Noffs, Dominique Petroni de Freitas; **| EGCN – Consultora de marcas EGCN:** Olivia Cipolla Bolonha; **| Escritórios Regionais | Gerente multiplataforma:** Larissa Ortiz; **Executiva multiplataforma:** Babila Garcia Chagas Arantes; **Gerente de Eventos:** Daniela Valente; **Coordenador Opec Off-Line:** José Soares; **| Unidades de Negócio – Rio de Janeiro – Gerente multiplataforma:** Rogerio Pereira Ponce de Leon; **Executivos multiplataforma:** Daniela Nunes, Lopes Chahim, Juliane Ribeiro Silva, Maria Cristina Machado, Pedro Paulo Rios Vieira dos Santos; **| Unidades de Negócio – Brasília – Gerente multiplataforma:** Barbara Costa Freitas Silva; **Executivos multiplataforma:** Camilla Amaral da Silva, Jorge Bicalho Felix Junior; **| Estúdio Globo – Diretor de Arte:** Rodolpho Vasconcelos; **Editora Executiva:** Vera Ligia Rangel Cavalieri

AUDIÊNCIA | Diretor de Marketing: Cristiano Augusto Soares Santos; **Diretor de Clientes e Planejamento:** Ednei Zampese; **Gerente de Vendas de Assinaturas:** Reginaldo Moreira da Silva; **Gerente de Criação:** Valter Bicudo Silva Neto; **Coordenadores de Marketing:** Eduardo Rocoato Almeida, Patricia Aparecida Fachetti

ANER IVC FIPP

ÉPOCA é uma publicação semanal da EDITORA GLOBO S.A. – Avenida 9 de Julho, 5229, São Paulo (SP), Jardim Paulista – CEP 01407-907. Distribuidor exclusivo para todo o Brasil: Dinap – Distribuidora Nacional de Publicações **GRÁFICAS: Plural Indústria Gráfica Ltda.** – Avenida Marcos Penteado de Ulhoa Rodrigues, 700 – Tamboré – Santana de Parnaíba, São Paulo, SP – CEP 06543-001.

O Bureau Veritas Certification, com base nos processos e procedimentos descritos no seu Relatório de Verificação, adotando um nível de confiança razoável, declara que o Inventário de Gases de Efeito Estufa – Ano 2012, da Editora Globo S.A., é preciso, confiável e livre de erro ou distorção e é uma representação equitativa dos dados e informações de GEE sobre o período de referência, para o escopo definido, foi elaborado em conformidade com a NBR ISO 14064-1:2007 e Especificações do Programa Brasileiro GHG Protocol.

Deseja falar com a Editora Globo?

TELEVENDAS 4003-9393

VENDAS CORPORATIVAS E PARCERIAS 11 3767-7226 parcerias@edglobo.com.br

PARA ANUNCIAR SP: 11 3736-7128 | 3767-7447 3767-7942 | 3767-7889 3736-7205 | 3767-7557 RJ: 21 3380-5930 | 3380-5923 BSB: 61 3316-9584 publiepoca@edglobo.com.br

NA INTERNET www.assineglobo.com.br/sac 4003-9393

ASSINATURAS 4003-9393 vendaspessoais@edglobo.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES O pedido será atendido através do jornaleiro ao preço da edição atual, desde que haja disponibilidade de estoque. Faça seu pedido na banca mais próxima.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO 11 3767-7005 venda_conteudo@edglobo.com.br

Para se corresponder com a Redação: Endereçar cartas ao Diretor de Redação, ÉPOCA. Caixa Postal 66260, CEP 05315-999 – São Paulo, SP. Fax: 11 3767-7003 – E-mail: **epoca@edglobo.com.br**
As cartas devem ser encaminhadas com assinatura, endereço e telefone do remetente. ÉPOCA reserva-se o direito de selecioná-las e resumi-las para publicação.
Só podem ser incluídas na edição da mesma semana as cartas que chegarem à Redação até as 12 horas da quarta-feira.

Ilustração de capa: Alexandre Lucas

NÃO IMPORTA
A COR DO SEU DESEJO.
O SEGREDO É
SEMPRE ACREDITAR.

oBoticário
Acredite na beleza

PERFUMARIA MASCULINA
E CUIDADOS PESSOAIS

ATÉ
40% DE DESCONTO

loja revendedora site
encontre.boticario.com.br

Promoção válida até 12/2*

*Promoção válida de 23/1/2017 a 12/2/2017 ou enquanto durarem os estoques. Exceto kits regulares e Nativa SPA Cabelos.
Consulte produtos participantes e os percentuais de desconto nos nossos canais de vendas. Imagens meramente ilustrativas.

AlmapBBDO

BANCO ORIGINAL,
JUSTO E TRANSPARENTE.

PACOTE ORIGINAL ILIMITADO
POR APENAS R$ 9,90 MENSAIS*.

100% DIGITAL

BAIXE O APLICATIVO E ABRA SUA CONTA PELO CELULAR.

original.com.br

*Preço válido por 1 ano. Após o primeiro ano, confira os pacotes e preços vigentes na Tabela de Tarifas do Banco Original.

ORIGINAL
ILIMITADO
APENAS R$ 9,90 AO MÊS

Fischer

Toda a Linha de Caminhões Volkswagen e MAN agora com condições especiais: 3 anos de garantia e IPVA 2017 grátis. Chegou a hora de você ter um Caminhão Volkswagen ou MAN 0km. Passe já em uma de nossas Concessionárias e aproveite. Promoção por tempo limitado.

*Condições válidas para todos os Caminhões Volkswagen e MAN em estoque na Rede de Concessionárias de Caminhões Volkswagen e MAN. Garantia Promocional – garantia do veículo completo de 12 meses e garantia adicional de 24 meses para o trem de força, já incluída a garantia legal, sem limite de quilometragem. Condições válidas por tempo limitado ou

[3 anos de garantia*] [IPVA grátis**]

Caminhões
Ônibus

enquanto durarem os estoques das Concessionárias. **IPVA grátis - válido por tempo limitado para veículos faturados na Rede de Concessionárias de Caminhões Volkswagen e MAN, limitado a 1,5% do valor do veículo e proporcional aos meses restantes de 2017. Para mais informações, acesse www.man-la.com. Imagens meramente ilustrativas

Legado Esportivo.
Em todo o país,
para todo mundo.

Valeu a pe

#valeuapenabrasil

Conheça mais sobre
o Legado Esportivo
em **esporte.gov.br**

Maratonista
Bronze, Atenas 2004

"A virada do ano vem acompanhada de uma grande virada esportiva. Eu tenho corrido pelo país, de Norte a Sul, e vejo as pessoas aproveitando a infraestrutura que surpreende quem achava que só tinha legado no Rio de Janeiro. E o mais bacana é que não é só para atleta. É para todo mundo.

Toda esta infraestrutura será interligada pela Rede Nacional de Treinamento, que estimula a prática esportiva no Brasil e forma futuros talentos. Agora, podemos ser mais que o pa do futebol. Podemos ser o país da canoagem, do judô, do boxe, do atletis

na Brasil!

MINISTÉRIO DO
ESPORTE

BRASIL
GOVERNO FEDERAL

Peça

Friboi

CARNE CONFIÁVEL TEM NOME.

friboi.com.br

Era uma vez a América

O indiano Amartya Sen, prêmio Nobel de Economia, diz que um país está à beira do totalitarismo sempre que busca as raízes de sua identidade num passado idealizado – como lendas nórdicas, califados remotos ou bobagens do gênero. A identidade de um país, escreveu Sen, não está no que ele pensa que foi, mas no que pretende ser. Nesse sentido, a história dos Estados Unidos é exemplar. Desde que os pais fundadores escreveram a primeira Constituição, os americanos tencionam ser uma grande democracia. A história do país é cheia de percalços, incluindo períodos de racismo institucionalizado e guerras internas. Mas a imagem que se formou ao longo dos tempos – a identidade americana – é a da diversidade.

O retrato ao lado mostra integrantes da delegação americana que veio à Olimpíada do Rio de Janeiro, no ano passado. Há, na foto, homens e mulheres. Negros, brancos e mestiços. Não por acaso, duas das maiores estrelas da Olimpíada foram a ginasta Simone Biles, mulher e negra, e o nadador Michael Phelps, homem e branco. O time esportivo reflete a essência do país mais receptivo aos imigrantes entre as grandes democracias do mundo. É de origem estrangeira 13% da população americana, em comparação com uma média de 7% a 8% nos principais países europeus, e 63% dos americanos são favoráveis à imigração – enquanto a maioria dos europeus defende restrições a estrangeiros.

ROSTOS DA DEMOCRACIA
Atletas dos Estados Unidos na Olimpíada do Rio. Um retrato da diversidade americana

Há razões para isso. Grande parte da riqueza dos Estados Unidos foi construída por imigrantes e seus descendentes. Os cientistas Albert Einstein, criador da Teoria da Relatividade, e Wernher von Braun, que levou o primeiro homem à Lua num foguete americano, eram alemães. Madeleine Albright, nascida na Tchecoslováquia, chegou a secretária de Estado na Presidência de Bill Clinton. Sergei Bryn, criador do Google, é descendente de russos. Steve Jobs, inventor do iPhone, é filho de um imigrante sírio. O Vale do Silício se beneficia do talento de engenheiros indianos e japoneses – países cujas universidades de ponta, na área tecnológica, rivalizam com as dos Estados Unidos.

A vida de um imigrante nunca é fácil. Pesquisas mostram, no entanto, que estrangeiros se sentem mais aceitos nos Estados Unidos que em outras nações do planeta. Num país multicultural o preconceito é menor. Além disso, filhos de imigrantes nascidos em território americano ganham imediatamente a cidadania. Existem países em que são necessárias várias gerações. Por causa de tudo isso, a adesão "ao sonho americano" é maior entre os imigrantes: 70% deles acreditam que seus filhos terão uma vida melhor que a dos pais, em comparação a 50% entre os americanos natos.

Em poucos dias de governo, o novo presidente americano, Donald Trump, dinamitou acordos comerciais, tentou proibir cidadãos de países de maioria muçulmana de entrar nos Estados Unidos e garantiu que cumpriria a mais esdrúxula de suas promessas de campanha – a construção de um muro na fronteira entre os Estados Unidos e o México. Trump agita a bandeira antiglobalização, opondo-se ao fenômeno que, nas últimas décadas, distribuiu renda (apesar de gerar bolsões de pobreza) e criou prosperidade no mundo. Sobretudo, enriqueceu os Estados Unidos. Por globalização, entenda-se a crescente circulação de bens, finanças – e de pessoas, como Albert Einstein, Sergei Bryn e Steve Jobs. Vive-se nos dias atuais um paradoxo. Os americanos elegeram um presidente que – a julgar por suas primeiras semanas no governo – é contrário à cultura e às tradições que fizeram dos Estados Unidos uma das nações mais admiradas do planeta.

João Gabriel de Lima
Diretor de Redação

Foto: Dylan Martinez/Reuters

PERSONAGEM DA SEMANA

JUSTIN TRUDEAU

O NOVO CONTRA O VELHO

O primeiro-ministro canadense escancara as portas a migrantes e refugiados e se estabelece como contraponto moderno ao antiglobalista Donald Trump

Foto: Mark Blinch/Reuters

Gabriela Varella

Era noite, por volta das 20 horas do domingo, dia 29, e cerca de 50 pessoas se reuniam em uma mesquita em Québec, no Canadá, em um momento de oração. A prece foi interrompida por uma invasão seguida por tiros disparados por um rapaz. Ao menos seis pessoas morreram e oito ficaram feridas. O lugar sagrado para os muçulmanos, antes de ser banhado em sangue, já havia sido alvo de vandalismo e outras manifestações xenófobas – assim como outras mesquitas do país. Dos dois suspeitos presos, um foi solto após a polícia descartar a possibilidade de seu envolvimento no crime. "Foi um ataque terrorista", disse, sem titubear, o primeiro-ministro, Justin Trudeau. Em discurso oficial no dia seguinte, ele afirmou que o ato fora cometido "contra todos os canadenses". "Aos mais de 1 milhão de muçulmanos canadenses: esta é a sua casa", disse. "Nós estamos com vocês."

O ataque aconteceu um dia após o Canadá oferecer residência temporária a milhares de barrados pelo decreto assinado pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, que proíbe por 90 dias imigrantes de sete países de maioria muçulmana de entrar nos Estados Unidos e congela a entrada de refugiados. "Para aqueles que fogem de perseguição, terror e guerra, os canadenses vão recebê-los, independentemente de sua fé. A diversidade é a nossa força", escreveu Trudeau em sua conta no Twitter na ocasião. Enquanto Trump fecha as portas, Trudeau as escancara.

A política acolhedora de migrantes é uma tradição canadense, um país enorme, com população minúscula, que cresceu graças à chegada de migrantes. Trudeau só está aproveitando o momento para marcar sua diferença em relação à xenofobia de Trump e sua turma. Desde que Trudeau assumiu o posto, no final de 2015, o Canadá recebeu cerca de 40 mil pessoas que fugiram de conflitos. Em dezembro de 2015, o próprio Trudeau foi ao aeroporto Pearson, de Toronto, para receber 163 refugiados que chegavam ao país. No desembarque, ao lado de voluntários, o primeiro-ministro apertava a mão de cada membro das famílias sírias que chegava. Com a camisa social alinhada como sempre, abria um sorriso ao entregar-lhes jaquetas estofadas e responder aos agradecimentos: "Seja bem-vindo. O prazer é nosso". Foi o primeiro voo que marcou o início do programa de reassentamento para amparar os recém-chegados ao território. "Esta noite, eles saem do avião como refugiados, mas deixam este terminal como residentes permanentes do Canadá", afirmou. Um ano depois, Trudeau emocionou-se ao encontrar o sírio Vanig Garabedian, que recordou o encontro no aeroporto: "Imagine você sair de uma zona de guerra e ser recebido com as palavras: 'Bem-vindo a sua casa'. Agora, estou ainda mais orgulhoso de ser canadense. Como sempre terei orgulho de ser sírio".

Só mesmo a política para produzir dois governantes tão diferentes quanto Trump e Trudeau e que serão obrigados a conviver pela proximidade geográfica e econômica de seus países. O republicano Trump é um empresário agressivo, verborrágico, colecionador de episódios de machismo. Trudeau, do Partido Liberal, é o político cool: bonitão, praticante de ioga (alguém pode imaginar Trump fazendo a posição do "cachorro olhando para cima?"), pai comportado de três filhos, citado entre os homens mais estilosos do mundo pela revista americana *GQ*. É casado com Sophie Trudeau, ex-apresentadora de televisão que conheceu na infância e reencontrou mais tarde. Antes da política, Trudeau formou-se em literatura e engenharia e chegou a ser instrutor de snowboarding, esporte popular num país onde a neve é parte da rotina. Em 2012, participou de uma luta de boxe para arrecadar fundos a uma instituição de caridade contra o senador Patrick Brazeau, do Partido Conservador. Apesar de não ser favorito, Trudeau o derrotou em três rounds e demonstrou bom desempenho no ringue – de quebra, exibiu a famosa tatuagem de corvo no braço esquerdo.

Aos 45 anos, Justin Trudeau é o segundo mais jovem primeiro-ministro do Canadá. Sua vitória nas eleições gerais de 2015 representou o fim de quase uma década de liderança do Partido Conservador. A derrota de Stephen Harper foi resultado de uma ascensão surpreendente de Trudeau, que ocupava o terceiro lugar nas pesquisas – atrás do Partido Conservador e do Novo Partido Democrático (NPD). O cabelo bem penteado e a boa aparência fizeram com que

ATENTADO Após o ataque, o primeiro-ministro ofereceu apoio

Foto: Renaud Philippe/Anadolu Agency/AFP

O Canadá ofereceu residência temporária aos barrados pelo decreto de Donald Trump

Trudeau fosse alvo de achincalhe dos adversários, que diziam que ele não tinha muito a mostrar além do "cabelo bonito". Sua juventude também foi uma estratégia do Partido Conservador, que atribuía ao adversário um rótulo de imaturidade. Em um anúncio da campanha da oposição, diziam que o primeiro-ministro "simplesmente não estava pronto". Nada adiantou. "Os canadenses escolheram a mudança real", disse Trudeau durante a comemoração da vitória.

Justin é o segundo Trudeau primeiro-ministro. Seu pai, Pierre Trudeau, foi o 15º primeiro-ministro canadense. Ocupou o cargo durante dois mandatos, de 1968 a 1980, pelo mesmo Partido Liberal. Trudeau pai também praticava ioga, inclusive aparece em fotos na "postura de pavão" (posição na qual se apoia o peso do corpo inteiro nos pulsos). Quando já era político de destaque, Justin repetiu a famosa foto do pai, na mesma posição, de traje social e gravata, apoiado em uma mesa de madeira do Parlamento, como se fosse uma ação corriqueira no trabalho. Popular como o filho, Pierre inspirou o termo "Trudeaumania", além de ser considerado o pai do Canadá moderno. Entre seus marcos, os mais significativos foram a implementação do bilinguismo inglês-francês como idiomas oficiais no país, além da Carta de Direitos e Liberdades do Canadá (semelhante à dos Estados Unidos), um símbolo dos direitos civis canadenses.

O governo de Trudeau não tem ares de modernidade apenas em atos de acolhimento como o da semana passada. Tem um ministério baseado na diversidade da população, com mais da metade da equipe formada por mulheres – "porque é 2015", segundo Trudeau explicou em sua posse. Há também ministros negros, muçulmanos, um cadeirante e três sikhs, uma religião que surgiu na Índia. Difícil encontrar alguma semelhança com a equipe de Trump, que instalou na Casa Branca o gabinete menos diverso desde Ronald Reagan, que terminou o mandato em 1989. Além das fronteiras abertas aos refugiados, algumas das preocupações do governo canadense são as questões ambientais, legalização da maconha e redução dos impostos da classe média.

Justin Trudeau mantinha boa relação com Barack Obama, um político que não praticava ioga, mas estava, digamos, mais próximo de seu jeito de ser. Em um discurso em novembro do ano passado, Trudeau cumpriu o protocolo ao manifestar o desejo de manter a tradição de boa convivência Estados Unidos-Canadá. "Espero trabalhar com Trump para restaurar a prosperidade da classe média em ambos os lados da fronteira e criar um mundo mais seguro e pacífico", disse. Após o ataque à mesquita, Trudeau recebeu um breve telefonema de Trump, que afirmou estar disposto a prestar qualquer assistência necessária. Melhor para ele. Em relação ao vizinho do sul, o México, Trump só procura o presidente Enrique Peña Nieto para ameaçar construir um muro na fronteira para impedir a entrada de imigrantes *(leia mais a respeito a partir da página 52)*. ◆

PRESUNTO DE PARMA
SEARA GOURMET.

PARA OS PALADARES
MAIS EXIGENTES DO MUNDO

imagens ilustrativas.

Seara
Gourmet
EXISTE O BOM. O OTIMO
E SEARA GOURMET
Gourmet
Gourmet
Gourmet
Gourmet
Gourmet
O legítimo presunto
de Parma, importado
diretamente da Itália,
maturado por
sem conservantes.
Experimente toda a linha

*Marca de um terceiro, sem vínculo a Orfeu Cafés Especiais.

Orfeu por Sergio Coimbra

DESCUBRA QUE TORRAR E MOER
TAMBÉM SÃO JEITOS DE FAZER ARTE.

Orfeu é um café Categoria Especial e com certificação de origem. Todo o processo é feito dentro das Fazendas Sertãozinho de acordo com os mais altos padrões de qualidade.

Grãos | Torrado e Moído | Cápsulas para Nespresso*

ORFEU. UM CAFÉ PARA VOCÊ DESCOBRIR.
cafeorfeu.com.br

OITO NOTAS

QUE RESUMEM A SEMANA

Eike semana difícil

O empresário **Eike Batista** tentou sair, mas ficou na cadeia. Na quarta-feira, dia 1º, o desembargador Vigdor Teitel negou *habeas corpus* impetrado pela defesa do empresário. Eike é acusado de pagar propina de US$ 16,5 milhões ao ex-governador Sérgio Cabral, encarcerado desde novembro. Eike foi preso pela Polícia Federal na segunda-feira, dia 30, ao desembarcar no aeroporto do Galeão, no Rio de Janeiro, de um voo vindo de Nova York. Ao chegar à cadeia, foi recebido por detentos com gritos de "vou te matar!".

Terror no Louvre

Na sexta-feira, dia 3, um soldado disparou cinco tiros contra um homem que o atacou com um facão na porta do **Museu do Louvre**, em Paris. O suspeito gritava "Allahu akbar" – "Alá é grande", em árabe. O primeiro-ministro francês, Bernard Cazeneuve, disse que o ato foi um ataque de caráter terrorista. O homem ficou gravemente ferido na barriga.

SEGURO-FRAUDE

O Ministério do Trabalho bloqueou R$ 53,8 milhões em benefícios de cerca de

9.000

TRABALHADORES

devido a fraudes no seguro-desemprego, cometidas entre agosto e dezembro de 2016.

Prejuízo sem precedente

O governo registrou déficit primário de R$ 155,7 bilhões em 2016, de acordo com as informações divulgadas na terça-feira, dia 31, pelo Banco Central. O dado foi considerado o pior desde que o balanço econômico foi iniciado, em 1997. O ministro da Fazenda, **Henrique Meirelles**, considerou o resultado "melhor que o esperado", já que o déficit previsto era de R$ 170 bilhões.

Em liberdade

A Justiça mandou soltar na quinta-feira, dia 2, **Rogério Jeremias de Simone**, o Gegê do Mangue, número 3 na hierarquia do PCC, a maior facção criminosa do país. Gegê é acusado de formação de quadrilha, tráfico de drogas e 11 homicídios. A defesa conseguiu reverter, antes dos julgamentos, as prisões provisórias que o mantinham detido.

RIO EM CHAMAS Manifestante caminha próximo a um ônibus incendiado durante um confronto entre servidores públicos e a Polícia Civil no centro do Rio de Janeiro. O protesto ocorreu na quarta-feira, dia 1º, perto da Assembleia Legislativa (Alerj). Os manifestantes contestavam o pacote de austeridade anunciado pelo governo.

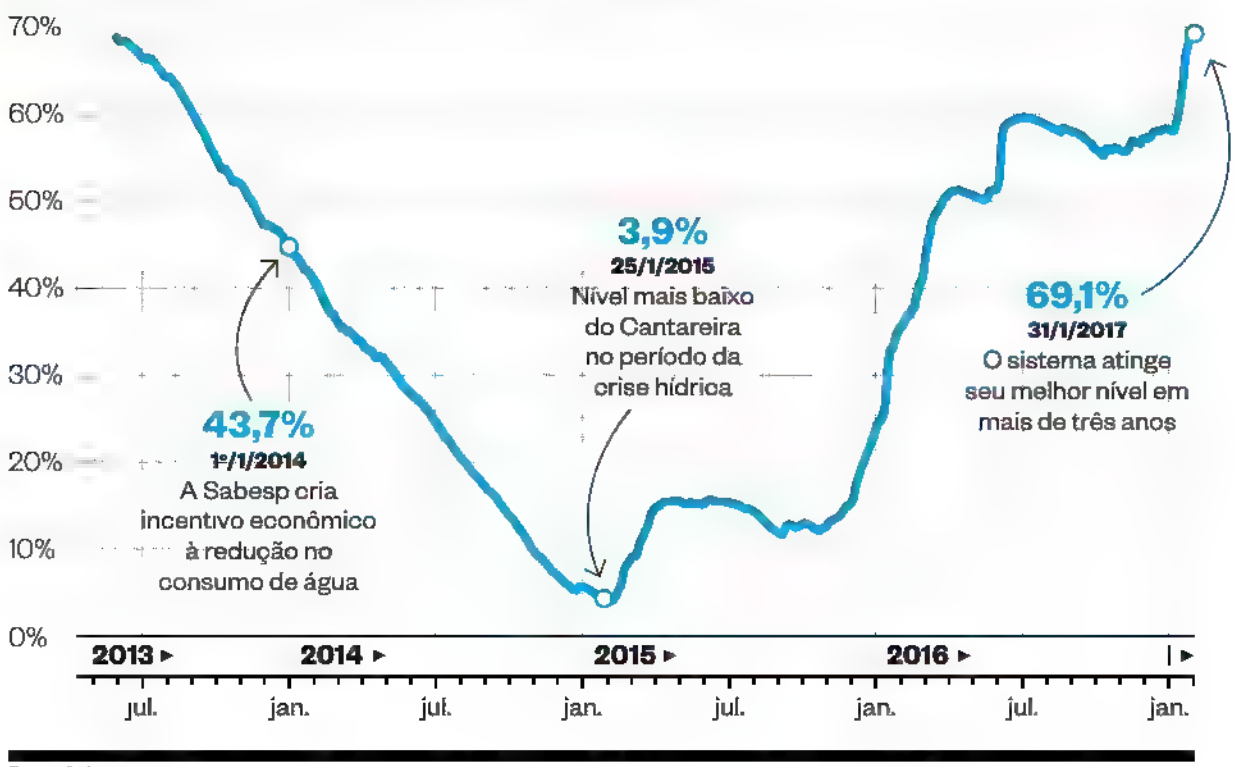
Partida iminente

O **Parlamento britânico** autorizou na quarta-feira, dia 1º, que a primeira-ministra, Theresa May, ative o Tratado de Lisboa, documento que dará início à saída do Reino Unido da União Europeia. A votação teve 498 votos a favor e 114 contrários. O Brexit foi aprovado em referendo realizado em junho de 2016 por mais de 1,2 milhão de votos de diferença.

E a água voltou a São Paulo

O Sistema Cantareira, maior reservatório de água da Grande São Paulo, conseguiu recuperar o volume que tinha antes da crise iniciada em 2014. Com as volumosas chuvas de janeiro, o reservatório atingiu 69,1% de sua capacidade na terça-feira, dia 31, índice que exibia em maio de 2013.

Nível do sistema, em % da capacidade total (1,3 trilhão de litros)



Fonte: Sabesp

Fotos: Reginaldo Pimenta/Raw Image/Ag. O Globo, Christian Hartmann/Reuters Ricardo Moraes/ Reuters, AFP Suamy Beydoun/AGIF, reprodução

DOZE FRASES

QUE RESUMEM A SEMANA

Fotos: Michael Gottschalk/Photothek via Getty Images, reprodução, Aline Massuca/Valor/Folhapress, José Varella/CB/D.A Press e Stefano Martini / Editora Globo

“As penitenciárias se transformaram em verdadeiras usinas de revolta humana”

Defesa de Eike Batista, em petição à Justiça Federal, ao afirmar que se preocupa com a integridade física do empresário na cadeia

“Jamais trabalhei como assistente do meu marido ou qualquer coisa parecida. Estava em casa, ocupada com as crianças”

Penelope Fillon, mulher de François Fillon, candidato à Presidência da França, numa entrevista em vídeo de 2007. A acusação de que Penelope fora sua funcionária fantasma ameaça sua candidatura

“Vai tomar Catuaba Selvagem com o teu colega Cabral?”

Homem desconhecido que passava por Eike Batista durante entrevista ao vivo à TV Globo no Aeroporto Internacional John F. Kennedy, em Nova York. “Paciência, é assim, não é?”, comentou o empresário, que foi preso ao chegar ao Brasil

“O Irã está brincando com fogo – eles não apreciam quão gentil Obama foi com eles. Eu não serei!”

Donald Trump, presidente americano. Ele se referiu ao pacto nuclear firmado pelos Estados Unidos com o Irã como “terrível”

“Eu acho que a pressão e a tensão fazem as pessoas chegar ao ponto que a Marisa chegou”

Lula, ex-presidente, sobre o AVC (acidente vascular cerebral) sofrido pela ex-primeira-dama Marisa Letícia

“Em vez de ser aplaudido agora, prefiro ser aplaudido depois”

Michel Temer, presidente, ao justificar medidas impopulares de ajuste fiscal em entrevista ao jornal britânico *Financial Times*

“A fumaça dos DVDs pode ser tóxica e eu ainda tenho seu dinheiro, mas de qualquer forma posso emprestar meu isqueiro”

J.K. Rowling, escritora britânica, após um fã ameaçar queimar os livros e filmes da saga *Harry Potter* por ela ter postado comentários anti-Trump em sua rede social

“Centrão é página virada”

Rodrigo Maia (DEM-RJ), presidente reeleito da Câmara dos Deputados, depois de vencer o candidato do centrão, deputado Jovair Arantes (PTB-GO)

ALÔ, TERRA?

“Os demônios foram indo para trás. Quando sumiram, Casagrande pegou a maleta e foi para a clínica”

Baby do Brasil, ao contar a experiência sobrenatural do ex-jogador Casagrande antes de ir para uma clínica de reabilitação para se recuperar do vício das drogas

QUEM DISSE

“Seja ou não nepotismo, a decisão foi absurda. E demonstra que o PRB do prefeito não tem quadros e precisa até recorrer ao filho dele”

Paulo Pinheiro, vereador (PSOL-RJ), após o prefeito Marcelo Crivella, do Rio de Janeiro, escolher o filho para ser secretário-chefe da Casa Civil

“Ninguém conhece melhor o meu filho. E quem nomeia sou eu”

Marcelo Crivella, prefeito do Rio de Janeiro, sobre sua decisão de nomear o filho, Marcelo Hodge Crivella, como secretário-chefe da Casa Civil

EXPRESSO

POR MURILO RAMOS

expresso@edglobo.com.br

Lista grande

"Novo Teori"

O presidente **Michel Temer** pretende indicar o novo ministro do Supremo Tribunal Federal nesta semana. Temer sabe que não pode errar – e errar significa escolher um nome controverso ou, pior, que transmita a impressão de que o Planalto tenta emplacar um amigo na Corte. O presidente busca um candidato inatacável, jurídica e moralmente. Ou seja: alguém, de preferência um magistrado, competente e sereno, como **Teori Zavascki**. Nenhuma das 28 opções de nomes que chegaram ao Planalto agradaram a Temer. O presidente gostaria de receber uma indicação que viesse chancelada pela maioria dos ministros do STF. Até agora, isso não aconteceu. "Espero ter uma luz neste fim de semana", disse Temer a amigos.

O papa e o STF

O presidente do Tribunal Superior do Trabalho, **Ives Gandra Filho**, nutre grande expectativa de ser nomeado por Temer para o STF. Católico fervoroso e vinculado à Opus Dei, Gandra Filho obteve apoio de integrantes influentes da Igreja. Orgulhoso, exibe a alguns deles uma foto tirada no ano passado com o **papa Francisco**. Na semana passada, Gandra Filho também conquistou o apoio do bispo Robson Rodovalho, presidente da Confederação dos Conselhos de Pastores do Brasil e fundador da Igreja Sara Nossa Terra.

Não ao papa?

As chances de Temer indicar Gandra Filho, no entanto, são pequenas, apesar do lobby forte e da simpatia do presidente por ele. Temer avaliava, até sexta-feira, dia 3, que o perfil conservador do presidente do TST era inadequado para o momento. Ainda assim, ficou incomodado com o massacre sofrido pelo magistrado após exposição de artigo em que defende a submissão das mulheres e ataca a união entre pessoas do mesmo sexo. "Há muito preconceito contra ele", disse o presidente a interlocutores.

Vigiado

O STF vai reforçar a segurança do ministro Edson Fachin, escolhido como relator da Lava Jato na Corte na semana passada. O mesmo acontecera com Teori Zavascki. O juiz Sergio Moro, relator na primeira instância, também conta com um esquema especial.

Trabalho dobrado

Antes de relatar a Lava Jato, Fachin dedicava parte do tempo a atualizar seu livro *Teoria crítica do Direito Civil*, cuja primeira edição foi publicada em 2000.

Blindado

A Procuradoria-Geral da República prevê gastar até R$ 17 mil para alugar carros blindados para Rodrigo Janot circular no Rio de Janeiro e em São Paulo. A justificativa para o gasto está na alta periculosidade das cidades.

Blindado?

A continuidade de Janot à frente da PGR a partir de setembro divide opiniões. Os favoráveis acham que a Lava Jato sofrerá queda de produção com a saída dele. Os contrários dizem não fazer sentido Janot permanecer por seis anos no posto. Seja como for, nomes de pretendentes ao cargo chegam a Temer.

Fotos: Beto Barata/PR, Alan Marques/Folhapress, Wilton Junior/Estadão Conteúdo, Frankie Marcone/Futura Press e reprodução

Querem saber

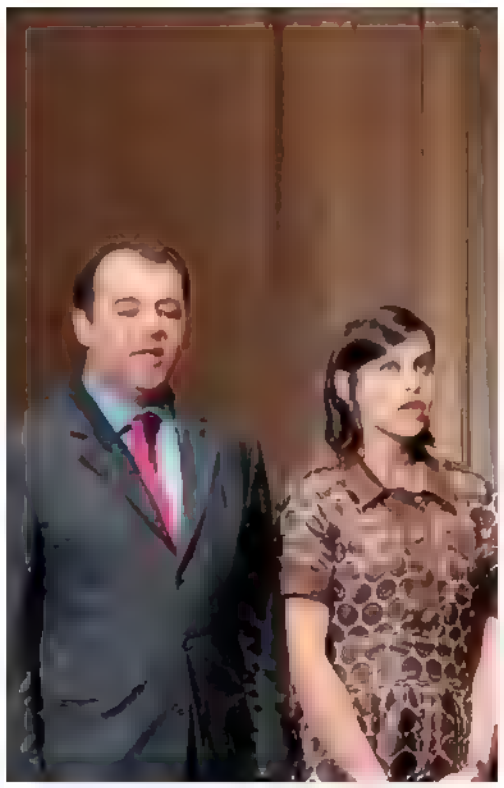
Juízes auxiliares de Teori Zavascki perguntaram insistentemente a delatores da Odebrecht se procuradores da República, com quem as colaborações foram negociadas, fizeram questionamentos sobre o envolvimento de integrantes do Judiciário na Lava Jato. Advogados dos executivos interpretaram essa abordagem dos juízes como um recado do Supremo ao Ministério Público. Algo como: "Não venham atrás dos tribunais".

Cifrões

Investigadores da Lava Jato estão impressionados com a quantidade de falhas e omissões dos bancos brasileiros nas operações de lavagem de dinheiro dos acusados. Querem abrir investigação para apurar responsabilidades das instituições financeiras.

SOS

Num ato de desespero, o ex-governador do Rio de Janeiro Sérgio Cabral cogitou mandar um pedido de socorro ao ministro do Supremo Tribunal Federal Luiz Fux. Cabral pensou que, por ter apoiado a nomeação de Fux para o Supremo em 2011, o ministro poderia ajudá-lo de alguma forma a deixar a prisão em Bangu, onde está preso há mais de dois meses.



Preocupados

Dobradinha

Cabral e sua mulher, **Adriana Ancelmo**, também presa em Bangu, contam com a possibilidade de fazer delações premiadas para que pelo menos um deles deixe a cadeia. Estão preocupados com seus dois filhos, que têm 14 e 10 anos. Para receber algum benefício, no entanto, Cabral e Adriana terão de passar informações preciosas demais aos investigadores – e prová-las.

Corta-folga

O ministro do STF Gilmar Mendes está empenhado em cancelar parte dos feriados do Judiciário. Mendes pediu uma análise sobre o impacto dessa ação ao Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Se não der certo por lá, pensa em trabalhar uma proposta no Congresso Nacional para diminuir os descansos.

Saudades

Ao sair da presidência do Senado, Renan Calheiros perdeu o direito de utilizar aviões da FAB em seus deslocamentos semanais entre Brasília e Maceió. Renan fará qualquer negócio para embarcar em jatinhos particulares, evitando xingamentos e vaias em aeroportos.

Meu Jaburu

Temer e Marcela resistiram a deixar o Palácio do Jaburu. Estão acostumados com o local, que, segundo eles, tem mais jeito de casa. Consideram o Alvorada um lugar suntuoso e frio. Apesar disso, deverão se mudar até o fim do mês para lá. Assessores do presidente são favoráveis à mudança por questões de segurança.

Cabeceira

Temer está lendo o livro *Sapiens*, do israelense Yuval Harari. A obra resume a história da humanidade desde os primórdios até hoje. Segundo Harari, o homem dominou o planeta porque conseguiu se organizar e por acreditar em produtos de sua imaginação, como deuses e dinheiro.

Sobrevivente

O presidente assistiu de uma só vez à série americana *Designated survivor*. Ela conta a história de um secretário do governo americano que assume a Casa Branca após o presidente e os demais secretários morrerem num atentado. O charme da série são os desafios que o sobrevivente enfrenta no poder.

O terror de Alcaçuz

O governador do Rio Grande do Norte, **Robson Faria** (PSD), contou a assessores de Michel Temer que seu governo não tomou medidas mais enérgicas contra as rebeliões no presídio de Alcaçuz, ocorridas na metade do mês de janeiro, porque temeu por sua vida e a de seus familiares.

Leia a coluna EXPRESSO em epoca.com.br

GUILHERME FIUZA

Réquiem para Maria Sapatão

Tragédia no Carnaval: Maria Sapatão foi fuzilada a sangue-frio, ante os olhares atônitos dos foliões. Numa sequência brutal, os serial killers da bondade progressista abriram fogo contra Zezé, o da cabeleira. Ninguém mais poderá perguntar "será que ele é?". Abatido à queima-roupa, Zezé não é mais nada – nem transviado. A faxina cultural deixaria Mao Tsé-tung boquiaberto ao avançar sobre a mulata – um dos mais famosos símbolos carnavalescos – e acabar com sua raça. Quem mandou ficar rebolando?

A decisão tomada por alguns blocos de rua do Rio de Janeiro, de banir as marchinhas com referências às tradicionais figuras supracitadas, é mais um passo épico da revolução moderna. O processo é comovente: você reúne toda a sua bravura para sair em defesa da mulata contra um preconceito que ela não sabia que sofria. Mas você, humanista de plantão, sabe. E vai ensiná-la a se sentir violentada pelo racismo sempre que ouvir a palavra "mulata" – que é evidentemente uma expressão cruel, hedionda e cunhada como instrumento de dominação da elite branca.

Antes de tomar essa atitude corajosa, você era um alienado, um espírito de porco, enfim, um idiota. Mas, depois de conseguir transformar a mulata em credora da opressão racial e fazê-la odiar quem a chama de mulata, você é um revolucionário.

O Brasil e o mundo estão avançando rumo às cotas mentais. Essa gente descolada e consciente está aí para não deixar ninguém se esquecer de que a escravidão foi ontem – como diria Barack Obama – e que esse flagelo da humanidade só será superado se um dia as pessoas pularem Carnaval pensando nisso. Chegaremos à perfeição quando uma negra ganhar um beijo de um branco atrás do trio elétrico e devolver-lhe uma chibatada – acerto de contas.

O fenômeno politicamente correto é uma bênção. Quanta gente medíocre estava aí pelos cantos sem saber o que fazer com sua mania de grandeza? Era um cenário desolador, de dar pena mesmo, que felizmente está superado. Hoje você joga uma frase qualquer contra a homofobia nas redes sociais e pode correr para o abraço. "Aí eu vou pra galera!", exclamaria o Seu Boneco, personagem do tempo em que o exibicionismo canastrão era piada. O que os gays que fizeram história há 50 anos em San Francisco devem estar achando desses nerds brincando de vanguarda sexual?

Não interessa. A vida real e as transformações verdadeiras dão muito trabalho – e não permitem ir "pra galera" na velocidade de um clique. Legal mesmo é a narrativa. Essa é molezinha – e faz milagres na vida dos inúteis. Para vocês terem uma ideia, o Brasil teve recentemente uma presidente da República afastada por delinquência – e essa pobre coitada não só continua a salvo da polícia, como a narrativa da "presidenta" ainda lhe vale uma bela trincheira mercadológica. Entenderam? A credencial de mulher progressista vale para todos os Carnavais – inclusive esses em que Maria Sapatão foi barrada. Fantasia é tudo.

O bom dessa revolução é que ela é prática – você declama seus conceitos de R$ 1,99 e triunfa. Sendo progressista, portanto uma pessoa boa, portanto a favor dos fracos, portanto guardião do que é nosso, portanto defensor da Petrobras, você pode roubar a Petrobras sem deixar de ser do bem. Sendo contra o Cunha (lembram-se dele?), você pode virar herói da resistência democrática contra o golpe – e, se sua posição favorecer a narrativa da quadrilha, ninguém vai nem notar.

> ABRIRAM FOGO CONTRA ZEZÉ, O DA CABELEIRA. ABATIDO À QUEIMA-ROUPA, ELE NÃO É MAIS NADA – NEM TRANSVIADO

Um marciano que pousasse agora na Terra perguntaria a você, à luz de seus conceitos de 1,99, qual a diferença entre uma revolução progressista e uma recaída moralista. A criatura esverdeada quereria saber se essa onda de botar a cor da pele, a opção sexual e o atestado ideológico à frente de tudo é combate ao preconceito ou exploração dele. Se você não o chamasse de fascista e o mandasse voltar para Marte, o alienígena ainda lhe perguntaria, inocentemente, se bordoada de policial malvado é mais dolorosa do que rojão de militante bonzinho.

Esses marcianos são insuportáveis e não entendem nada de humanismo. Você é capaz de entrar numa conversa dessas se achando moderno e sair com a certeza de que é reacionário. Se surgir um desses na sua frente, não hesite: tranque-o no armário, junto com Maria Sapatão e a cabeleira do Zezé. ◆

Guilherme Fiuza é jornalista. Publicou os livros *Meu nome não é Johnny*, que deu origem ao filme, *3.000 dias no bunker* e *Não é a mamãe – Para entender a Era Dilma*. Escreve quinzenalmente em ÉPOCA **gfiuza@edglobo.com.br**

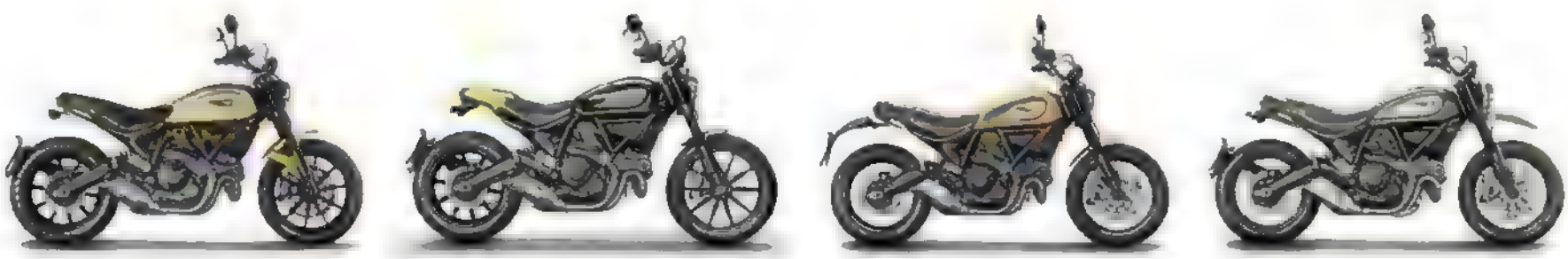
COMUNICADO IMPORTANTE

RECALL

SCRAMBLER DUCATI

A Ducati do Brasil convoca os proprietários de todas as versões da motocicleta modelo Scrambler a contatar uma concessionária Ducati para a substituição do parafuso de fixação do suporte lateral da motocicleta.

MODELO	SCRAMBLER - TODAS AS VERSÕES
ANO/MODELO	2015 E 2016
CHASSIS	95VK100AAGM000001 A 95VK100AAGM000552



A Ducati constatou a possibilidade de a porca de retenção do pivô do suporte lateral da motocicleta afrouxar e se soltar, fazendo com que o sensor do interruptor do suporte lateral não detecte a sua posição correta. Isso pode impedir que o condutor dê partida no motor quando a motocicleta está estacionada.

Em casos extremos, a motocicleta pode entrar em movimento com o suporte lateral ainda estendido, ou o sensor do interruptor pode desengatar com a motocicleta em movimento, provocando o desligamento do motor, havendo risco de danos físicos e materiais ao condutor, ao garupa e a terceiros. Até o momento não temos registro de qualquer caso no Brasil.

Para mais informações, ligue **0800 738 2284**, de 2ª a 6ª feira, das 8h às 17h, ou procure uma Concessionária Autorizada Ducati Rede mais próxima pelo site **www.brasil.ducati.com**.

O tempo estimado do reparo é de até 30 minutos.

Esta iniciativa visa assegurar a máxima satisfação de nossos clientes, garantindo a qualidade, a segurança e a confiabilidade de nossos produtos.

SUA OPINIÃO

Escreva para:
epoca@edglobo.com.br

EIKE ESCÂNDALO

Em "O rei do Rio foi destronado" (971/2017), ÉPOCA explica a saga de Eike Batista e o motivo de sua prisão

Há, hoje em dia, uma enorme quantidade de personalidades do mundo da fama absolutamente esquecidas. Elas estão morrendo de inveja da exposição de Eike Batista, que é maior ainda do que quando ele era um biliardário. Como se usa dizer, o importante é estar na mídia. Com ironia, por favor!

Maria Elisa Amaral,
São Paulo, SP

O senhor Eike Batista sempre foi um vendedor de vento, um ilusionista, e só prosperou porque teve no governo do Rio, na figura de Sérgio Cabral e sua quadrilha, e na organização criminosa do PT em nível federal o sustentáculo para suas astúcias.

Luiz Thadeu Nunes,
São Luís, MA

SIGILO NA DELAÇÃO DA ODEBRECHT

Nota da coluna EXPRESSO mostrou que o presidente da OAB, Cláudio Lamachia, cobrou o fim do sigilo sobre os depoimentos dos delatores da construtora Odebrecht

O povo precisa saber a verdade, é preciso mostrar a cara de todos. Não importa o partido: roubou, tem de pagar!

Edésio Miranda,
via Facebook

O povo tem o direito de saber. Depois de sofrer tanto, merece saber. Tomara que saiam nomes de todos os partidos para acabar com o "mimimi" que os militantes adoram.

Paulo Junior,
via Facebook

COMENTÁRIO DA SEMANA

"Defino o Eike em poucas palavras: um Robin Hood às avessas. Rouba dos pobres para barganhar com os ricos"

Otávio Bhzte,
via Facebook

O sigilo tem função importante na investigação, devendo preservá-lo até o complemento de sua função maior. Na delação, deve-se primeiro ter base e fundamentos legais do crime cometido, para depois divulgá-la. Senão, entraremos no campo da injúria ou calúnia.

Norberto Carias dos Santos, via Facebook

Bola dentro para a ministra Cármen Lúcia, presidente do STF, ao homologar a delação da Odebrecht. Bola fora ao manter o sigilo das investigações, porque o cidadão comum já não entende por que políticos possuem "foro privilegiado". Teremos também "sigilo privilegiado"?

Beatriz Campos,
via Facebook

EIKE BATISTA, NEM SANTO NEM DIABO

A coluna de Ruth de Aquino comenta a filantropia e a ostentação de Eike Batista

É isso mesmo, Ruth. O título do artigo já mostra os dois lados da moeda. "Nem santo nem diabo", mas um pouco de cada um.

Clovis Miranda,
via Facebook

Nada disso. Eike representa, nada mais, nada menos, o que o país de fato é: uma fraude.

Maria Pacheco,
via Facebook

MAIS COMENTADAS

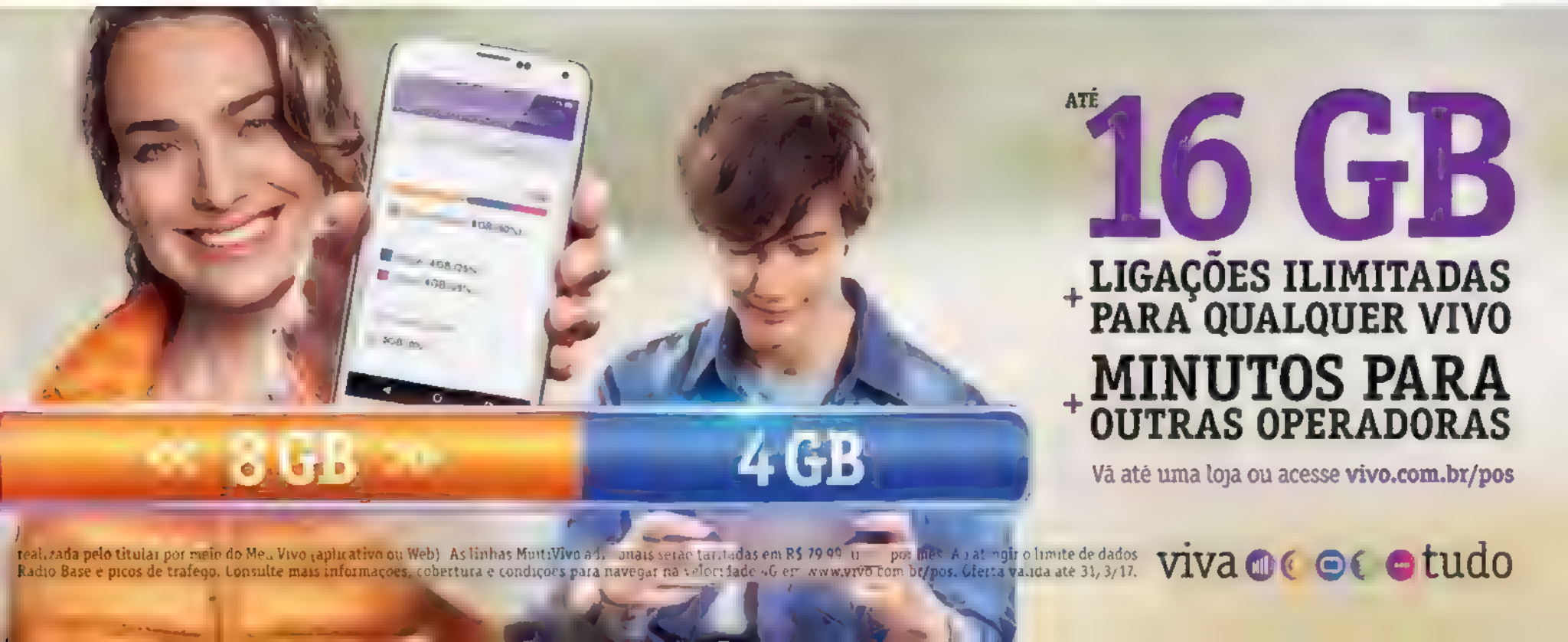
1. **Irã proibirá entrada de americanos**
2. **Aluna nota 1.000 no Enem é hackeada...** EXPRESSO
3. **Brasil vai dispensar vistos de entrada...** EXPRESSO
4. **Mais de 1.200 beneficiários do Minha Casa têm carros...** EXPRESSO
5. **Eike Batista, nem santo nem diabo** Ruth de Aquino

MAIS LIDAS

1. **Aluna nota 1.000 no Enem é hackeada...** EXPRESSO
2. **Presidiários recebem Eike com: "Vou te matar"**
3. **A dívida diminui: o Palmeiras devolveu...** ÉPOCA Esporte Clube
4. **Juiz que auxiliou Teori na Lava Jato deixa o STF** EXPRESSO
5. **Entenda o pedido de prisão de Eike Batista**

MAIS COMPARTILHADAS

1. **Aluna nota 1.000 no Enem é hackeada...** EXPRESSO
2. **Irã proibirá entrada de americanos**
3. **Presidiários recebem Eike com: "Vou te matar"**
4. **Mais de 1.200 beneficiários do Minha Casa têm carros...** EXPRESSO
5. **OAB pressiona STF para levantar sigilo...** EXPRESSO



Teste de resistência

Os Estados Unidos têm um excelente sistema de pesos e contrapesos para evitar concentração de poder. Que o sistema consiga segurar Donald Trump

Donald Trump mostrou abertamente sua forma particular de lidar com o jogo democrático na fase final da campanha eleitoral americana. No debate final com a candidata Hillary Clinton, a três semanas das eleições, Trump se recusou a dizer se aceitaria o resultado das urnas caso perdesse. "Direi a você quando for o momento", afirmou ao moderador do debate. Também disse que o próprio processo eleitoral estava deturpado. A posição de Trump gerou forte reação negativa. Trump quebrou uma tradição entre os candidatos de expressar respeito pela alternância de poder mediada pelo voto. O episódio foi visto como mau sinal por vários analistas.

Agora os primeiros dias de governo de Trump mostram que os temores eram justificados. O presidente demonstrou como pretende lidar com visões diferentes das suas. Quando protestos eclodiram na prestigiada Universidade Berkeley, na Califórnia, Trump ameaçou pelo Twitter retaliar a instituição cortando verbas. Centenas de diplomatas americanos assinaram um documento se opondo às medidas anti-imigrantes. Imediatamente, o porta-voz da Casa Branca, Sean Spicer, afirmou que os insatisfeitos devem pedir demissão. Quando Sally Yates, secretária interina de Justiça (apontada por Barack Obama), se recusou a defender as medidas (por considerá-las ilegais), Trump simplesmente mandou demiti-la.

O comportamento de Trump na Casa Branca é apenas a continuação de seu histórico pessoal. Durante a campanha, acusou o próprio Partido Republicano de fazer parte de um pacto de corrupção. Sua campanha foi recheada de mentiras. Ok, Bill Cinton disse que não fez sexo com Monica Lewinsky. Mas Trump disseminou inverdades em escala industrial. Segundo um levantamento da PolitiFact, 70% das afirmações de Trump eram falsas. Uma vez dono da voz oficial, o hábito de disseminar falsidades continuou. Diante do pouco público em Washington para a cerimônia de posse, não se inibiu: "Parecia, honestamente, ter 1 milhão ou 1 milhão e meio de pessoas", disse. O porta-voz oficial foi além e afirmou que foi a maior multidão já vista numa posse. Na verdade, uma comparação das fotos aéreas mostra sem dúvida que na posse de Trump havia menos de um terço da multidão reunida para ver Obama em 2009.

Trump também adota a tática de desmoralizar braços do governo que agem contra seu interesse. Quando as agências de inteligência americanas divulgaram que a Rússia hackeou sites americanos para influenciar nas eleições a favor de Trump, o presidente eleito disse que o relatório era "ridículo". De novo via Twitter, sugeriu que a vigilância das agências se assemelhava à da Alemanha nazista.

Para muitos analistas, a chegada de Trump ao poder é o grande teste de resistência da de-

Foto: Chip Somodevilla/Getty Images

PRIMEIROS PASSOS
Donald Trump na Casa Branca. O porta-voz oficial adotou a prática de disseminar inverdades

mocracia americana. Segundo o economista americano Francis Fukuyama, os americanos acreditam profundamente em seu sistema constitucional, com sistemas de pesos e contrapesos projetados para defender o país de tiranias ou concentração excessiva de poder. "Mas esse sistema nunca foi desafiado por um líder disposto a desmontar as normas e as leis", afirma.

Hoje o partido de Trump controla as duas casas do Congresso. Também é verdade que os republicanos no Congresso não são tão unidos assim. Lideranças proeminentes do partido manifestaram repúdio a algumas das posições de Trump. E a própria equipe do governo federal parece dividida. Alguns como o secretário de Estado, Rex Tillerson, manifestaram visões opostas às do presidente. Mesmo que eles se rendam ao chefe, precisarão de muita habilidade e tempo para superar as resistências da burocracia oficial.

A maior esperança de resistência a Trump está no sistema federalista americano, que pulveriza o poder entre estados e municípios. Várias cidades têm políticas para não colaborar com o esforço federal para deportar imigrantes. Elas têm esse direito garantido pela Constituição. Diversos estados também se preparam para resistir às leis de Trump. A Califórnia criou um programa para financiar ajuda a imigrantes ameaçados e orientar advogados públicos para defendê-los. Acima disso tudo, há a força da sociedade americana, que começa a ir às ruas contra as manifestações machistas, racistas e xenófobas do presidente eleito *(leia mais a partir da página 52)*.

Os próximos anos de ansiedade afetarão outros países, como o Brasil. O regime democrático americano, com o equilíbrio de poder, a liberdade de expressão e a constante vigilância pública, historicamente inspirou e influenciou o resto do mundo civilizado. Que o bastião das liberdades e direitos individuais esteja diante de uma crise interna é desconcertante e temerário. Enquanto os próprios Estados Unidos, pelas mãos dos americanos, não reencontram o rumo de seus valores fundadores, cabe às outras nações democráticas zelar pela manutenção desses princípios civilizatórios em casa e defendê-los sem hesitação. ◆

Com a Multiplus e a Editora Globo,
você tem o **melhor da vida**
e **da informação**

PROMOÇÃO AUTORIZADA
CAIXA

Concorra a **um milhão de pontos**
e escolha entre **mais de 500 mil itens** para resgatar!

Saiba como em **euqueroummilhaodepontos.com.br**

EDITORA GLOBO | parceiro multiplus

TEMPO
NOTÍCIAS DO PLANALTO

A LAVA JATO DEPENDE DELE

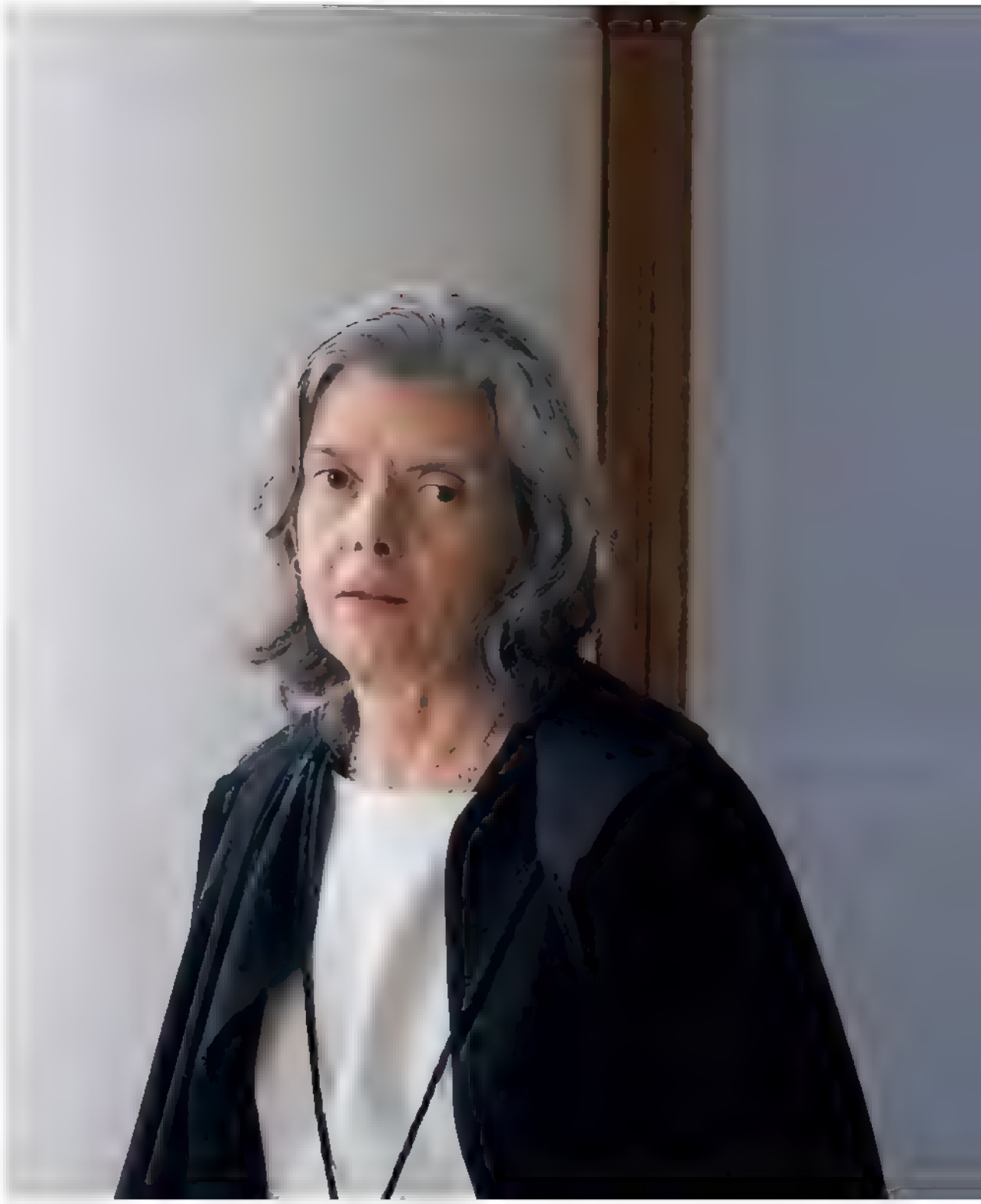
Novo relator do maior caso de corrupção do país, Luiz Edson Fachin é um ministro discreto, que costuma seguir o padrão das decisões tomadas antes pelo Tribunal

Talita Fernandes

de relatar os processos da Lava Jato

Menos de 24 horas após ser escolhido como o novo relator da Operação Lava Jato pelo complexo algoritmo que comanda o sorteio dos processos em tramitação no Supremo Tribunal Federal (STF), o ministro Luiz Edson Fachin reuniu-se com o procurador-geral da República, Rodrigo Janot. Queria checar a metodologia de trabalho dos procuradores e conhecer a extensão da delação da Odebrecht. Conhecido por ser um ministro técnico, Fachin chegou ao Supremo em meados de 2015 por indicação da ex-presidente Dilma Rousseff e em menos de um ano e meio assume o que será seu maior desafio em sua carreira como juiz. Nas próximas semanas, ele terá de lidar com a maior delação já feita por uma empresa brasileira. No total, 77 executivos da Odebrecht concordaram em falar às autoridades brasileiras sobre as relações que mantinham com políticos de todos os matizes e níveis hierárquicos. O acervo contém desde doações de campanha em troca de favores pessoais até superfaturamento de contratos com a Petrobras para o pagamento de propinas. A delação guarda uma inédita capacidade de convulsionar o país.

Fachin recebia o governador do Rio de Janeiro, Luiz Fernando Pezão, em seu gabinete, na quinta-feira, quando o resultado do sorteio eletrônico que o tornou relator da Lava Jato foi divulgado. O ministro, consciente do desafio que o aguarda, agiu rápido ainda naquela manhã. Chamou a seu gabinete o juiz Márcio Schiefler, braço direito que auxiliava Teori Zavascki na condução da Lava Jato no Supremo. Eles conversaram rapidamente para iniciar o processo de transição. O juiz, convocado da Justiça de Santa Catarina para auxiliar nos trabalhos do STF, pediu na última semana à ministra Cármen Lúcia para voltar a sua jurisdição de origem. Contudo, por ser considerado uma espécie de backup humano dos trabalhos feitos por Teori, morto em acidente aéreo no dia 19, o juiz Schiefler deve atender aos apelos feitos por Cármen e pelo próprio Fachin e postergar seu retorno em alguns dias para ajudar na transição que migrará a Lava Jato do 3º andar (onde ficava o gabinete de Teori) para o 5º (onde Fachin despacha).



TRANSIÇÃO
A presidente do Supremo, ministra Cármen Lúcia. Ela pediu que um juiz auxiliar de Teori Zavascki permaneça no Tribunal para fazer a passagem da Lava Jato para Fachin

Oriundo da advocacia, especializado em cuidar de questões da família e de Direito Civil, Fachin deve repetir o modelo adotado para escolher o juiz que o auxilia desde que chegou ao Supremo, em junho de 2015. Na ocasião, trouxe Ricardo Rachid de Oliveira, experiente juiz com atuação em matéria penal no Paraná, para atuar como seu juiz instrutor. Rachid tem experiência, ainda que de passagem, na Lava Jato. Enquanto o Judiciário estava em recesso, partiu dele a ordem para que a Polícia Federal cumprisse um mandado de prisão contra o ex-diretor da Área Internacional da Petrobras Nestor Cerveró.

FACHIN EM AÇÃO

Em um ano e meio como ministro do Supremo, Luiz Edson Fachin mostrou-se um juiz duro em ações de grande repercussão

PRISÃO

Prisão após condenação em segunda instância – durante o recesso do Judiciário, o então presidente do Supremo, Ricardo Lewandowski, mandara soltar o prefeito de Marizópolis, Paraíba, apesar de ele ter sido condenado em segunda instância. Fachin reverteu a decisão e mandou o prefeito de volta para a cadeia, baseado na jurisprudência da Corte

CASO RENAN

Abertura de ação penal contra Renan Calheiros – como relator, liberou ao plenário a denúncia contra o então presidente do Senado, parada por quase três anos no gabinete de Lewandowski. Votou por tornar Renan réu, acusado de usar uma empreiteira para pagar pensão à filha. A maioria da Corte o acompanhou

IMPEACHMENT

Impeachment de Dilma – suspendeu a tramitação do processo em dezembro de 2015, atentando a uma liminar que questionava o rito imposto pela Câmara. Quinze dias depois, surpreendeu pela dureza: entendeu que a Câmara deveria seguir o rito imposto pelo então presidente Eduardo Cunha. A maioria da Corte optou por um rito mais longo

Fachin sabe que precisará de mais braços para assumir os mais de 50 inquéritos decorrentes da Lava Jato, além das delações que estão por vir, pedidos de *habeas corpus*, ações penais e outros processos do caso. Ele deve pedir à presidência do Supremo nos próximos dias a convocação de mais juízes auxiliares. Dadas a enorme responsabilidade e a diversidade das causas que examinam, ministros do Supremo têm direito a equipes de apoio formadas por magistrados especializados em outras áreas que não a do ministro. Fachin acenou com pedido de ajuda ao juiz Sergio Moro, responsável pela maior parte dos processos da Lava Jato na primeira instância, em Curitiba.

Teori tinha três juízes a sua disposição. Fachin deve aumentar sua turma de apoio neste mês. O ministro afirma estar "tranquilo" para assumir o caso que promete tirar não só o seu sono como o da cúpula política do país. É Fachin quem aceitará ou rejeitará os pedidos feitos pelo Grupo de Trabalho da Lava Jato em Brasília, como abertura de inquérito, arquivamentos, buscas e apreensões.

Na tarde da própria quinta-feira, os servidores do gabinete de Fachin sentiram a mudança no ritmo de trabalho. O telefone tocou seguidamente e os funcionários tiveram de repetir como ficariam os processos com a mudança de turma de Fachin. Além disso, foram anotados mais pedidos de audiência, um deles da defesa de Eduardo Cunha, ex-presidente da Câmara que está preso em Curitiba pela Lava Jato e aguarda o julgamento de um pedido de liberdade previsto para 8 de fevereiro.

Fachin foi escolhido relator da Lava Jato por meio de um sorteio eletrônico do qual participaram também Celso de Mello, Ricardo Lewandowski, Dias Toffoli e Gilmar Mendes. A ministra Cármen Lúcia decidiu seguir a previsão regimental e distribuir a relatoria do caso para um dos integrantes do mesmo colegiado ao qual pertencia o antigo relator – Teori Zavascki –, ou seja, a Segunda Turma. O novato só participou do sorteio porque naquele mesmo dia foi aceito por Cármen seu pedido para migrar da Primeira para a Segunda Turma. Na justificativa do pedido, Fachin afirmou que queria honrar o trabalho de Teori e retribuir o gesto feito por Dias Toffoli quando ele chegou ao Supremo. Em 2015, os ministros concordaram que Toffoli migrasse da Primeira para a Segunda Turma para que o ministro que ainda não havia sido escolhido – que seria Fachin – fosse poupado de chegar à Corte já sob a missão de julgar a Lava Jato.

Desde que Teori morreu uma dúvida paira por todo o país: qual será o futuro da Lava Jato? Nem todas as respostas estão dadas por enquanto, mas uma espécie de alívio foi sentido pela opinião pública e pelos procuradores que cuidam das investigações desde que o nome do novo relator foi anunciado. Ainda que não seja especialista em Direito Penal, o fato de Fachin não ter feito declarações sobre a Lava Jato fora dos autos rendeu-lhe muitos pontos positivos ao se tornar o novo responsável pelo caso na Corte. Entre os demais integrantes do colegiado que julga a Lava Jato, a maioria já se manifestou publicamente sobre o caso, fora dos autos, colocando sob suspeita sua imparcialidade para a condução dos processos.

Ao contrário de quando seu nome foi escolhido pela ex-presidente Dilma Rousseff, Fachin não foi até agora alvo de críticas por sua conduta. Ele chegou ao Supremo em junho de 2015 depois do ▶

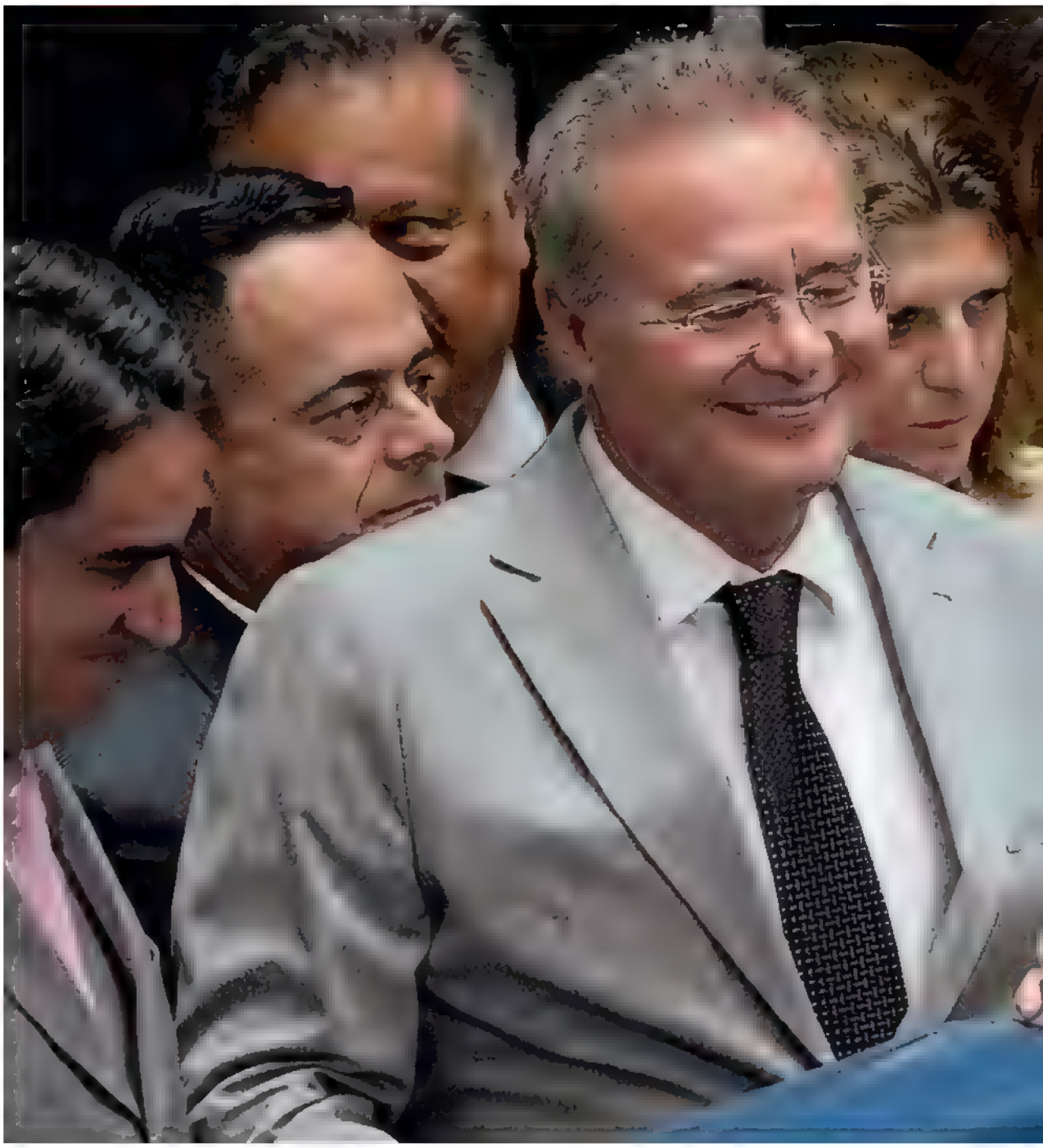
Foto: Sérgio Lima/ÉPOCA

mais longo período de indicação de um ministro para a Corte. Dilma levou quase um ano para escolher o substituto de Joaquim Barbosa, que decidiu antecipar sua aposentadoria em meados de 2014.

Desde que foi anunciado, em maio, até sua sabatina e aprovação pelo Senado, um mês depois, a vida de Fachin foi vasculhada por políticos, jornalistas e usuários de redes sociais. Entre os pontos questionados sobre sua conduta estava o apoio público declarado por ele à candidatura de Dilma Rousseff ao Palácio do Planalto em 2010. Além disso, foi questionado se o então professor de Direito da Universidade Federal do Paraná poderia ter advogado ao mesmo tempo que ocupava o cargo de procurador-geral daquele estado. Fachin ainda teve de se explicar publicamente sobre a proximidade com movimentos sociais, como o Movimento Sem Terra. Ainda que com muita resistência, 27 votos contrários à escolha de seu nome, Fachin passou e, com sua aprovação, essa primeira crise foi contornada.

De certa forma, a escolha de Fachin para relatar a Lava Jato no Supremo agradou à Procuradoria-Geral da República e também ao juiz Sergio Moro, que afirmou em nota que o ministro é "jurista de elevada qualidade". Fachin e Moro têm em comum o Paraná. Embora gaúcho de nascimento, o ministro fez toda sua formação acadêmica naquele estado. Ainda que vejam com bons olhos a escolha de Fachin, investigadores aguardam atentos o resultado da reformulação pela qual seu gabinete deve passar para dar conta do aumento no volume de trabalho.

Em um ano e meio de atuação como ministro do Supremo, Fachin já deixou algumas marcas. Ele adota um jeito próprio de falar, considerado muitas vezes confuso por aqueles que o ouvem ou leem. Tem um linguajar técnico, acadêmico. Recorre com frequência a vocábulos pouco usuais, até para juristas, e usa a ordem indireta para construir frases. Já em suas decisões, o ministro vem cumprindo o que afirmou em sua sabatina na Comissão de Constituição e Justiça do Senado: reafirma a jurisprudência da Corte *(leia quadro na página 41)*. Não é do time de ministros que, diante de um caso igual, surpreende com um entendimento inesperado. Se seguir o padrão na Lava Jato, Fachin deve manter as decisões tomadas pela primeira instância, pois é assim que o Tribunal tem decidido.



ALVOS
O ex-presidente do Senado Renan Calheiros e o atual, Eunício Oliveira. Eles são alguns dos citados na delação da Odebrecht, agora nas mãos de Luiz Edson Fachin

Fachin fez assim em agosto do ano passado quando, ao voltar do recesso do Judiciário, mandou prender o prefeito de Marizópolis, na Paraíba. Com o ato, desfez uma decisão tomada pelo então presidente do Supremo, Ricardo Lewandowski, durante o plantão no recesso. Lewandowski entendeu que o prefeito poderia recorrer à última instância em liberdade. Fachin, contudo, mandou que se cumprisse a jurisprudência da Corte – meses antes, o Supremo decidira que um réu deve iniciar o cumprimento da pena após a condenação em segunda instância.

Por outro lado, o ministro surpreendeu no exame do impeachment da pre-

sidente Dilma Rousseff. No começo de dezembro de 2015, Fachin mandou suspender a tramitação do impeachment na Câmara, ao acatar um pedido de liminar impetrado pelo PCdoB. Semanas depois, quando o tema foi levado ao plenário, Fachin decidiu pela manutenção do rito estabelecido por Cunha. Acabou vencido. A maioria do plenário seguiu o voto do ministro Luís Roberto Barroso.

Fachin é também o relator de uma ação penal da qual Renan Calheiros, do PMDB de Alagoas, é alvo. O ministro levou para plenário a denúncia que estava parada no Supremo desde 2013, sob relatoria de Lewandowski. Fachin recebeu críticas inicialmente quando, em meados do ano passado, retirou o tema de pauta a pedido dos advogados. Nos bastidores circula a informação de que ele aceitou os pedidos para que a Procuradoria corrigisse algumas imprecisões na denúncia e evitasse, assim, uma nulidade do processo no futuro. Contudo, apenas dois meses antes de deixar o comando do Senado, Renan virou réu pelas mãos de Fachin e da maioria do colegiado da Corte.

Com a relatoria definida, o Supremo ainda tem uma cadeira vaga que deverá ser ocupada pelo ministro a ser indicado pelo presidente Michel Temer. Ao deixar o velório de Teori Zavascki, em 21 de janeiro, o presidente da República disse que aguardaria a presidente do Supremo, Cármen Lúcia, definir a relatoria da Lava Jato para indicar o próximo magistrado que vai compor a Corte. Esse foi o combinado entre Executivo e Judiciário, para que o 11º ministro não chegasse ao Tribunal sob a pena de julgar a Lava Jato como tarefa primeira.

O novo ministro julgará a Lava Jato apenas nos casos que forem levados para o plenário. De acordo com uma modificação feita no regimento interno em 2014, as matérias penais são julgadas majoritariamente nas duas Turmas da Corte, composta cada uma delas por cinco magistrados. Apenas o presidente do STF fica fora desses dois colegiados. Para o plenário são endereçados apenas aqueles casos que são referentes a presidentes de Poder: casos de Temer, do presidente da Câmara, Rodrigo Maia, e do presidente do Senado, Eunício Oliveira. Os três estão entre os citados em delações da Odebrecht.

Apesar de o novo ministro estar livre de assumir a relatoria da Lava Jato, e de julgar a maior parte dos processos, ele será o revisor da Lava Jato nas questões que forem levadas ao plenário. O revisor é sempre o ministro mais novo no colegiado depois do relator. Como Fachin foi o último a ingressar, seu revisor no plenário será necessariamente o ministro a ser indicado por Temer. Cabe ao revisor reformar ou não o voto do ministro relator. Com esse cenário, ainda que sob pressão menor após a definição da relatoria da Lava Jato, o país aguarda ansioso pelo nome do 11º ministro e de como será o desempenho de Fachin no maior escândalo de corrupção que assola o país envolvendo empresários, operadores e a alta cúpula política. Boa parte do sucesso da Lava Jato vai depender de Fachin. ◆

ATÉ AGORA, FACHIN DECIDE SEMPRE DE FORMA A MANTER A JURISPRUDÊNCIA ESTABELECIDA PELO SUPREMO

Foto: Andressa Anholete/AFP

Hora de agradar o Congresso

Temer dá ministério ao PSDB, protege amigo da Lava Jato e negocia cargos com a Câmara. É a preparação para enviar reformas e buscar a sobrevivência

Bruno Boghossian

Não haviam passado 30 minutos desde a abertura do painel eletrônico que revelara sua permanência na presidência da Câmara quando o deputado Rodrigo Maia, do DEM do Rio de Janeiro, deu um diagnóstico que parecia certeiro: "O centrão é coisa do passado. É página virada". Era uma leitura idílica, compartilhada por líderes governistas que passaram a dizer que a derrota do candidato desse grupo, antes liderado por Eduardo Cunha (PMDB-RJ), encerrava a lógica baseada na chantagem e na troca de cargos por votos. Correram poucas horas até a comprovação de que a política real não se transforma assim.

Depois de entregar ao Congresso a mensagem presidencial para o ano legislativo, o ministro Eliseu Padilha, da Casa Civil, suspendeu uma viagem a Porto Alegre naquela quinta-feira, dia 2, e voltou ao Palácio do Planalto. Foi ao gabinete do presidente Michel Temer, onde estava Jovair Arantes, do PTB, sucessor informal de Cunha no comando do centrão e candidato derrotado por Maia. O trio começou a discutir ali a criação de um novo ministério para abrigar o partido e uma partilha de espaços no governo para garantir a fidelidade de um grupo que pode até ter perdido força e coesão, mas continua vivo e ambicioso.

No auge, o centrão teve cerca de 220 deputados de 13 partidos, que votavam quase sempre juntos e barravam propostas que a então presidente Dilma Rousseff apresentava ao Congresso. Na quinta-feira, Jovair teve apenas 105 votos. Entretanto, diante de uma agenda ousada e complexa, o governo Temer quer agradar o centrão para evitar qualquer sobressalto. A conta do governo é simples. Com seu apoio, Rodrigo Maia teve 293 votos para se reeleger presidente. Mas parte desses deputados é do PT, que definitivamente não apoiarão as principais reformas de Temer. O Planalto precisa de 308 votos para aprovar emendas à Constituição, o que significa que os votos do centrão são imprescindíveis para dar segurança aos projetos. "Nós precisamos do pessoal do Jovair. E eles já fazem parte da base, não são oposição", declara um articulador de Temer. "Eles não querem sair do governo e nós não queremos que eles saiam. Vamos continuar agradando esse grupo para manter a base firme."

AO DAR UM MINISTÉRIO ESTRATÉGICO AO PSDB, TEMER BUSCA ENCERRAR AS AMEAÇAS DOS TUCANOS DE TIRAR APOIO DO GOVERNO

O governo planeja um recomeço. Temer e sua equipe erraram bastante em assuntos de governo desde que assumiram o Planalto. Contudo, não escorregam no Congresso, onde Dilma falhava consistentemente. Congresso é a seara de Temer. Impopular, é no Parlamento que Temer se apoia. A despeito de todas as dificuldades, Temer tem – e sabe conduzir – uma base relativamente sólida na Câmara e no Senado. Seu plano consiste em dar tranquilidade para o ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, trabalhar na parte econômica. Enquanto isso, com o controle do Congresso, tentará aprovar as dificílimas reformas da Previdência e na legislação trabalhista, além de um conjunto de medidas capazes de simplificar o kafkiano sistema tributário.

Quem tem pretensões tão largas para dois anos não pode desperdiçar apoios. A análise traçada pelos operadores políticos do governo é que o centrão ficou apenas pulverizado, sem uma liderança óbvia e capaz de aglutinar. O governo terá de negociar e contemplar uma série de partidos se quiser manter a uni-

Foto: Jorge William/Agência O Globo

PROTEGIDO
O presidente Michel Temer cumprimenta o agora ministro Moreira Franco. Não há lógica na promoção que não seja proteger Moreira do juiz Sergio Moro

dade em sua base aliada. Rodrigo Maia conquistou o apoio de boa parte dessas legendas. Procurou os dirigentes de siglas como PSD, PP e PR e os convenceu de que teriam mais poder no governo se rompessem a unidade do centrão e passassem a negociar como atores independentes. A mudança de lógica política do governo será, portanto, sutil. É praticamente certo que o posto de líder do governo da Câmara será tirado de André Moura, do pouco expressivo PSC, para ser entregue a Aguinaldo Ribeiro, do PP. Moura apoiou Jovair nos bastidores, contra a vontade do Palácio do Planalto, e nem sequer compareceu ao jantar da vitória de Maia, na quinta-feira. "Como podemos ter um líder do governo que é rival do presidente da Câmara?", ironizou outra liderança da base.

Temer também cimentou na semana passada uma fissura com o PSDB ao nomear o deputado Antonio Imbassahy ministro da Secretaria de Governo. Os tucanos foram fiadores do mandato de Temer em seu começo atribulado, mas várias vezes ameaçaram abandonar o barco diante de erros e hesitações do Planalto. Dando status de sócio ao PSDB em um cargo estratégico, Temer repete um gesto que Dilma Rousseff fez com o PMDB ao transferir para ele a articulação política. Os peemedebistas revoltosos se acalmaram – até que o impeachment veio a galope. Temer espera que os tucanos sejam diferentes.

Outra velha lógica conduziu a minirreforma ministerial anunciada por Temer na quinta-feira, dia 2: a blindagem ▶

MENOS
O presidente reeleito da Câmara, Rodrigo Maia, comemora a vitória. Ao contrário de seu diagnóstico, o centrão não acabou

de aliados. Em uma manobra discutida por quase dez dias nos altos círculos do Planalto, o presidente mandou criar um novo ministério – a Secretaria-Geral da Presidência – para abrigar Moreira Franco, até então secretário do Programa de Parcerias e Investimentos. Citado por delatores da Odebrecht nos acordos homologados na semana passada, com o cargo Moreira leva o direito de ser investigado e julgado apenas pelo Supremo Tribunal Federal. Não há qualquer outra lógica na "promoção" que não seja proteger Moreira da caneta do juiz Sergio Moro. Moreira é braço direito de Temer e seu amigo há três décadas. Deixá-lo exposto à Lava Jato na primeira instância do Judiciário criaria instabilidade para o governo.

A própria sobrevivência política do governo Temer e sua relação com o Congresso passarão os próximos dois anos sob a sombra da Lava Jato. O presidente da Câmara, Rodrigo Maia, e o presidente do Senado, Eunício Oliveira, do PMDB do Ceará, foram citados na delação da Odebrecht. O ex-executivo Claudio Melo Filho disse que repassou R$ 100 mil a Maia para quitar dívidas de sua campanha à prefeitura do Rio. Ele aparecia em planilhas da empreiteira com o codinome "Botafogo". Maia nega. Três delatores da Lava Jato afirmam que Eunício recebeu dinheiro para indicar diretores de agências governamentais e ajudar a aprovar medidas provisórias no Congresso. Eunício nega e, em sua posse, disse que reagirá de forma dura "quando um poder parecer se levantar contra outro poder", num recado ao Supremo Tribunal Federal, que entrou em choque com seu antecessor, Renan Calheiros (PMDB-AL), no final do ano passado. O governo sabe que a Lava Jato segue sendo um permanente fator de desestabilização. Sabe que ela convulsionará o Congresso. Entretanto, um Congresso ocupado com uma crise interna e contemplado pelo governo não é ameaça a um presidente. Temer já tem mais do que Dilma tinha. ◆

MESMO DERROTADO NA ELEIÇÃO NA CÂMARA, O CENTRÃO SERÁ CONTEMPLADO. O GOVERNO PRECISA DE SEUS VOTOS

Foto: Ailton de Freitas/Agência O Globo

Histórias de Reis
Príncipes e Princesas
Moral da história: você cheio de moral, seu filho cheio de histórias.
Grátis
A roupa nova do rei
Branca de Neve
$18,90
Chegou a coleção que reúne 25 dos principais contos de fadas para você e seu filho viverem momentos únicos. Leve reis, príncipes e princesas para casa e faça a imaginação do seu filho ir mais longe.
Assinante Folha:
Na compra da coleção completa, ganhe 5 livros e o frete*.
Ligue (11) 3224 3090 (Grande São Paulo)
ou 0800 775 8080 (outras localidades)
folha.com.br/principeseprincesas
FOLHA

MARISA LETÍCIA

1950 2017

A primeira-dama que não gostava de política

Discreta, Marisa Letícia sempre fugiu do protagonismo. Ela costurou a primeira bandeira do PT, fez passeata e vendeu camisetas do partido

Em seus primeiros anos de casada, Marisa Letícia Lula da Silva não simpatizava com a política. Fartava-se com as centenas de telefonemas diários de gente atrás do marido, Luiz Inácio, na época uma liderança em ascendência dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo. Aos poucos, porém, Marisa não só se adaptou àquela atmosfera, como acabou se tornando parte ativa dela. Em 10 de fevereiro de 1980, nasciam o Partido dos Trabalhadores (PT) e, pelas mãos de Marisa, a primeira bandeira da legenda recém-criada. Num recorte de tecido vermelho trazido da Itália, Marisa costurou uma estrela branca e sacramentou o que se tornaria a marca da sigla. "Foi assim que começou o PT", disse mais tarde, em 2002, pouco antes de se tornar primeira-dama do Brasil.

Marisa morreu na sexta-feira, 3 de fevereiro, aos 66 anos. Ela estava internada desde o último dia 24 de janeiro no Hospital Sírio-Libanês, sob os cuidados do cardiologista Roberto Kalil Filho, amigo e médico da família. Naquela tarde, por volta de 15h15, foi vítima de um grave acidente vascular cerebral (AVC) desencadeado por um aneurisma, uma dilatação anormal de uma artéria. Ao chegar ao hospital, encontrava-se consciente, mas um pouco confusa. Sua pressão, horas antes, havia batido 18 por 12. Foi sedada e não acordou mais.

Havia alguns anos que Marisa sabia da existência do aneurisma. Como era pequeno, optou – com a concordância dos médicos – por não operá-lo. Nos últimos meses, o aneurisma cresceu até atingir pouco menos de 1 centímetro. A consequência foi o sangramento discreto no lado esquerdo do cérebro. Na quinta-feira, o último boletim médico do Hospital Sírio-Libanês informou que, durante um exame transcraniano, foi identificada "ausência de fluxo cerebral". Diante da notícia, o próprio ex-presidente Lula se encarregou dos procedimentos para autorizar a doação de órgãos. No Facebook, ele agradeceu as "manifestações de carinho e solidariedade" recebidas.

Descendente de imigrantes italianos, décima de uma família de 11 filhos, Marisa teve uma infância simples num sítio na zona rural de São Bernardo. Em 1970, aos 19 anos, Marisa se casou pela primeira vez. Engravidou na lua de mel e ficou viúva em seguida, quando o marido, o taxista Marcos Cláudio dos Santos, foi assassinado durante um assalto. Três anos depois, Marisa conheceu Lula no Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo quando tentava receber o pecúlio do marido. Fascinado, Lula orientou funcionários a avisá-lo quando a "viuvinha" chegasse por ali. Dizia a ela que também era viúvo. No livro *A história de Lula: o filho do Brasil*, a jornalista e escritora Denise Paraná conta que Lula deixou cair uma carteirinha com dados pessoais para provar o que dizia. "Mas eu não estou querendo saber se você é viúvo ou não. Estou querendo só que você bata o carimbo para eu receber", disse Marisa. Lula insistiu. Certa noite, foi buscá-la de surpresa para sair e a encontrou com um namorado. Dispensou o rapaz e comunicou à mãe de Marisa que, a partir daquele momento, era ele o par de sua filha. Lula dizia que se apaixonara à primeira vista pela "galega". Casaram-se seis meses depois e tiveram Fábio, Sandro e Luís Cláudio.

Desde que coseu a primeira bandeira do PT, Marisa se engajou mais e mais nas atividades políticas. Estampou e vendeu camisetas para conseguir recursos. Numa época em que ▶

Foto: Eduardo Knapp/Folhapress

HISTÓRIA
A ex-primeira-dama Marisa Leticia Lula da Silva. Ela cuidava das finanças familiares e da logística pessoal do ex-presidente

CIVILIDADE
O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso abraça Lula no hospital. Ele retribuiu o gesto de Lula, que foi ao velório de Dona Ruth em 2008. Os dois dão uma lição de civilidade ao Brasil

o feminismo andava adormecido, Marisa organizou uma marcha de mulheres para negociar a liberação dos metalúrgicos. Marisa sempre fugiu do protagonismo, mas cuidava das finanças da família, da logística pessoal e das roupas do ex-presidente. Criticava o desempenho de Lula em entrevistas ou discursos. Pelo círculo íntimo, era tida como o farol de Lula. A conselheira que ele ouvia, que lhe dava segurança.

Marisa foi uma das mais discretas primeiras-damas do Brasil por oito anos. Compartilhou com Lula a vida e a política, e acabou denunciada com ele em uma ação penal. Respondia pelo crime de lavagem de dinheiro por causa da reforma do sítio de Atibaia. Na primeira manifestação pública sobre o estado de saúde da mulher, na segunda-feira, dia 30, Lula disse a simpatizantes que "a pressão e a tensão fazem as pessoas chegar ao ponto que a Marisa chegou".

Para além da tragédia, a internação de Dona Marisa expôs uma indignidade de conduta. Segundo reportagem do jornal *O Globo*, uma médica do hospital, identificada como Gabriela Munhoz, compartilhou informações sigilosas sobre o estado de saúde de Marisa em um grupo de WhatsApp. Dizia que Marisa estava no pronto-socorro com diagnóstico de AVC hemorrágico de nível 4 na escala Fisher, considerado dos mais graves. Enfatizava que a paciente estava prestes a ser levada para a Unidade de Terapia Intensiva (UTI). A mensagem foi compartilhada no grupo "MED IX", da turma de formandos em medicina de 2009 na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Espalhou-se rapidamente e despertou comentários dos mais assombrosos.

Outro médico enviou ao grupo imagens de uma tomografia atribuída a Marisa, com detalhes que, mais tarde, foram confirmados por Gabriela. A tomografia teria vindo de outro grupo, o "PS Engenho 3", cujo vazamento foi atribuído a um cardiologista. Na quarta-feira, dia 1º, o Hospital Sírio-Libanês informou que Gabriela foi demitida. O Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo (Cremesp) disse, em nota, que abriu uma sindicância para investigar o vazamento da imagem.

A dignidade que faltou a alguns médicos sobrou aos políticos. Cercado por uma extensa comitiva, o presidente Michel Temer voou de Brasília a São Paulo na quinta-feira – ouviu gritos de "golpistas", "assassinos" e "ladrões" na porta do hospital – para prestar solidariedade a Lula. Temer levou o ex-presidente José Sarney e os ministros José Serra e Henrique Meirelles, entre outros. Horas antes, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso também estivera no Sírio. Fernando Henrique envolveu Lula com um abraço fraterno – numa retribuição ao gesto de Lula em 2008, que foi abraçá-lo no velório de sua mulher, Ruth Cardoso. Hoje em lados opostos, os dois políticos foram aliados em grande parte da carreira, desde que o jovem líder sindical Lula apoiou, em 1978, o jovem professor esquerdista numa disputa ao Senado Federal. A imagem comoveu. Em tempos irracionais, provocou um suspiro solitário de civilidade. A política faz adversários, não inimigos. Por causa de Dona Marisa, o Brasil se lembrou disso na semana passada. ◆

Foto: Ricardo Stuckert/AFP

CAMAROTE

Quem

O GLOBO

O MELHOR DA AVENIDA!

Durante o carnaval, nos dias 25, 26 e 27 de fevereiro, e no Desfile das Campeãs, em 4 de março, **QUEM** e **O GLOBO** irão te levar para o maior camarote da Sapucaí. Siga os passos de todas as celebridades que passam pela passarela do samba em tempo real no site e redes sociais da QUEM e na cobertura diária do jornal O GLOBO.

viva bem
FAÇA A DIFERENÇA
Hoje é dia de alegria.

OFERECIMENTO

PREZUNIC VALE SUPER A PENA

BarraShopping

MEETING POINT

azaleia

salon line PROFESSIONAL

PANDORA

ORFEU

MORENA ROSA

BR MAR NAS RIO MARINA DA GLÓRIA

VERGONHA AMERICANA

O decreto do presidente Donald Trump contra a imigração desrespeita os valores de um país que construiu sua riqueza com o trabalho de imigrantes. A reação de movimentos da sociedade americana mostra que vai haver muita resistência à nova Casa Branca

Teresa Perosa

"Deixem eles entrar", gritava a multidão que tomou o Aeroporto Internacional John Fitzgerald Kennedy de Nova York, um dos maiores dos Estados Unidos, na noite da sexta-feira, dia 27 de janeiro. O motivo do protesto era uma ordem executiva assinada naquele dia pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, que barra a entrada de refugiados e de cidadãos de sete países de maioria muçulmana nos Estados Unidos. Os manifestantes queriam a liberação de estrangeiros que estavam a caminho dos Estados Unidos quando Trump assinara o decreto e não sabiam que seu ingresso no país seria negado pelos agentes de imigração. No Aeroporto JFK, dois iraquianos, recém-chegados a Nova York, ficaram horas em um limbo burocrático. Um deles atuara por anos como tradutor do Exército americano durante a ocupação no Iraque. O outro era casado com uma prestadora de serviços dos militares dos Estados Unidos. Ambos entrariam no país como refugiados, já que, por causa de seus serviços prestados ao Exército americano, sofreram ameaças de morte no Iraque. Antes de serem liberados por um *habeas corpus* concedido pela Justiça, em resposta a uma ação impetrada por uma associação de direitos civis, ficaram duplamente barrados: por serem refugiados e por serem iraquianos. ▶

Ilustração: Alexandre Lucas

O decreto de banimento temporário dos cidadãos desses sete países foi a mais polêmica das medidas tomadas pelo governo Trump até o momento. Ele faz parte da cruzada do presidente americano contra o que entende como ameaça estrangeira e, especificamente, muçulmana, contra os Estados Unidos. Durante a campanha eleitoral que o levou à Casa Branca, Trump prometeu acirrar o cerco contra os imigrantes ilegais no país, com mais deportações e mudanças em política de vistos, e banir a entrada de muçulmanos. Na campanha, as ameaças de Trump, tingidas da mais descarada islamofobia e discriminação religiosa, causaram ampla consternação. Por causa da reação negativa e da preocupação que todos os presidentes americanos anteriores a Trump tiveram de dissociar o islamismo do terrorismo, especulou-se que Trump talvez não levasse a cabo sua promessa. Mas ele o fez, ainda que, oficialmente, seus porta-vozes tentassem descaracterizar a medida como um banimento a "muçulmanos", mas sim como um reforço da segurança nacional contra o terrorismo.

O teor discriminatório do decreto, revelado dias antes pelo jornal *The New York Times*, porém, é evidente. A ordem executiva de Trump barra a entrada em solo americano de qualquer cidadão de Irã, Iraque, Líbia, Somália, Sudão, Síria e Iêmen, países de maioria muçulmana, por 90 dias. Trump também congelou o programa de refugiados e impediu a entrada nos Estados Unidos, por 120 dias, mesmo daqueles que já haviam sido autorizados a entrar no país. Para os sírios, vítimas do conflito sangrento que se arrasta há seis anos, o banimento é por tempo indeterminado. A cota total de refugiados a ser asilados nos Estados Unidos também foi cortada pela metade. Também consequência da ordem executiva, 60 mil vistos já emitidos pelos Estados Unidos foram cancelados. Entre os especialistas, especula-se que as novas medidas (cujo caráter seria, a princípio, temporário) têm como objetivo criar empecilhos definitivos para impedir a entrada nos Estados Unidos de pessoas vistas como "indesejadas" pelo novo governo.

Editado sob a justificativa de segurança nacional, o decreto não encontra base numa política coerente e tem a marca da

RESISTÊNCIA
Manifestantes, no aeroporto de Nova York, protestam contra o decreto de Trump. A mobilização da sociedade civil americana talvez só encontre paralelo no movimento pelos direitos civis dos negros nos anos 1960

demagogia e do populismo de Trump. Nenhum dos cidadãos dos países listados cometeu atentados em território americano, ao passo que países de origem de responsáveis por ataques ao país, como Arábia Saudita (um tradicional aliado americano no Oriente Médio), ficaram de fora. Além disso, os países atingidos pelo banimento já são submetidos a políticas de visto específicas, mais rigorosas, uma herança do governo Obama. O programa de alocação de refugiados americano, por sua vez, é um dos mais criteriosos do mundo – uma família que pleiteia asilo nos Estados Unidos precisa estar preparada para 18 a 24 meses de árduo escrutínio pelas principais agências de segurança do país – FBI, CIA, Agência de Segurança Nacional entre outras. Até hoje, nenhum refugiado acolhido em solo americano cometeu atentados terroristas no país – que, salvo episódios isolados, tem sido poupado da recente onda de terrorismo vista na Europa.

Inadvertidamente assinado numa data simbólica – 27 de janeiro, Dia Mundial da Memória do Holocausto –, o decreto de Trump vai contra uma das características fundamentais dos Estados Unidos, uma nação que é formada por imigrantes e tem uma tradição de acolher refugiados que fogem dos horrores da guerra. A pluralidade étnica, racial e cultural advinda das comunidades de imigrantes e refugiados é uma das bases do tecido social americano e é uma das razões que fizeram do país a nação mais rica da história do mundo. Entre os países com população expressiva, os Estados Unidos são os que têm o maior contingente de estrangeiros (13%), ficando atrás apenas de países de população pequena que, também por isso, incentivam a imigração (Canadá,

Foto: Brendan McDermid/Reuters

Austrália, Nova Zelândia etc.). Nos países europeus de população expressiva (Espanha, França, Inglaterra, Alemanha), o índice de imigração fica entre 7% e 8%. Na Europa, a maior parte dos cidadãos defende restrições à imigração, enquanto 63% dos americanos se declaram favoráveis aos imigrantes (ainda que o decreto de Trump tenha sido aprovado por uma maioria dos americanos, segundo pesquisa do Ipsos divulgada na semana passada).

Ainda hoje, apesar de contar com a política de restrições à entrada e à permanência de estrangeiros mais rigorosa do mundo desenvolvido, os estudos mostram que os imigrantes nos Estados Unidos apresentam índices de integração social, empregabilidade e mesmo sensação de bem-estar superiores aos encontrados na Europa. Uma pesquisa feita em 2015, pela Academia Nacional de Ciências, Engenharia e Medicina americana aferiu que 70% dos imigrantes em solo americano acreditavam que seus filhos teriam uma vida melhor que a deles – um índice 20% superior em relação aos americanos nativos *(leia mais em Da Redação, na página 16)*. Ainda que, na prática, ele não se realize como antes, o "sonho americano" ainda subsiste e é responsável, em grande parte, por essa percepção. Milhões de estrangeiros continuam a ir para os Estados Unidos em busca do sonho de melhoria de vida e ascensão social, cujo melhor símbolo é a Estátua da Liberdade na Ilha de Ellis, principal portão de entrada de imigrantes em Nova York no começo do século XX (o avô de Trump, alemão de nascimento, foi um dos imigrantes que entraram nos Estados Unidos por Nova York e lá fizeram fortuna).

É com base nessa visão dos Estados Unidos como uma sociedade de "portas abertas" que a sociedade civil americana está se organizando para resistir às medidas anti-imigração de Trump, ainda que a história registre vários episódios em que as autoridades americanas tentaram criar barreiras para restringir a entrada de imigrantes não oriundos da Europa. No início do século XX, sistemas de cotas para a entrada de imigrantes em solo americano foram implementados. Essas cotas eram calculadas com base nas comunidades de estrangeiros já existentes

SELETIVO
O presidente Donald Trump fala por telefone com o rei Salman, da Arábia Saudita. A Arábia Saudita, tradicional santuário de terroristas, não foi atingida pelo decreto de imigração de Trump

nos Estados Unidos, com o objetivo de favorecer a entrada de europeus. A imigração asiática, e especificamente a chinesa, foi ativamente combatida – até 1965, os chineses enfrentavam restrições draconianas para entrar em território americano. Hoje, em estados como a Califórnia, o contingente sino-americano é expressivo. Curiosamente, a América Latina, hoje um dos principais alvos da ira de Trump por causa do fluxo de imigrantes ilegais oriundos do México e países da América Central, era favorecida na política imigratória americana. A imigração latina não teve seus fluxos restringidos por cotas específicas até o final da década de 1960.

Poucas horas depois de Trump assinar o decreto contra a imigração, uma rede de advogados voluntários, que trabalhavam de graça, se mobilizou rumo aos aeroportos para garantir acompanhamento legal para os barrados pelas medidas. "Vamos ver mais resistência contra o governo Trump. Estaremos prontos para lutar e defender o direito das pessoas, mesmo nas condições mais duras, com elas sob ameaça de deportação, prisão e ataques contra suas comunidades e suas famílias", disse a ÉPOCA Jamil Dakwar, da União Americana de Liberdades Civis (Aclu, em sua sigla em inglês). A organização foi a responsável pela ação judicial em Nova York que permitiu a refugiados entrar nos Estados Unidos. No último fim de semana, logo depois do decreto de Trump, a Aclu recebeu US$ 24 milhões em doações on-line, seis vezes o que costuma arrecadar em um ano. "Esse governo vai gastar muitos recursos em batalhas legais para justificar suas ações inconstitucionais", disse Dakwar.

Além das ações por parte de organizações não governamentais, Trump deve se preparar para uma disputa judicial ▶

Foto: Jonathan Ernst/Reuters

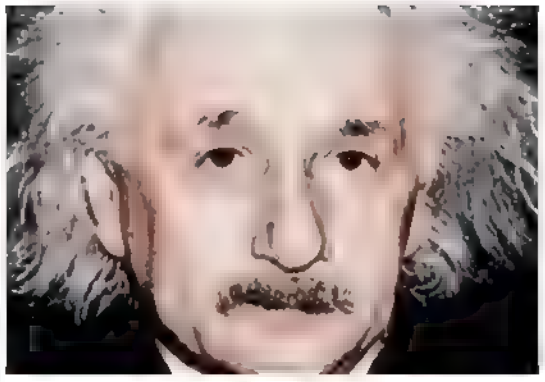
com os estados e municípios que se insurgiram contra seus decretos. Na segunda-feira, dia 30, o estado de Washington entrou com ação na Justiça contra o governo federal, por considerar o decreto de sexta-feira "discriminatório". No dia seguinte, os estados de Massachusetts, Nova York e Virginia se juntaram ao esforço. Os prefeitos das chamadas "cidades-santuário" – locais que não cumprem, necessariamente, as regulações quanto à imigração estabelecidas pelo governo federal – prometeram reagir aos cortes nos repasses federais prometidos por Trump como uma forma de coagir os municípios a cooperar com o esforço pró-deportação. O prefeito de Nova York, o democrata Bill de Blasio, disse que a continuidade do status de "santuário" é importante para a segurança pública da metrópole. Outras cidades-santuário, como Boston, Los Angeles, San Francisco, anunciaram que vão resistir a Trump, se necessário com ações na Justiça contra o governo federal. "Haverá muitas ações de litígio se Trump continuar fazendo tudo por ordens executivas. Nós vimos isso acontecer no governo Obama, por causa do mesmo motivo", diz Anastasia Tonello, vice-presidente da Associação de Advogados de Imigração Americanos (Aila, em sua sigla em inglês).

Parte do poder econômico também tomou posição contrária a Trump. Muitas empresas que só puderam se expandir nacional ou internacionalmente com a ajuda de imigrantes, como Nike, Walmart, Procter and Gamble, Target, Ford e Citibank, se manifestaram contra a política anti-imigração de Trump. O presidente da rede de cafeterias Starbucks, Howard Schultz, anunciou que a companhia vai contratar 10 mil refugiados em suas lojas no mundo nos próximos cinco anos. "Estamos vivendo um momento sem precedentes em que somos testemunhas da consciência do nosso país. A promessa do 'sonho americano' está sendo colocada em xeque", disse Schultz, numa carta enviada aos funcionários.

O Vale do Silício, região da Califórnia que concentra as principais companhias de tecnologia do mundo, esteve à frente dessa reação corporativa. Não por acaso: um estudo da empresa de pesquisas Joint Venture Silicon Valley, publicado ▶

ELES ADOTARAM OS ESTADOS UNIDOS

Vários imigrantes tiveram ou têm papel de destaque no desenvolvimento dos Estados Unidos como potência econômica e sociedade multicultural



1879 - 1955

ALBERT EINSTEIN

Físico | Alemanha

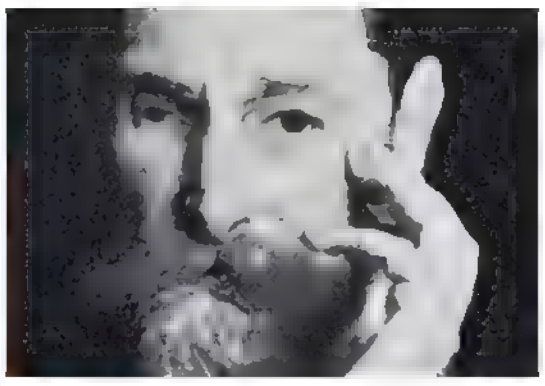
É o pai da física moderna e criou a teoria da relatividade, além de ter contribuído diretamente com o desenvolvimento da física quântica. Ganhou o Prêmio Nobel em 1921. Migrou para os Estados Unidos em 1933.

1967 -

SATYA NADELLA

Executivo | Índia

O presidente da Microsoft nasceu em Hyderabad, na Índia, e migrou para os Estados Unidos em 1990 para fazer um mestrado. Em 2014, foi escolhido por Bill Gates para comandar a maior empresa de software do mundo.

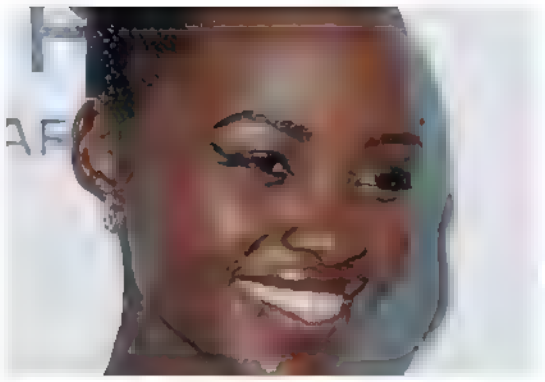


1847 - 1911

JOSEPH PULITZER

Jornalista | Hungria

Chegou aos Estados Unidos em 1864 e lutou na Guerra de Secessão. Mais tarde, fundou o *The World*, jornal que é um marco na história do jornalismo. O prêmio mais importante da imprensa global leva seu nome ainda hoje.

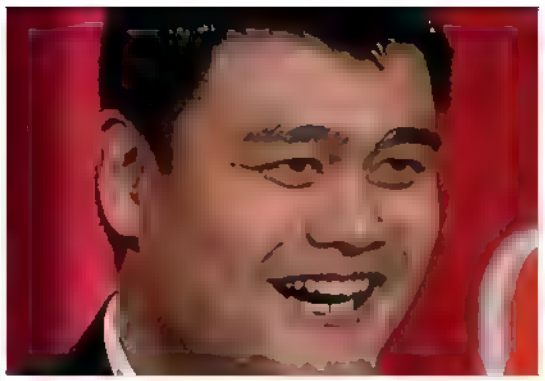


1983 -

LUPITA NYONG'O

Atriz | Quênia e México

Nascida na Cidade do México, a atriz também tem nacionalidade queniana. Mudou-se para os Estados Unidos para estudar artes cênicas. Venceu o Oscar de Melhor Atriz Coadjuvante em *12 anos de escravidão*.



1980 -

YAO MING

Jogador de basquete | China

O "gigante chinês" foi um dos maiores jogadores da história da NBA, com 2,29 metros. Começou a carreira nos Estados Unidos em 2002 pelo Houston Rockets, chegando às finais da NBA em quatro oportunidades.

1905 - 1982

AYN RAND

Escritora | Rússia

Foi autora dos best-sellers *A nascente* (1943) e *A revolta de Atlas* (1957) e desenvolveu uma filosofia chamada Objetivismo. Rand foi educada na Rússia e migrou para os Estados Unidos em 1926.

1973 -

SERGEY BRIN

Empresário | Rússia

Chegou aos Estados Unidos em 1979 com a família. Estudou na Universidade Stanford, na Califórnia, onde conheceu o americano Larry Page. Em 1996, Page e Brin fundaram o Google.

1972

SUNDAR PICHAI

Executivo | Índia

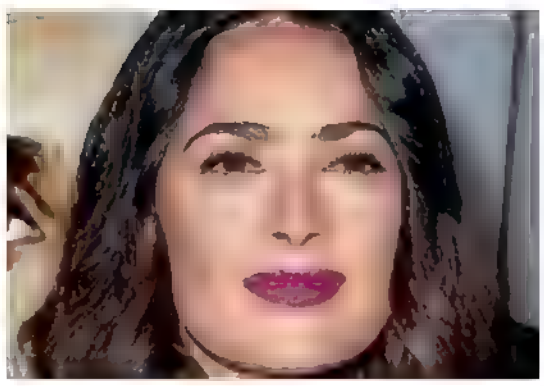
Formou-se em engenharia na Índia e migrou para os Estados Unidos para fazer um mestrado na Universidade Stanford. Entrou no Google em 2004. Em 2015, tornou-se o presidente global da empresa.

1937 -

MADELEINE ALBRIGHT

Política | Tchecoslováquia

A diplomata nasceu em Praga e migrou com a família para os Estados Unidos em 1948. Teve uma carreira política sólida, tornando-se, em 1996, a primeira secretária de Estado americana, durante o governo de Bill Clinton.



1900 1900

SALMA HAYEK

Atriz e produtora | México

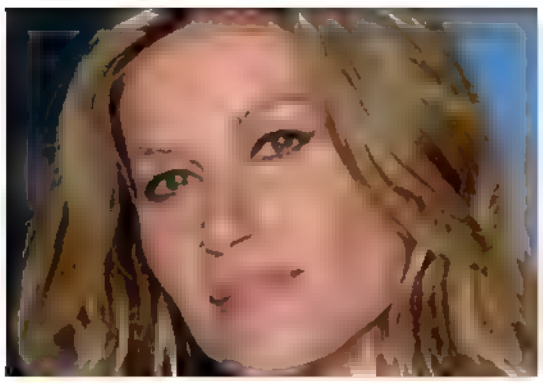
Salma começou a carreira fazendo novelas mexicanas. Em 1991, mudou-se para Hollywood. Vivendo a protagonista no filme *Frida* (2002), foi indicada ao Globo de Ouro na categoria Melhor Atriz.

1856 1943

NIKOLA TESLA

Inventor | Croácia

O engenheiro e visionário criou diversas patentes que formam as bases dos sistemas elétricos modernos. Também é considerado um dos grandes responsáveis pela Segunda Revolução Industrial.

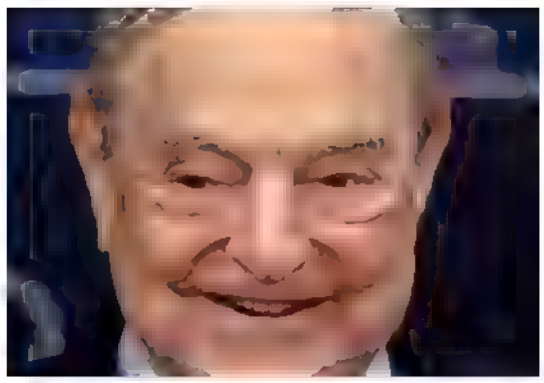


1980 -

GISELE BÜNDCHEN

Modelo | Brasil

Natural de Horizontina, Rio Grande do Sul, a übermodel mudou-se para Nova York aos 16 anos, em 1997. Aposentada das passarelas, hoje vive com o marido, o jogador Tom Brady, e seus dois filhos em uma mansão em Boston.



1930 -

GEORGE SOROS

Megainvestidor | Hungria

O bilionário mudou-se para Nova York, em 1956. De analista de investimentos, tornou-se um dos investidores mais famosos do mundo, além de importante doador de campanhas políticas nos Estados Unidos.

1947

ARNOLD SCHWARZENEGGER

Ator e político | Áustria

Com pouco conhecimento na língua inglesa, mudou-se para os Estados Unidos em 1968. Foi Mister Universo e protagonizou uma série de filmes de Hollywood. Entre 2003 e 2011, foi governador do estado da Califórnia.

Fotos: Bettmann Archive, Breakthrough Pr /Getty Images(11), AFP(2)

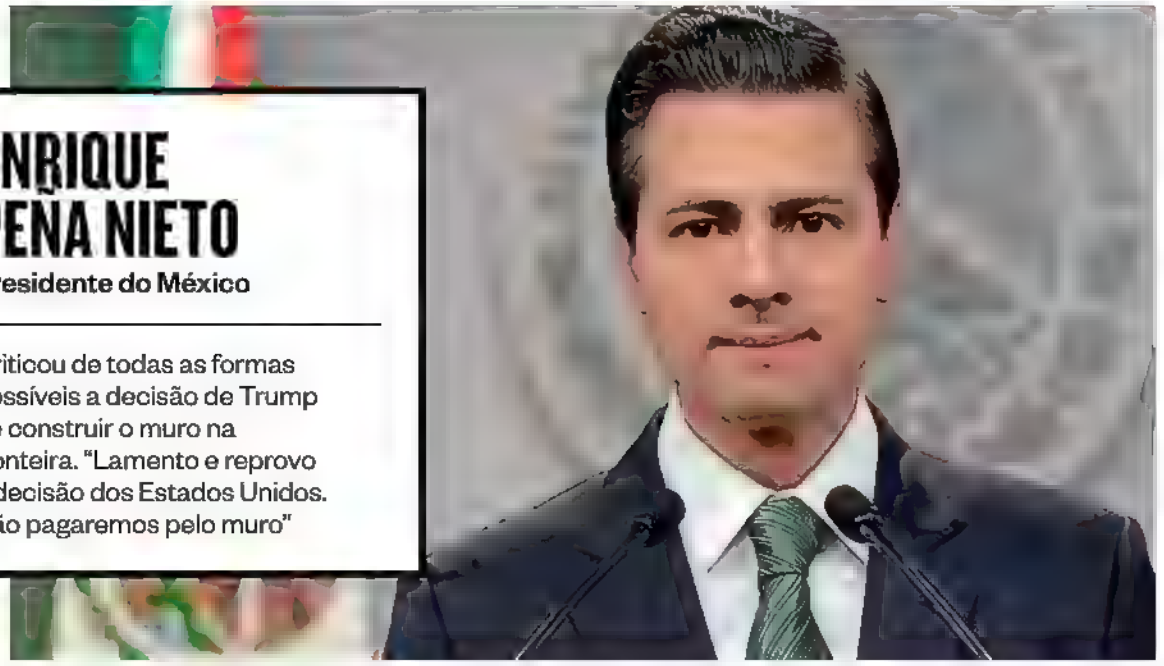
COMO AZEDAR UMA RELAÇÃO

Lideranças pelo mundo reagiram mal às primeiras medidas de Trump

FRANÇOIS HOLLANDE

Presidente da França

Puxou as críticas a Trump no encontro da União Europeia em Malta. "Não podemos aceitar declarações do presidente dos Estados Unidos dizendo como a Europa deve ou não ser"



ENRIQUE PEÑA NIETO

Presidente do México

Criticou de todas as formas possíveis a decisão de Trump de construir o muro na fronteira. "Lamento e reprovo a decisão dos Estados Unidos. Não pagaremos pelo muro"

CHRISTIAN KERN

Chanceler da Áustria

Disse também em Malta que banir os viajantes de países muçulmanos é "bastante problemático". "Os aspectos tangíveis da política de Trump são preocupantes"

em 2014, mostra que em algumas áreas – como é o caso de computação e matemática – os estrangeiros representam quase dois terços da força de trabalho da região. Entre os engenheiros, 60% vêm de fora do país. Outro dado que mostra o impacto econômico da imigração no Vale diz respeito ao empreendedorismo: 51% das startups na região que valem mais de US$ 1 bilhão foram fundadas por estrangeiros, segundo o mesmo estudo. São eles que ajudaram a transformar o Vale do Silício na região mais rica dos Estados Unidos nas últimas décadas.

Um dos símbolos dessa resistência é o russo Sergey Brin, fundador do Google. A família de Brin fugiu da Rússia em 1979 por causa da perseguição a judeus. Menos de 20 anos após pisar em solo americano, Sergey fundou a maior empresa de internet do mundo. É impossível pensar no Google sem a contribuição de imigrantes. Quem anda pela sede da companhia na pequena cidade de Mountain View, no Vale do Silício, cruza com grupos de engenheiros vindos de diversas partes do mundo, em especial russos, indianos e chineses. O presidente atual do Google é Sundar Pichai, um indiano. Um dos vice-presidentes mais destacados é o brasileiro Mario Queiroz. Brin participou de um protesto no Aeroporto de San Francisco que contou com mais de 700 pessoas. "Estou aqui porque sou um refugiado", disse Brin à revista *Forbes*.

A reação contra o decreto de Trump também veio do exterior. O ministro de Relações Exteriores do Irã, Javad Zarif, prometeu medidas de retaliação na mesma moeda contra os Estados Unidos. "Isso mostra como não tem fundamento as afirmações de amizade dos Estados Unidos com o povo iraniano", afirmou Zarif, numa confirmação de que o acordo nuclear entre Irã e as potências ocidentais, costurado por Barack Obama, entrou na linha de tiro. Essa foi apenas uma das várias brigas diplomáticas ini-

DALIA GRYBAUSKAITE

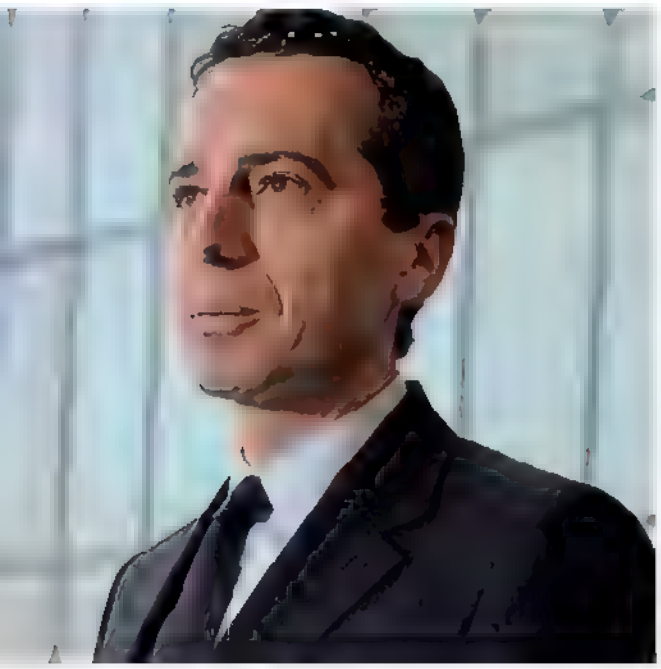
Presidente da Lituânia

Aproveitou para ironizar a ideia de o Reino Unido poder conectar União Europeia e EUA: "Não precisamos de ponte. Nós nos comunicamos com os Estados Unidos pelo Twitter"

MALCOLM TURNBULL

Primeiro-ministro da Austrália

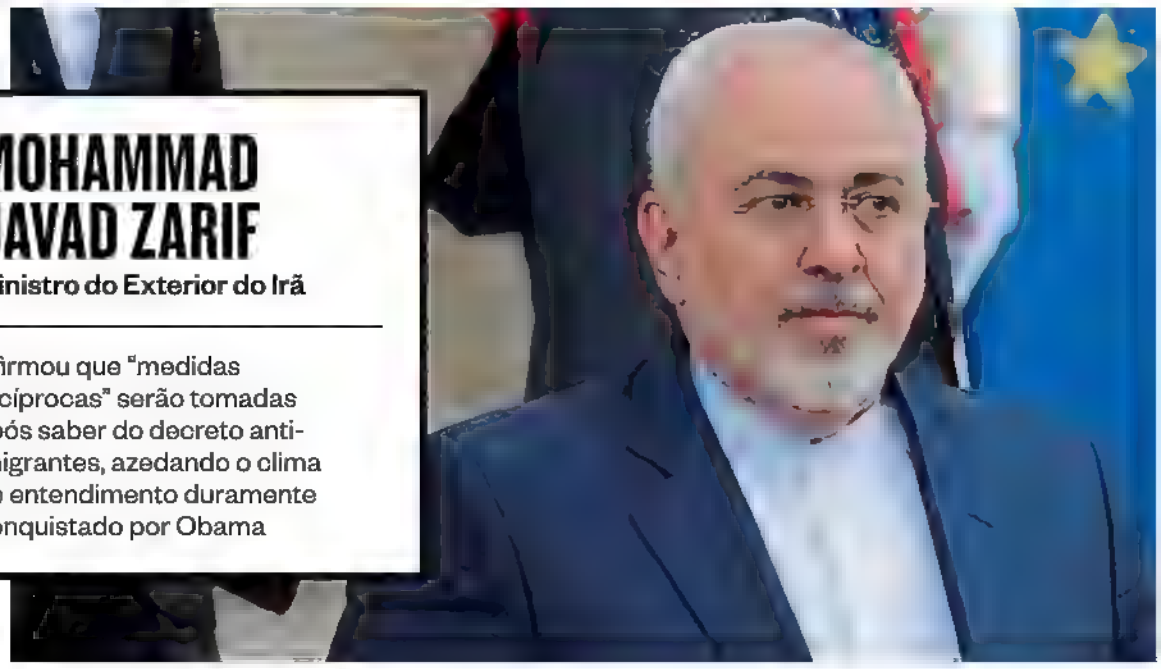
Passou a semana tentando se explicar depois que Trump avisou, pelo Twitter, que não ia honrar um acordo para receber refugiados que estão na Austrália



MOHAMMAD JAVAD ZARIF

Ministro do Exterior do Irã

Afirmou que "medidas recíprocas" serão tomadas após saber do decreto anti-imigrantes, azedando o clima de entendimento duramente conquistado por Obama



ciadas por Trump em duas semanas na Casa Branca – muitas delas com chefes de governo de aliados históricos dos Estados Unidos. A primeira delas foi com o presidente do México, Enrique Peña Nieto, a quem Trump coagiu publicamente pelo Twitter, por causa do muro que pretende construir na fronteira entre os dois países. Depois do incidente, Peña Nieto cancelou uma viagem oficial aos Estados Unidos. Os dois presidentes se falaram depois por telefone, mas as relações permanecem tensas. Na quinta-feira, dia 2, Trump bateu boca, por telefone, com o primeiro-ministro da Austrália, Malcolm Turnbull – o presidente americano chamou o acordo para recebimento de refugiados entre os dois países de "estúpido" e desligou na cara do chefe aliado.

As ações e as declarações nada diplomáticas e estapafúrdias de Trump não devem ser consideradas uma surpresa, uma vez que ele está apenas colocando em prática tudo o que prometeu em sua campanha. O presidente americano e alguns de seus principais assessores *(leia mais na página 68)* estão convencidos de que chegaram à Casa Branca para mudar de ponta-cabeça a ordem mundial das últimas décadas em que os Estados Unidos foram os campeões da política de fronteiras abertas para a globalização. A bem-vinda novidade da semana passada foi a pujança da reação da sociedade civil americana na defesa de alguns valores fundamentais da democracia dos Estados Unidos. A resistência civil organizada e disposta a ir para as ruas talvez só encontre paralelos com o período de movimentação dos anos 1960 em prol dos direitos civis dos negros. Se os primeiros 15 dias de governo Trump mostraram como o novo presidente pretende promover um retrocesso em questões como a imigração e o livre-comércio, o outro lado também mostrou que vai ter luta. ◆

Com *Bruno Ferrari* e *Nelson Niero Neto*

Fotos: Jasper Juinen/Bloomberg via Getty Images, Charles Platiau/ Reuters, Stefan Postles/Getty Images, AFP(2), Stephane Mahe/Reuters

ÉPOCA CENÁRIOS

Uma era de instabilidade

O mais preocupante na proibição da imigração foi o modo caótico como a equipe de Trump procedeu. O desrespeito pelos canais políticos normais será a marca de seu governo

Dizer que o presidente Donald Trump chocou o mundo com sua proibição de imigração seria um eufemismo. A essência da ordem executiva de 27 de janeiro é lamentável: uma suspensão de quatro meses do programa americano de refugiados, uma proibição por tempo indefinido aos refugiados da Síria e uma proibição de 90 dias aos viajantes de sete países de maioria muçulmana: Irã, Iraque, Líbia, Somália, Sudão, Síria e Iêmen. O decreto terá graves consequências políticas e econômicas. Mas se concentrar unicamente no conteúdo do édito seria o mesmo que deixar de ver a floresta por causa das árvores. O mais preocupante foi o modo como a equipe do presidente procedeu: por meio de um processo caótico que desrespeitou os canais políticos normais, não passou pelo escrutínio do gabinete executivo nem do Congresso e provocou confusão a cada etapa. Essa é a lição a ser tirada dos eventos da semana passada: a era Trump será de indiferença pelo comportamento tradicional no sistema político americano. Isso causará uma volatilidade inédita nas políticas externas e internas do país.

A Casa Branca de Trump é um local onde apenas alguns poucos protagonistas poderosos têm a palavra. E isso levanta pelo menos dois perigos. O primeiro é que duas das vozes mais influentes no ouvido do presidente são de autoproclamados conservadores revolucionários. O estrategista-chefe Steve Bannon e o redator de discursos e conselheiro de política interna Stephen Miller falaram abertamente, ao longo dos anos, sobre suas aspirações de reformar o sistema político dos Estados Unidos e a sociedade americana. Agora, eles estão na direção.

O segundo perigo é que, talvez ainda mais do que em qualquer governo, essa Casa Branca terá brigas internas constantes. Bannon e Miller podem estar entre os conselheiros mais poderosos do presidente, mas não estão sozinhos na sala. Michael Flynn, o conselheiro de Segurança Nacional do presidente, e Reince Priebus, seu chefe de gabinete, vão continuar lutando por relevância. Muitos observadores já interpretam a criação por Steve Bannon de um novo órgão chamado de Grupo de Iniciativas Estratégicas como a primeira de uma longa série de tentativas para tirar outros traficantes de influência do processo da tomada de decisões. Figuras moderadas vão revidar ou se afastar, mas em ambos os casos a formulação de políticas ficará mais instável.

A combinação dos dois perigos representa um desafio para a ordem internacional. Também agrava alguns dos maiores riscos à economia mundial que a política externa de Trump representa. Um relacionamento muito tenso com a China e uma guerra comercial potencial entre as duas maiores economias do mundo são um risco. A estrutura de tomada de decisões dentro da Casa Branca que se tornou mais clara na semana passada agrava esse risco.

O decreto de imigração tem o objetivo de reduzir a ameaça terrorista

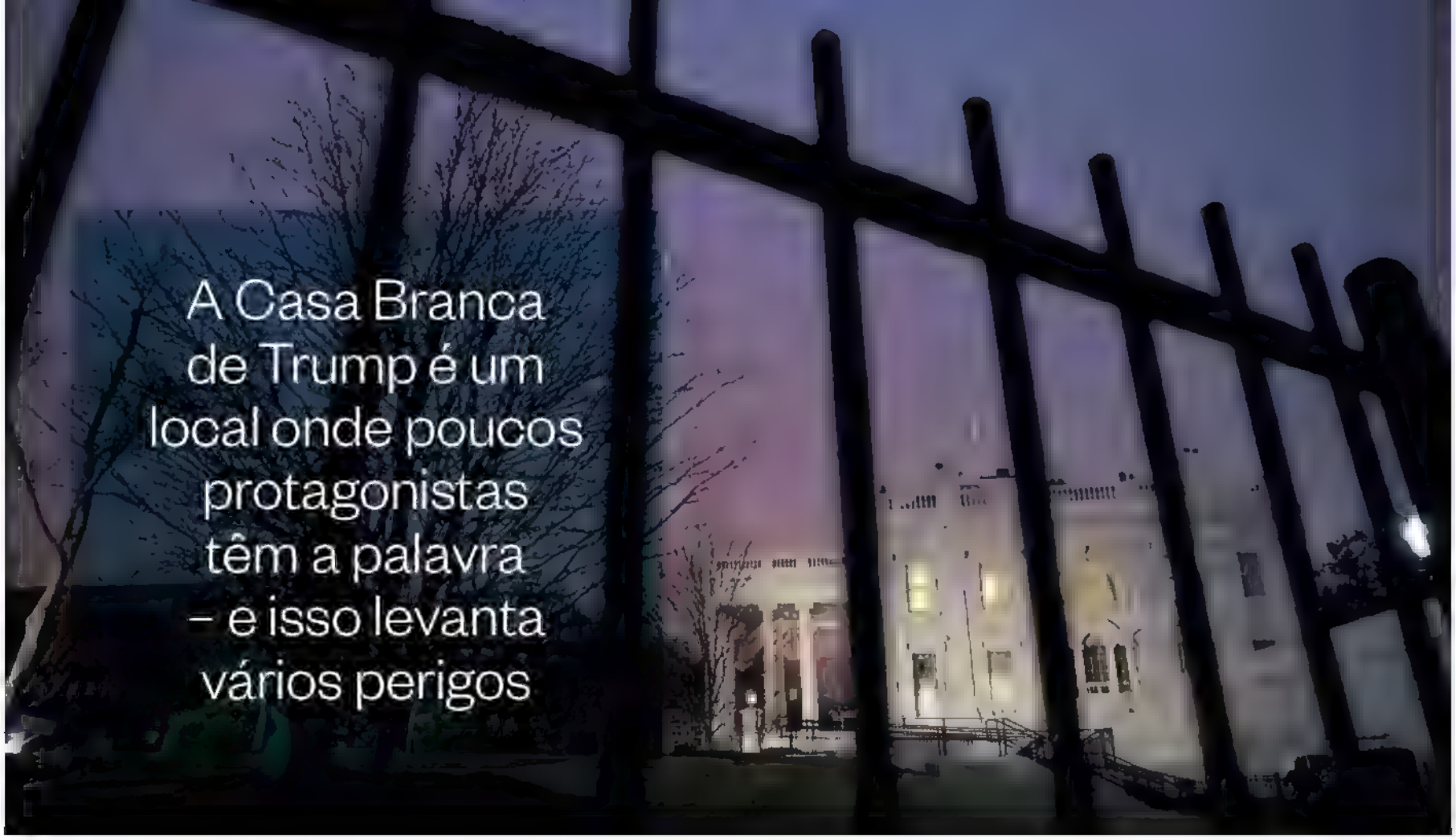
O CENÁRIO

A Casa Branca de Donald Trump, mais que a de seus antecessores, terá brigas internas constantes

A APOSTA

O processo caótico do governo Trump causará uma volatilidade inédita nas políticas interna e externa dos EUA

Cliff Kupchan
é o presidente do Grupo Eurasia, consultoria de risco político internacional



aos Estados Unidos. E a proibição temporária aos imigrantes e visitantes de nações de maioria muçulmana pode, até certo ponto, servir a esse fim. Mas a que custo? As nações de maioria muçulmana no mundo todo reagiram com raiva. O Irã não está concedendo novos vistos aos americanos. O decreto pode muito bem alimentar os próprios instintos radicais que os Estados Unidos querem parar. Economicamente, o setor mais duramente atingido será a indústria tecnológica americana – e seus líderes estão à frente dos protestos contra o decreto. O Vale do Silício depende do acesso aos melhores e mais brilhantes especialistas em tecnologia do mundo – e esse acesso vai diminuir. O influxo de capital do Oriente Médio rico em petróleo e de outras nações de maioria muçulmana também tende a diminuir. Esses investidores podem decidir que a "islamofobia" é tão forte nos Estados Unidos que simplesmente não vale a pena correr o risco. Por fim, o decreto pode romper a coesão social nos Estados Unidos, tornando mais difícil o clima para investimentos.

Não se deve confundir o comportamento inusitado do governo Trump com incompetência. É certo que o processo das primeiras ordens executivas foi amador. Mas essa é uma preocupação secundária para seus responsáveis, cujo principal objetivo é virar o mundo de cabeça para baixo e causar choque e horror. Isso significa que é cedo demais para declarar que a Presidência de Trump será fraca. Esse presidente terá amplos poderes em política externa e não será abandonado por seus parceiros republicanos no Congresso. Por enquanto, o que parece heresia para o resto do mundo é, na verdade, muito popular para o público americano. A parcela de americanos que apoiou a proibição à imigração (49%) é maior do que a que se opôs a ela (41%). E indicações como a do juiz Neil Gorsuch para a Corte Suprema vão apenas encorajar a base conservadora da Casa Branca.

O caminho mais provável é que um Executivo barulhento encontre um *modus vivendi* com um Legislativo mais equilibrado, no qual o presidente Trump assina, feliz, as leis que um Congresso conservador terá o prazer de fazer avançar. A liderança do Partido Republicano pode não concordar com o processo de tomada de decisões dentro da Casa Branca e com algumas das propostas da administração – principalmente as relativas à implantação de um imposto para importações e ao tamanho do plano de estímulo fiscal de Trump. Mas os republicanos não resistirão fortemente a Trump enquanto o presidente mantiver o apoio da coalizão que o elegeu. Como resultado, espera-se que as lideranças republicanas no Congresso americano moderem as propostas do governo Trump, mas sem sabotá-las. O jogo entre os republicanos é manter as portas da Casa Branca abertas.

Há uma chance de que o presidente possa perder apoio. Isso ocorrerá se ele não cumprir suas três principais promessas de campanha: criar empregos no chamado Cinturão da Ferrugem, proteger a fronteira entre Estados Unidos e México e evitar o terrorismo. Neste caso, ou se uma política externa perigosa arrastar os Estados Unidos para um atoleiro, até mesmo os aliados republicanos do presidente podem começar a desertá-lo. A questão então passaria a ser se um Trump mais fraco poderia causar mais ou menos danos ao cair do que enquanto estava no auge. ◆

Christopher Garman
é cientista político, diretor executivo de risco e analista-chefe do Grupo Eurasia

Foto: Keystone/Getty Images

UMA FÓRMULA FURADA PARA CRIAR EMPREGO

O presidente Donald Trump mantém a retórica protecionista e esquece que a globalização deu aos Estados Unidos mais poder, e não menos

Luís Lima

IMPACTO
Fábrica da Foxconn, que produz para a Apple na China. Donald Trump enxerga (ou finge enxergar) apenas malefícios no sistema

Debaixo de um céu acinzentado, Donald Trump fez uma promessa desafiadora à multidão que o ouvia em sua primeira fala como 45º presidente dos Estados Unidos, no dia 20 de janeiro. "Não falharemos. Nosso país vai crescer e prosperar novamente", afirmou, diante do Capitólio, em Washington. Na mesma ocasião – como havia feito diversas vezes durante a campanha –, apresentou sua fórmula para tornar o país "grande de novo": "Temos de proteger nossas fronteiras da pilhagem de outros países, que estão fabricando nossos produtos, roubando nossas companhias e destruindo nossos empregos". Da retórica isolacionista, Trump avançou para atos isolacionistas.

Além de impor restrições à entrada de estrangeiros e criar embaraços diplomáticos *(leia mais na página 52)*, o novo presidente retirou os Estados Unidos da Parceria Transpacífico, peça importante da estratégia econômica e geopolítica de seu antecessor, Barack Obama. Também anunciou a renegociação do acordo comercial entre Estados Unidos, Canadá e México, o Nafta.

> A INTEGRAÇÃO ENTRE PAÍSES PERMITE QUE MAIS PRODUTOS SEJAM VENDIDOS NOS ESTADOS UNIDOS POR PREÇOS ACESSÍVEIS

A agenda protecionista vem se amparando em muito ressentimento e senso comum, e pouco em informação econômica e histórica. A crença difundida por Trump é que é possível obrigar empresas industriais americanas a voltar a fabricar nos Estados Unidos e contratar americanos, assim como taxar as que insistirem em fabricar no exterior – e que essa estratégia terá apenas efeitos benéficos. O diagnóstico é equivocado, sobretudo se considerarmos que o poder dos Estados Unidos se ampliou com a globalização, após a Segunda Guerra Mundial. "Trump quer redefinir a ordem econômica global dos últimos 70 anos", diz Thomas Trebat, diretor da sede brasileira do Columbia Global Center. "Ele se opõe ao espírito da Organização Mundial do Comércio e a vários acordos multilaterais que contribuíram para a prosperidade do mundo." Segundo Trebat, a posição de Trump é "imprudente e desinformada" e causará nos Estados Unidos e no mundo um grande sofrimento no futuro. "As restrições comerciais impostas podem até anular os possíveis ganhos de outras políticas", diz Robert Shapiro, professor da Universidade Columbia.

Graças à integração comercial, as multinacionais americanas se espalharam pelo mundo, de onde enviam aos Estados Unidos capital e conhecimento. E os preços dos produtos vendidos no mercado americano se mantêm baixos, porque são fabricados nos países que oferecem a melhor combinação entre o menor custo e a maior facilidade possível para os negócios.

Trump, no entanto, não enxerga (ou finge não enxergar) esse lado "bom" da globalização. Durante a campanha, o presidente capturou a confiança e o voto de grande parte da classe média americana, como os moradores angustiados do Cinturão da Ferrugem, região com indústria pesada e decadente. Fez isso ao expor efeitos perversos da globalização, como a substituição de empregos industriais – mais estáveis, com remuneração previsível e maior prestígio social – por postos de trabalho no comércio e nos serviços – em grande parte, de meio período, com expectativas incertas e salário menor. Em vez de acordos multilaterais, defende acordos bilaterais, em que a contrapartida positiva aos Estados Unidos seja clara. Trump também finge ignorar que algumas mudanças assustadoras no mercado de trabalho se devem ao avanço tecnológico, e não à globalização. As novas empresas gigantes dos Estados Unidos, como Google e Facebook, empregam menos gente que as gigantes industriais do passado. Nas indústrias, os robôs diminuem a necessidade de trabalhadores. Fechar fronteiras não fará nada quanto a essa questão. Há outros buracos nas teses de Trump. ▶

Foto: Bobby Yip/Reuters

Apesar de representar um quarto da economia mundial, os Estados Unidos respondem por 11% do comércio global – ou seja, não são uma nação aberta em demasia. Grande parte do impacto da nova política se dará sobre setores que exportam produtos industrializados, já que a produção de parte de seus componentes ocorre no exterior. Se os componentes passarem a ser taxados ou fabricados nos Estados Unidos, ficarão mais caros – assim como o produto final que o país tentará exportar.

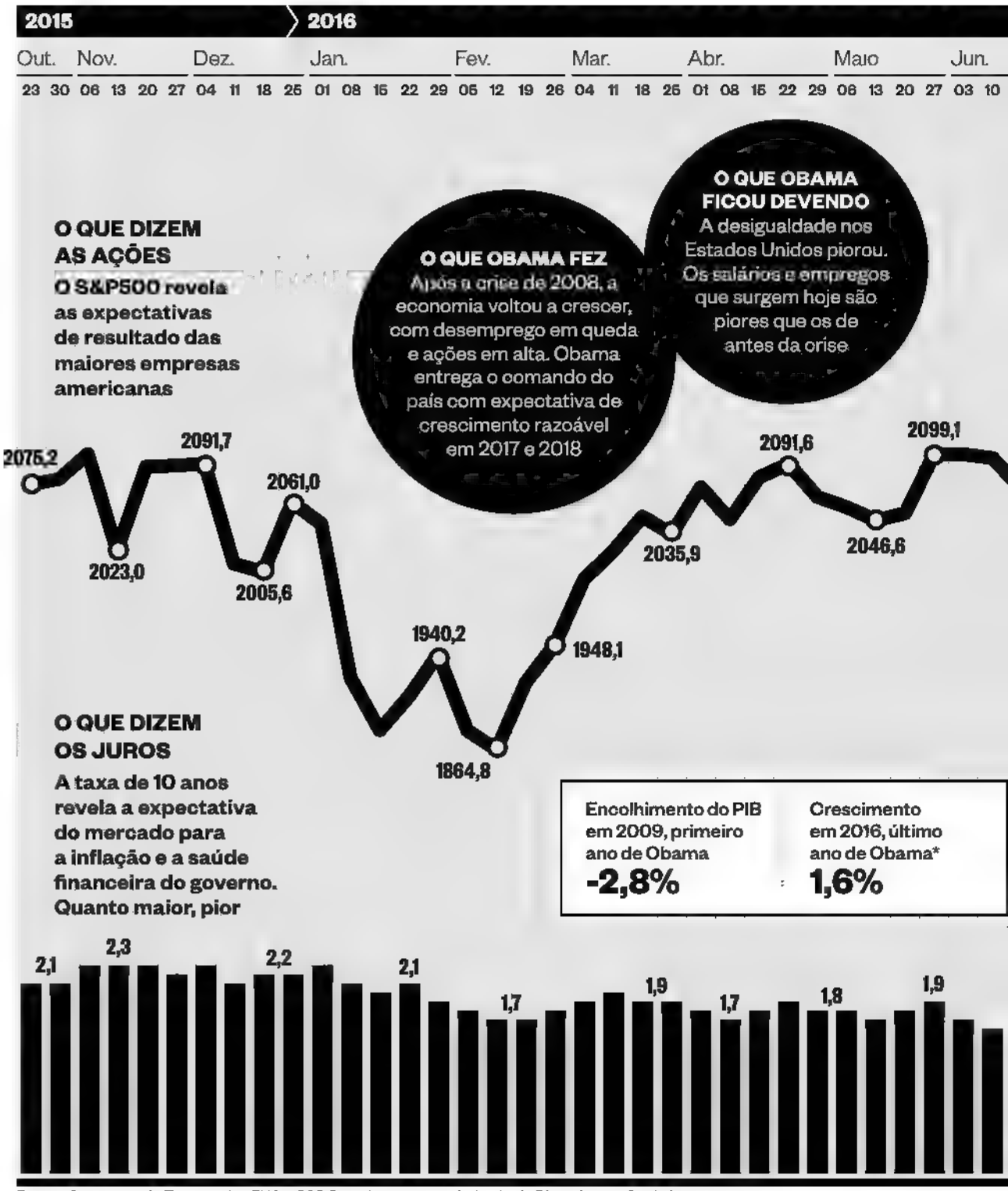
Diante das novidades, grandes corporações se posicionaram. Para o banco Goldman Sachs, a ordem de Trump que impede a entrada de cidadãos muçulmanos está "em desacordo com as políticas de longo prazo da empresa". A mensagem foi assinada pelo presidente do grupo, Lloyd Blankfein, e enviada aos seus 34.400 funcionários.

Além do protecionismo, fazem parte da estratégia econômica de Trump a ampliação de investimentos em infraestrutura, a redução da regulamentação, especialmente no setor financeiro e na proteção ambiental, e o corte de impostos sobre empresas. O receituário tem como objetivo fazer a produção americana passar a aumentar num ritmo de 4% ao ano (a última vez que isso ocorreu foi em 2000). O desafio é enorme, para uma economia em praticamente pleno emprego, com renda em alta e que cresce há oito anos, em um dos maiores ciclos de aquecimento desde a Segunda Guerra Mundial.

No melhor cenário, a estratégia de expandir o gasto público e recolher menos tributos das empresas pode impulsionar a economia no curto prazo. Num período mais longo, os efeitos são incertos. "O plano de Trump deve impulsionar o avanço econômico em um primeiro momento, especialmente na área de infraestrutura", diz Markus Brunnermeier, professor do Departamento de Economia da Universidade Princeton. "Se projetado corretamente, o corte de impostos pode estimular investimentos." Nas projeções do Fundo Monetário Internacional, o PIB dos Estados Unidos deve crescer 2,3% em 2017 e 2,5% em 2018. No ano passado, a taxa foi de 1,6%, abaixo da esperada por analistas.

ASSIM COMEÇA A ERA TRUMP

Os investidores se animaram, desanimaram, se animaram de novo... com o novo

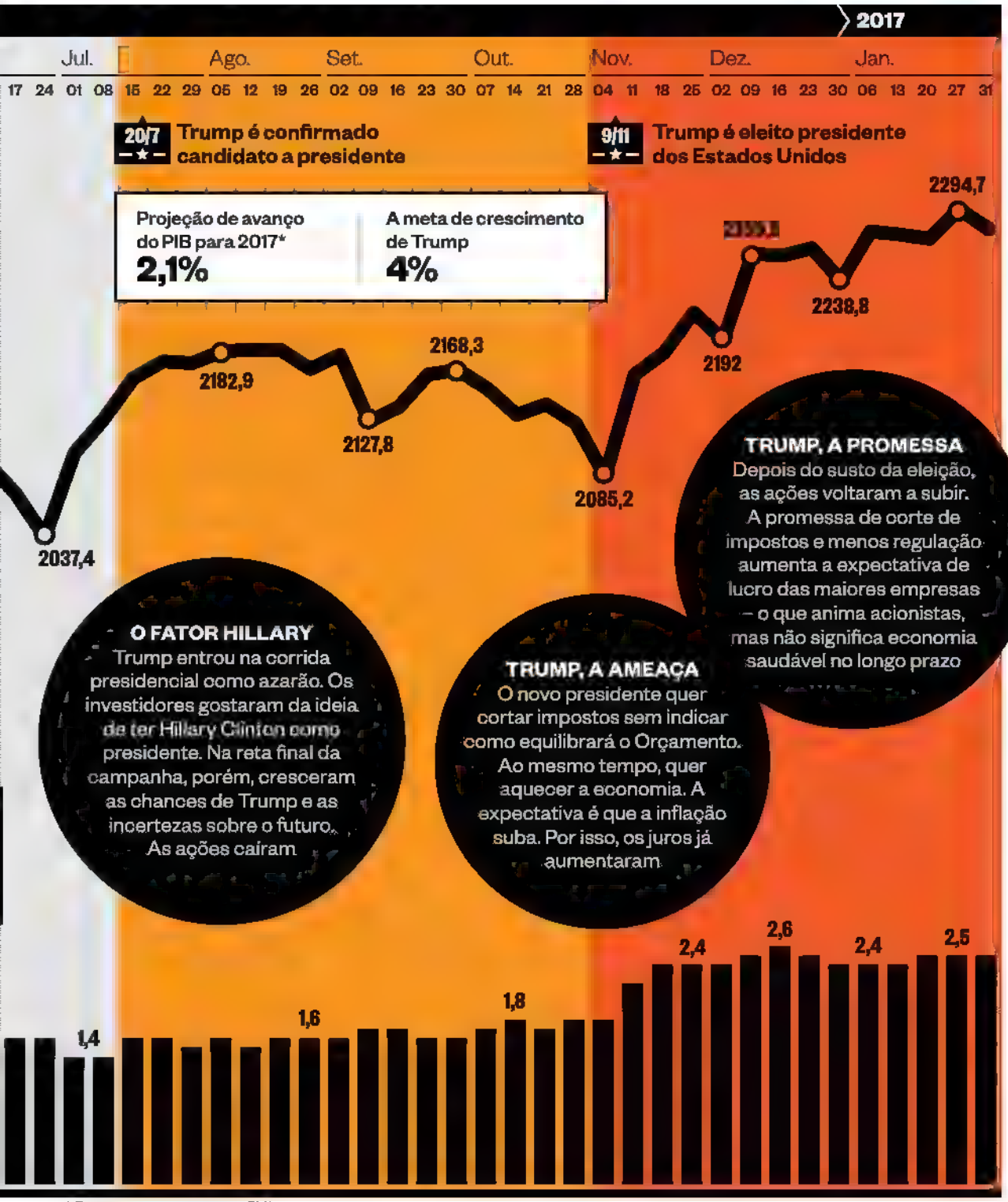


Fontes. Secretaria do Tesouro dos EUA e S&P Dow Jones, com tabulação de Bloomberg e Guide Investimentos

O CORTE DE IMPOSTOS PROMETIDO POR TRUMP PODE ELEVAR O INVESTIMENTO – MAS TAMBÉM ABALAR AS CONTAS PÚBLICAS

O fôlego, no entanto, pode não se sustentar. O histórico do comportamento da economia americana dá pistas sobre o que pode dar errado. O atual período de crescimento, mesmo morno, já dura muito – 11 trimestres –, o que torna mais difícil sustentá-lo. Cortes de impostos para as empresas podem concentrar mais a riqueza nos Estados Unidos, em vez de incentivar o investimento. Os mesmos cortes, combinados com maior gasto público, vão

presidente, não faltarão sustos



* Estimativa e projeção do FMI

expandir a dívida pública. Esses fatores podem empurrar para cima a inflação e os juros. "Trump tem sorte *(por assumir a economia como está)*. Pode até tolerar um aumento moderado do desemprego", diz Edmund Phelps, diretor do Centro de Capitalismo e Sociedade da Universidade Columbia e ganhador do Nobel de Economia de 2006. "O grande problema, que já existia, é o crescimento lento da produtividade. Trump não tem nenhuma ideia de como resolver isso – e nem pensa a respeito." Segundo Phelps, outras consequências da política econômica do novo governo serão mais desaceleração da produtividade e um ambiente adverso para a inovação, como já ocorreu sob governos centralizadores.

A maior referência contemporânea de sucesso de um governo, para os republicanos nos Estados Unidos, é o ex-presidente Ronald Reagan. Ele governou entre 1981 e 1989 e seu legado foi ambíguo. O período foi de crescimento econômico acelerado. Mas, ao aumentar gastos militares e cortar impostos, o ex-presidente criou um enorme déficit orçamentário. Os juros subiram e os Estados Unidos se tornaram menos competitivos.

Apesar do mau humor de boa parte dos economistas em relação às medidas de Trump, o mercado financeiro parece estar gostando. Com alguns solavancos, as Bolsas americanas tiveram alta expressiva nas últimas semanas. O movimento se explica pela injeção de investimento em companhias financeiras e de outros setores que seriam favorecidas com o corte de impostos e medidas de desregulamentação.

Enquanto Trump cumpre, em um ritmo hiperativo, as promessas feitas durante a campanha, o país se divide. Seus eleitores se mostram confiantes e satisfeitos já que o presidente parece disposto a cumprir o que prometeu em campanha. Seus opositores receiam danos profundos à economia, às parcerias internacionais e aos americanos mais pobres. "Esse lado está histérico, à beira de um ataque de nervos, com medo de a própria República estar ameaçada. Nunca vi o país tão dividido", diz Phelps, da Universidade Columbia.

Para o Brasil, o impacto da nova política tende a ser reduzido – os maiores parceiros comerciais dos Estados Unidos, como China e México, têm mais com que se preocupar. Um possível efeito por aqui é o dólar mais caro, o que dificulta a redução de inflação e juros. A Bolsa brasileira não reagiu mal ao novo governo americano. "O início do mandato de Trump despertou o apetite por risco dos investidores", diz o analista Ignácio Rey, da Guide Investimentos.

Se o plano de Trump funcionar (ou ele tiver muita sorte), os Estados Unidos crescerão, mesmo que numa postura mais isolada do resto do mundo. No outro cenário, mais realista, os Estados Unidos cairão numa recessão – situação péssima para um país com um governante impulsivo e centralizador, onde parte da população já se encontra insatisfeita e disposta a erguer muros para deixar de fora o que considera os malefícios da globalização. ◆

Com *Marcos Coronato*

OS STEPHENS QUE INCENDEIAM A CASA BRANCA

Os ultradireitistas Stephen Bannon e Stephen Miller estão por trás das decisões mais polêmicas dos primeiros dias do governo Donald Trump

Flávia Yuri Oshima

Diga-me com quem andas e eu lhe direi como governarás. A paráfrase do ditado popular pode definir com exatidão as primeiras semanas do governo do presidente Donald Trump, a partir da observação de dois de seus homens de confiança: Stephen Bannon e Stephen Miller. O primeiro, estrategista-chefe do governo, possui tanto poder na Casa Branca – e sobre Trump – que o *The New York Times* publicou um editorial com o título: "Presidente Bannon?". O segundo foi o autor do discurso de posse do presidente. Os dois xarás foram os idealizadores e os operadores do decreto que barra a entrada nos Estados Unidos de imigrantes de sete países de maioria muçulmana, criticado mundialmente *(leia mais a partir da página 52)*.

Apesar da diferença de gerações – Bannon tem 64 anos e Miller 31 –, os Stephens da Casa Branca têm muito em comum entre si e com o próprio Trump. Integrantes da ultradireita, ambos possuem um histórico de militância contra a imigração, principalmente de muçulmanos, contra a globalização e contra o multiculturalismo. Na visão apocalíptica da dupla, os imigrantes, a globalização e os acordos comerciais são causas do que seria a decadência econômica e social dos Estados Unidos e ameaçariam a identidade do país. Por trás do slogan America First (Os Estados Unidos em primeiro lugar), que os dois Stephens lapidaram para a campanha eleitoral de Trump, existe a ideia de que os americanos tiveram seus empregos roubados e os Estados Unidos pagam a conta de problemas e conflitos que não lhes dizem respeito.

Os dois Stephens, que trabalham em linha direta, não assustam apenas pelo radicalismo de suas posições, à altura dos estridentes discursos de campanha de Trump. Como mostrou o caos que se seguiu ao decreto sobre imigração, editado por Trump sem consultar os principais órgãos da administração federal americana afetados pela medida, a dupla passou a influenciar atos do governo americano que fogem à área em que eles se especializaram: a agitação político-eleitoral. Um anúncio inédito feito por Trump na semana passada reforçou essa percepção. Para espanto geral, Donald Trump anunciou que Stephen Bannon terá uma cadeira fixa no mais poderoso e exclusivo círculo de poder de Washington, o Conselho de Segurança Nacional. Esse é o Conselho que decide sobre quando – e se – os Estados Unidos farão a guerra

ELES MANDAM
À esquerda, Stephen Bannon. À direita, Stephen Miller. Os dois influenciam o discurso e as decisões do governo Donald Trump

ou a paz, literalmente. Dele participam o chefe do Departamento de Estado, líderes do Pentágono, das Forças Armadas e dos serviços de inteligência. O grupo discute e decide sobre temas de segurança nacional muito sensíveis. Por isso, um consenso entre republicanos e democratas é que o Conselho de Segurança Nacional não é lugar para políticos e politicagem. Desde sua fundação, em 1947, nunca houve polêmica em torno desse ponto, até agora.

Um exemplo da seriedade com que essa regra era seguida foi a reação do então presidente George W. Bush ao saber que o equivalente de Bannon de seu governo – Karl Rove, o conselheiro-chefe de seu gabinete – participara de uma reunião do Conselho. Bush proibiu Rove de voltar a se aproximar daquele grupo, porque sua mera presença nas reuniões poderia causar uma interferência negativa em decisões críticas para o país. Segundo críticos, a presença de Bannon no Conselho poderá levar à politização de suas decisões ou ao bloqueio de suas reuniões. "A presença de Bannon pode interditar o debate", escreveu Charles Kupchan, ex-integrante do Conselho de Segurança Nacional e professor da Universidade Georgetown. "Membros do gabinete deixarão de discutir alguns assuntos em sua presença."

Stephen Bannon, um oficial da reserva da Marinha americana, foi executivo do Goldman Sachs e, até virar estrategista da campanha presidencial de Donald Trump, era o principal executivo do portal de notícias Breibart, uma das principais plataformas da direita alternativa, ou alt-right, movimento que defende uma ideologia nacionalista de viés autoritário. Bannon ganhou a confiança de Trump por ser um homem rico – que não teria se aproximado dele para extrair vantagens – e pela lealdade com que assume as guerras do presidente, principalmente com a imprensa. Numa entrevista ao *The New York Times*, já como membro do governo, Bannon afirmou que a imprensa é o partido de oposição ao governo Trump, que ela fora humilhada pela vitória republicana e deve "manter a boca fechada".

Mesmo mais novo, Stephen Miller também possui amplo portfólio de atitudes controversas. No ensino médio, cursado num colégio liberal da Califórnia, Miller usava o jornal da escola para criticar a liberação do uso do espanhol nas aulas, o que estaria causando a deterioração dos valores americanos entre os alunos. Na Universidade Duke, como estudante de Direito, virou colaborador de um site de direita. Seus artigos protestavam contra a "paranoia racista" que, segundo ele, sustentava as políticas afirmativas pró-negro. No escândalo do possível estupro de uma dançarina negra por três atletas da Universidade Duke, em 2006, Miller virou porta-voz dos suspeitos numa entrevista à emissora CNN. Meses depois, quando as acusações contra os atletas foram retiradas, Miller ganhou projeção fora dos muros da universidade.

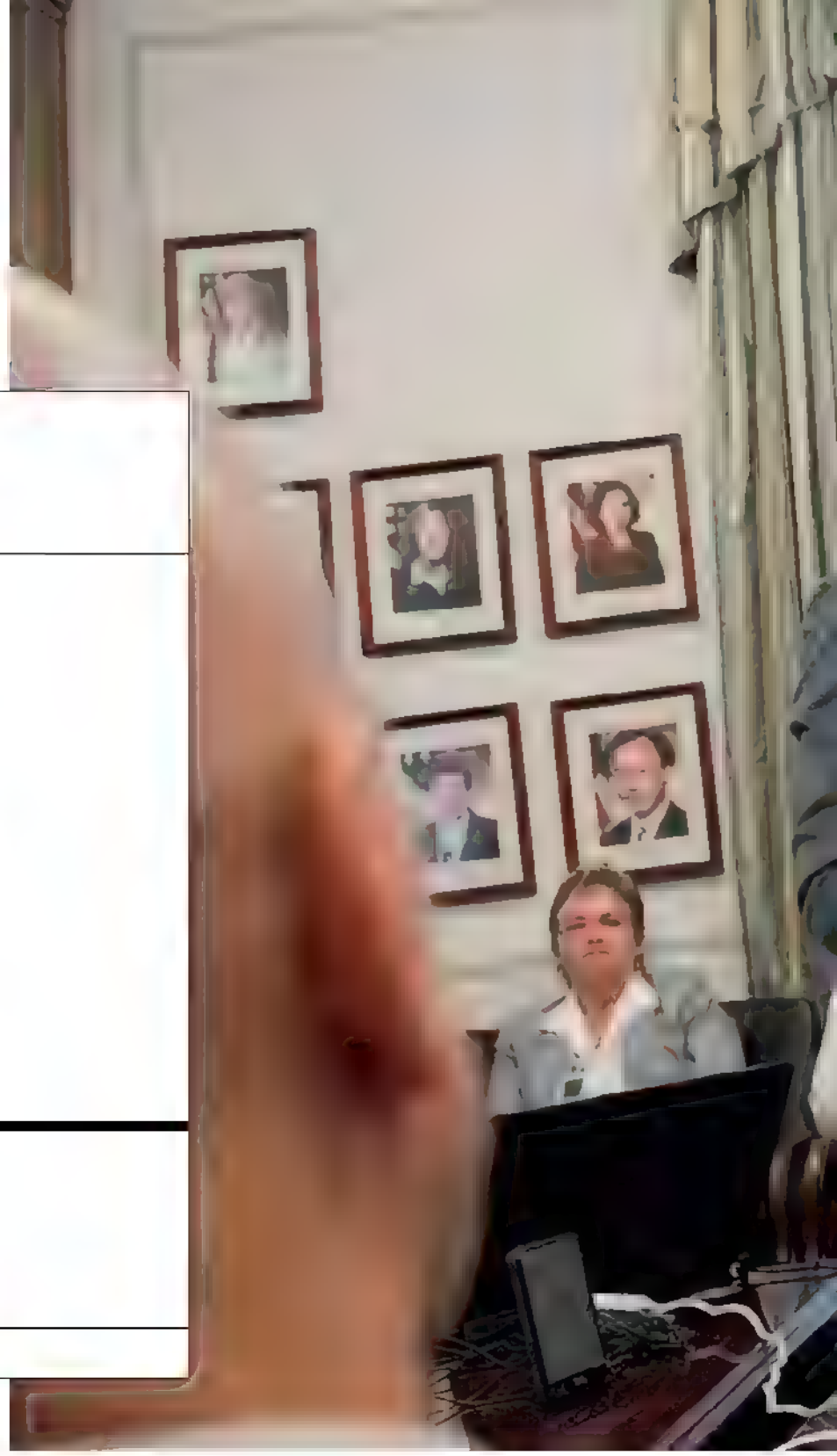
Desde então, passou a trabalhar com políticos republicanos. Em 2009, juntou-se ao time do senador Jeff Sessions, o ultraconservador senador do Alabama escolhido por Trump para ser o procurador-geral da Justiça de seu governo. Aos 70 anos, Sessions é um linha-dura em assuntos de imigração que, por causa de suas posições radicais, era antes quase um estranho no ninho no Congresso americano. Com a chegada de Trump ao poder, Sessions passou a ser reconhecido como o guru ideológico dos dois Stephens. ◆

Fotos: Eduardo Munoz Alvarez, Dominick Reuter/AFP

TRUMP E WASHINGTON SE ODEIAM

O novo presidente dos Estados Unidos está em pé de guerra com a máquina do governo americano

Lourival Sant'Anna, de Washington



Donald Trump se lançou à Presidência dos Estados Unidos com uma palavra de ordem que levou para o Salão Oval da Casa Branca: "drenar o pântano". A expressão resume seu desprezo para com a cidade a partir da qual ele agora comanda os Estados Unidos. Segundo uma lenda já desmentida por geógrafos, o primeiro presidente americano, George Washington, construiu a capital sobre um pântano. No espírito em que tem sido usada por Trump, a palavra pode ser entendida como "esgoto". O presidente quer limpar o país da "podridão" da capital, que ele usa como símbolo de uma ordem política que pretende simplesmente sepultar, como deixou claro ao tomar posse da Casa Branca. "Estamos transferindo o poder de Washington e devolvendo-o para vocês, o povo. Por muito tempo, um pequeno grupo na capital de nossa nação sugou as riquezas do governo enquanto o povo arcou com os custos. Washington floresceu, mas o povo não compartilhou de sua prosperidade", atacou Trump em seu belicoso discurso inaugural.

O ódio manifestado por Trump a Washington é recíproco. Naquela manhã fria de 20 de janeiro, enquanto Trump, sob uma garoa, discursava da escadaria do Capitólio para seus eleitores que vieram de todas as partes do país ou que o viam pela TV, os moradores de Washington, apenas 4% dos quais votaram nele, fechavam-se em suas casas, protestavam ou simplesmente deixavam a cidade, como que para não ser cúmplices de sua ascensão ao poder. A guerra de Trump contra uma burocracia que ele considera obesa, perdulária e prejudicial aos negócios logo passou das palavras para os atos. Em seu primeiro decreto, Trump congelou a contratação de servidores federais civis (ele pretende aumentar o efetivo e os gastos militares).

Na semana passada, com a controversa ordem de Trump para banir temporariamente a entrada nos Estados Unidos de cidadãos de sete países de maioria muçulmana *(leia mais a partir da página 52)*, veio o revide da máquina governamental que deve, supostamente, atender aos novos comandos instalados em Washington. A procuradora-geral de Justiça interina, Sally Yates, herdada do governo Barack Obama, instruiu seus subordinados do Departamento de Justiça a não cumprirem a ordem de Trump, por considerá-la ilegal. O ato de

Foto: Saul Loeb/AFP

VOCÊ ESTÁ DEMITIDA
A ex-procuradora-geral de Justiça Sally Yates. Ela foi demitida sumariamente por se recusar a cumprir ordem de Donald Trump

desobediência de Sally Yates, que estava esquentando a cadeira para o escolhido por Trump para o cargo, o senador Jeff Sessions, do Alabama, só encontra paralelo num episódio do governo de Richard Nixon (1969-1974) que ficou conhecido como o Massacre de Sábado à Noite. Em 1973, o então procurador-geral de Justiça e seu vice se recusaram a acatar uma ordem de Nixon de demitir o procurador responsável pelo caso Watergate. Acabaram eles próprios demitidos pelo presidente. Trump teve a mesma reação de Nixon e afastou sumariamente Sally Yates, tratando de espezinhá-la publicamente. Além de ser acusada de traição, Sally Yates foi qualificada como "fraca em fronteiras e muito fraca em imigração ilegal" por Sean Spicer, o porta-voz de Trump.

Apesar da reação drástica e das ameaças de enquadramento dos insatisfeitos, um espírito de amotinação já se espalhara por outros órgãos do governo americano. No Departamento de Estado, o equivalente ao Itamaraty brasileiro, mais de 1.000 diplomatas, com postos no mundo inteiro, assinaram uma carta que diz que o banimento decidido por Trump vai "alienar aliados" e "prejudicar economicamente a América". A carta foi distribuída por um canal interno do Departamento de Estado, criado em 1971 durante a Guerra do Vietnã, para encorajar diplomatas a fazer críticas e sugestões aos responsáveis pela política externa americana. Mas o movimento acabou ganhando características de "abaixo-assinado", num ato sem precedentes conhecidos na história do Departamento de Estado. ▶

O clima de insubmissão não se restringe a órgãos do governo afetados pelo decreto de banimento. Outra área em pé de guerra é o Departamento de Saúde e Serviços Humanos. A Lei de Atendimento Acessível (ACA), conhecida como Obamacare, garante financiamento federal para a rede de centros de saúde e agentes de família, que atendem comunidades mais pobres. Os republicanos estão desmantelando a lei de 2010 no Congresso, e Trump promete substituí-la por um sistema que estimule a concorrência e o barateamento dos planos de saúde. Diana Rule, de 56 anos, que se aposentou no ano passado, depois de trabalhar por 18 anos no Departamento de Saúde, conta que alguns ex-colegas choraram no trabalho por causa da eleição de Trump. "As pessoas estão muito ansiosas, frustradas e com raiva por causa da retórica desrespeitosa de Trump com as pessoas de cor, com as mulheres e com os sonhadores *(como são chamados os imigrantes)*", diz Diana, que é negra e formada em saúde pública.

No Departamento de Educação, parte dos funcionários quer transformá-lo numa trincheira em defesa da rede pública e contra a bilionária Betsy DeVos, presidente da Federação Americana para as Crianças, escolhida por Trump para chefiá-lo. Betsy DeVos, que é casada com o dono do império varejista Amway, defende a difusão do sistema em que famílias escolhem colégios fora da rede pública e recebem bolsas de estudo do governo ou enviam seus filhos para escolas privadas sustentadas com dinheiro público, chamadas de charter schools – um modelo que, implantado em alguns municípios, vem dando bons resultados nos Estados Unidos.

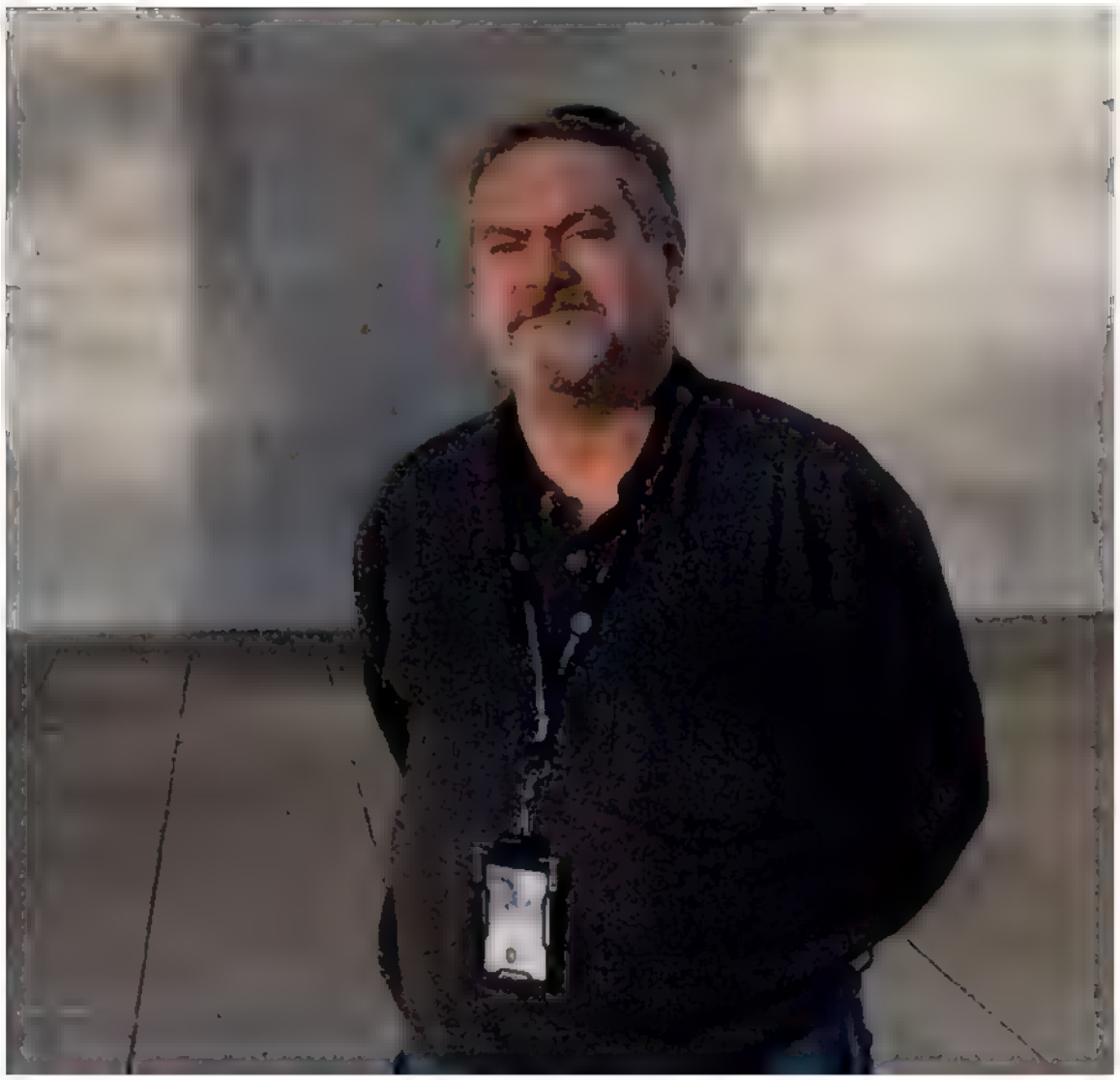
> **"Na minha área, muita coisa vai mudar. Não estou feliz, mas o que posso fazer?"**
>
> **Elizabeth Anderson,**
> gerente no Departamento de Energia e Recursos Naturais, em Washington

Um dos setores que passarão por mudanças importantes é o Departamento de Energia. O novo secretário, Rick Perry, ex-governador do Texas, estado produtor de petróleo, já chegou a defender a extinção do departamento quando postulou uma candidatura presidencial pelo Partido Republicano. Ao ser sabatinado pelo Senado, disse não haver comprovação de que a ação humana cause o aquecimento global – simplesmente ignorando um consenso científico e adotando uma história mais conveniente para seus negócios ou crenças, como faz o próprio presidente. "Foi o que o povo quis, mas não estou feliz", disse Elizabeth Anderson, de 31 anos, gerente no Departamento de Energia e Recursos Naturais. "Nada que eu possa dizer vai mudar o que está acontecendo. Na minha área, muita coisa deve mudar."

Alguns funcionários públicos são mais cáusticos em seus prognósticos. "Isso vai ser uma Gilded Age *(o período do capitalismo de compadrio mais intenso nos Estados Unidos, no fim do século XIX, quando o país cresceu muito, com a riqueza concentrada num grupo de empresários, e multiplicaram-se os problemas sociais e a corrupção)*", afirma Jim Conroy, de 50 anos, há 20 na Agência Federal de Aviação (FAA). "Vamos precisar de um Theodore Roosevelt *(presidente republicano que saneou o país depois da Gilded Age)* para limpar as negociatas. O nível de corrupção, agora, será muito mais alto."

Numa capital que a cada quatro ou oito anos tem de se adaptar aos modos de um novo presidente, a angústia e as incertezas não são uma novidade em transições de governo. Mas esses sentimentos se amplificaram com a chegada de Trump e sua trupe. Além do desdém do novo presidente por Washington, o estilo errático, impulsivo e paranoico de Trump, que vê uma conspiração em cada canto, contribui para aumentar o nervosismo na máquina governamental. Trump tem o hábito de ficar à noite na Casa Branca, vendo TV e navegando nas redes sociais. Muito do que ele vê acaba virando depois motivo para julgamentos instantâneos de 140 caracteres no Twitter, que agora ganharam o peso de um pronunciamento

Fotos: Lourival Sant'Anna/ÉPOCA (2)



presidencial. A profusão de tuítes acaba gerando ansiedade em quem tenta discernir, em meio à torrente de declarações, o que é uma nova diretriz de governo de um mero comentário aleatório.

"Trump escreve uma coisa no Twitter de manhã e de noite diz outra", reclama uma funcionária de 41 anos do Departamento de Saúde, que pede para não ser identificada. Ela trabalha há mais de 15 anos no governo e esteve sob as administrações do republicano George Bush e do democrata Barack Obama, mas nunca sentiu um clima de consternação como agora. "Eu me sinto um pouco desorientado", diz um funcionário veterano do Departamento do Comércio, que passou por sete mudanças de presidente. Para chefiar o Departamento de Comércio, Trump escolheu o bilionário Wilbur Ross, de 79 anos, num exemplo de suas atitudes contraditórias. Ross fez fortuna comprando, recuperando e vendendo empresas falidas. Segundo um levantamento recente, de 2004 para cá, essas empresas exportaram 2.700 empregos, ao transferir suas operações para outros países, em busca de custos mais baixos. Durante sua campanha, Trump mirou suas críticas mais contundentes em empresários que fizeram o mesmo que Wilbur Ross. "Espero que eles não tirem conclusões precipitadas, que consultem muitos especialistas de cada área, para orientá-los sobre as decisões certas", diz o funcionário do Departamento de Comércio referindo-se a Trump e seus assessores mais próximos. Não é o que está acontecendo, como mostrou o caos que se seguiu ao decreto de proibição de imigração. No frenesi de seus primeiros dias de governo, Trump baixou uma dúzia de ordens executivas com pouca ou nenhuma consideração pelos responsáveis em implementá-las: as agências governamentais e seus "burocratas de carreira", como maliciosamente se referiu aos servidores públicos Sean Spicer, o porta-voz de Trump.

> **"Precisaremos de um Theodore Roosevelt para limpar todas as negociatas da gestão Trump"**
>
> **Jim Conroy,**
> funcionário da Agência Federal de Aviação (FAA), em Washington

Assim como em Brasília, os salários em Washington estão bem acima da média nacional dos Estados Unidos. Isso gera ressentimentos em muitos americanos, que consideram que trabalham duro para pagar impostos e sustentar uma casta de privilegiados. Os washingtonianos também têm, em geral, mais instrução e são mais liberais em temas morais, como aborto e casamento gay, que a média nacional e, principalmente, que os eleitores de Trump. A prefeita de Washington, Muriel Bowser, é democrata, mulher e negra. Na Marcha das Mulheres do sábado, dia 21, ela subiu ao palanque de ativistas e artistas que se manifestaram contra Trump. Assim como a Califórnia, reduto democrata, maior e mais rico estado americano, fala em resistir às políticas de Trump, Washington começa a assumir a vanguarda de um movimento de cidades na mesma direção.

Apesar do atual abismo na sociedade americana entre os que apoiam e os que rejeitam o novo presidente, nenhum governo consegue avançar em seus propósitos se não tiver por trás uma máquina bem azeitada. Uma prova da importância do moral elevado do funcionalismo foi dada há dois anos pelo governo Obama, quando a maioria republicana no Congresso bloqueou o Orçamento, mas os servidores continuaram trabalhando, mesmo sem receber. "Óbvio que foi um problemão, mas conseguimos superar coisas desse tipo", lembra Kesha Summers, funcionária da Justiça Federal há 23 anos. Ela considera que o episódio melhorou a percepção sobre os funcionários federais de Washington. "Temos uma imagem ruim, de preguiçosos, de que não trabalhamos muito e temos salários altos pagos pelos contribuintes. Mas trabalhamos duro." Se quiser levar a bom termo seu governo, Trump vai ter de encontrar um modo de convivência com os moradores do "pântano". ◆

PETER AGRE

"Trump nega fatos e não vai apoiar a ciência"

O pesquisador, ganhador de um Nobel de Química, conta como é difícil um cientista entrar na política – o que facilita a vida de obscurantistas como o presidente dos Estados Unidos

Rafael Ciscati

O professor Peter Agre, ganhador do Prêmio Nobel de Química em 2003, repete um ritual ao palestrar para cientistas jovens nos Estados Unidos. Pede que se manifestem os que nasceram fora do país ou sejam filhos de imigrantes. Muitos erguem as mãos, sempre. Por esse e outros motivos, Agre – um senhor calmo e de fala mansa – está abalado pelas ações do novo presidente americano, Donald Trump. Em poucos dias, Trump tomou medidas polêmicas e potencialmente danosas à ciência: vetou a entrada de um grupo específico de imigrantes; apagou, de sites ligados à administração federal, menções ao aquecimento global; determinou que dados produzidos pela Agência de Proteção Ambiental passem por revisão política; e sinalizou que fará cortes no financiamento de programas federais de estudo de ciências como geofísica e meteorologia. Agre, nascido nos Estados Unidos em uma família de origem sueca, dá aulas na Universidade Johns Hopkins, já pensou em entrar na política partidária. Desistiu. Aos 68 anos, não esconde seu pessimismo.

ÉPOCA – **Quais são os possíveis efeitos da política de imigração mais restritiva para a ciência feita nos Estados Unidos?**
Peter Agre – Quando dou palestras nos Estados Unidos, geralmente peço que ergam as mãos os que não nasceram aqui ou cujos pais são de fora do país. É comum que metade da plateia erga as mãos. Metade de nossos cientistas são imigrantes ou filhos de imigrantes. As políticas imigratórias que Trump quer articular, e esse recente veto a imigrantes de certos países, são completamente inconsistentes com nosso histórico, com o fluxo de talentos que veio aos Estados Unidos *(leia mais em Da Redação, na página 16)*. Essas pessoas tornaram nossa ciência relevante. Mais de um terço dos cientistas americanos que ganharam o Prêmio Nobel nasceu fora dos país. Jack Szostak *(britânico-canadense)*, Elizabeth Blackburn *(australiana)*, Eric Kandel *(austríaco)*. E muitos outros. Impedir que talentos de outros países venham aos Estados Unidos vai prejudicar a ciência feita aqui.

ÉPOCA – **O senhor conhece pessoas diretamente afetadas pelo veto?**
Agre – Não. Mas sei de cientistas que residem nos Estados Unidos reconsiderando se devem ou não viajar para o exterior, com medo de não conseguir voltar. Ou em dúvida sobre vir para cá. Isso acontece desde antes do governo Trump, mas a partir de agora a tendência é que piore, ao menos a julgar pelas notícias. Tenho um amigo que nasceu no Irã e foi adotado por uma família norueguesa. Por causa do nome e da aparência, é barrado no aeroporto toda vez que vem aos Estados Unidos. Tento me manter calmo a respeito do que vem acontecendo, mas estou bastante alarmado.

ÉPOCA – **Trump falou muito na campanha, mas assumiu a Presidência há poucos dias. Quais ações indicam que ele ameace as ciências?**
Agre – Trump nega fatos consolidados e defende a existência de fatos alternativos. Ele não vai apoiar a ciência, porque ela se baseia em fatos. Por anos, Trump insistiu que Barack Obama nascera no Quênia. Pelo que vimos até agora, podemos esperar dele uma forma ilógica de conduzir o poder. As ações dele até agora foram bastante impulsivas. Elas ▶

Foto: divulgação/Nobel

UM NOBEL
ANTI-TRUMP
O bioquímico Peter Agre, professor na Universidade Johns Hopkins. Ele pensou em entrar para a política, mas desistiu diante dos custos

ainda não tiveram impacto direto nas políticas para saúde. A exceção a isso é a indicação de Tom Price para a Secretaria de Saúde e Assistência Social. É um médico com posições extremamente conservadoras. De resto, ainda precisamos ver o que Trump pretende fazer. Eu, como a maioria dos cientistas, temo que as ações dele estarão distantes do que consideramos o ideal. Nas políticas para o meio ambiente, Trump é uma ameaça ao Acordo de Paris. Nós *(os Estados Unidos)* ainda não efetivamos o acordo, não tomamos medidas para garantir as reduções de emissões propostas. E, para Trump, esse tipo de ação não parece importante. Não temos clareza sobre o que ele pretende no governo. Durante a campanha, não apresentou uma agenda clara de propostas. Só reagia, de um jeito espontâneo, a essa ou aquela situação.

ÉPOCA – **Como o presidente pode interferir nas pesquisas feitas no país?**

Agre – Ordens executivas *(que valem de imediato e dispensam avaliação do Congresso)* podem definir os rumos das políticas públicas. Quando Obama foi eleito, uma de suas primeiras ações foi reverter o veto que existia a pesquisas com células-tronco. Desde então, todo esse campo progrediu. Isso foi feito por ordem executiva e os resultados beneficiaram a ciência. O oposto pode acontecer. O presidente americano tem muito poder. Nas mãos certas, isso é bom. Mas pode ser muito perigoso. Trump está à frente do cargo há poucos dias e já provoca apreensão mesmo entre republicanos. Suponho que, um dia, ele terá de cair em si. Ou que o Congresso não vai endossar suas ações. Nunca vivi uma situação como esta nos Estados Unidos.

“Por muito tempo, Donald Trump insistiu que Barack Obama nascera no Quênia”

ÉPOCA – **Boa parte das pesquisas relevantes feitas nos Estados Unidos é conduzida em universidades e instituições privadas. Mesmo elas podem ser afetadas?**

Agre – As universidades americanas, ao longo das últimas décadas, fizeram ciência de qualidade. Em parte, isso foi possível porque havia muito dinheiro disponível. O governo foi muito generoso, por meio de órgãos como os Institutos Nacionais de Saúde e a Fundação Nacional de Ciência. Foi generoso com a Nasa e outras agências federais que conduzem pesquisas. Trump, por ordens executivas, pode congelar esses fundos. A decisão talvez não dure, talvez seja barrada pelo Congresso. Mas o Congresso americano não tem se orientado exatamente por conhecimento e inteligência. Se tivermos de esperar que ele reverta as decisões de Trump…

ÉPOCA – **O senhor também está pessimista em relação ao Congresso?**

Agre – Acho que Trump vai encontrar problemas com o Congresso. Para ser justo, embora existam pessoas muito mal informadas no Legislativo, há também as que valorizam a ciência. Entre democratas e republicanos. Acredito, e espero, que aqueles com sabedoria e conhecimento erguerão a voz. *(O senador)* Lamar Alexander é um republicano e ex-presidente da Universidade do Tennessee. É um defensor ferrenho do investimento em ciência. Há também *(o senador republicano)* John McCain *(que vem assumindo papel de moderador diante de Trump)*. Esses homens mais esclarecidos têm força.

ÉPOCA – **Há pesquisadores, como o professor Michael Eisen (fundador da revista científica *Plos One*), defendendo que cientistas concorram a cargos políticos para influenciar, de forma mais direta, as políticas públicas. É um caminho?**

Agre – A ideia é boa, mas seria muito difícil. O sistema é punidor... Eu mesmo considerei concorrer ao Senado de Minnesota, onde nasci *(nos Estados Unidos, há senados estaduais)*. Isso em 2008. Os candidatos prováveis eram nomes impopulares. Aproximei-me de políticos locais e eles me disseram: “Você pode apostar US$ 10 milhões nos próximos cinco meses?”. Fazer uma campanha bem-sucedida exige muito dinheiro. Quem trabalha com ciência e tem acesso a esse tipo de riqueza deveria, sim, tentar. Mas a maioria dos cientistas não dispõe desses recursos. Somos de classe média. Aqueles de nós que dão aulas em universidades, para se candidatar, teriam de abrir mão de seus cargos – a regra é que o candidato não pode receber salários de uma instituição isenta de impostos, como uma universidade. A ideia é muito boa, mas difícil de concretizar. Ao longo do tempo, houve pouquíssimos cientistas no governo. Rush Holt, que hoje preside a Associação Americana para o Progresso da Ciência, foi deputado por Nova Jersey por 16 anos. É um caso raro.

ÉPOCA – **Para além da política partidária, o que pode ser feito?**

Agre – Acabou de acontecer uma Marcha das Mulheres em Washington. Minhas três filhas, que moram em outras cidades, vieram para casa para participar *(Agre vive em Baltimore, perto de Washington)*. Foi um evento com alcance mundial, que chamou muito a atenção. Uma Marcha da Ciência, como a que tem sido discutida *(ela deverá ocorrer em 22 de abril)*, pode ser uma boa maneira de aumentar a visibilidade para nossos problemas. Trump vai querer ignorá-la. Mas ainda podemos divulgar mais o conhecimento que produzimos, colaborar com a imprensa, informar o debate, cobrar ações de nossos candidatos que se elegeram. Se o povo decidir que quer algo, votará em candidatos capazes de alcançar esses objetivos. Mas a capacidade de um cientista de interferir na política é bastante limitada. Não nos levam a sério. Mesmo assim, devemos nos manter implacáveis. Pessoalmente, estou cansado. Tenho 68 anos e problemas de saúde. O que mais posso fazer? Na porta de minha sala, há uma foto de George Washington *(primeiro presidente dos Estados Unidos)* usando um boné. Está escrito “Obama” no boné. É o meu pequeno protesto particular. ◆

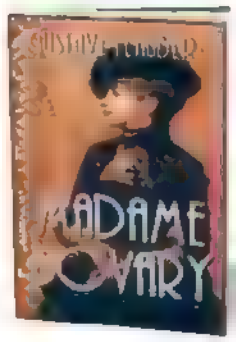
HELIO GUROVITZ

Quem tem direito de julgar o que é arte?

Política e justiça se misturam. Políticos, quando não tentam escapar da Justiça, procuram dobrá-la a seus interesses. Juízes são acusados de extrapolar sua missão e de querer legislar como políticos. Em nenhum campo, a intromissão de ambos é tão nefasta quanto na arte. Quando se metem a julgar obras artísticas, criam mais problemas do que resolvem. Parece fácil distinguir o pichador fora da lei do grafiteiro genial. Será mesmo? Muros cinzentos, leis e disciplina não combinam com arte. É por isso que autoridades sofrem de uma miopia estética atávica, incurável. Basta lembrar que algumas das maiores obras da literatura, hoje parte do currículo em qualquer boa escola secundária, foram em seu tempo proibidas ou tiveram de enfrentar a Justiça para ser publicadas.

Nem é preciso recorrer a ditaduras socialistas para encontrar exemplos. Em pleno século XX, o Reino Unido proibiu *Ulysses*, de James Joyce, e *O amante de Lady Chatterley*, de D.H. Lawrence. No século XIX, o maior poeta e o maior romancista da França enfrentaram o mesmo promotor, acusados de ofender a "moral religiosa" e "ultrajar a moral pública e os bons costumes". Charles Baudelaire, o poeta, foi obrigado a pagar multa e a retirar seis poemas da primeira edição de *As flores do mal*. Gustave Flaubert, o romancista, foi absolvido num julgamento que completa 160 anos nesta semana. Mas não sem levar uma reprimenda do juiz, que se meteu a criticar suas "imagens que o bom gosto reprova", suas teorias "contrárias aos bons costumes e às instituições", sua "linguagem severa" e a pontificar sobre a missão da literatura. "Há limites que a literatura, mesmo a mais ligeira, não deve ultrapassar, de que Gustave Flaubert e seus coinculpados não se deram conta", diz a sentença imbecil de fevereiro de 1857. Quem for ler *Madame Bovary* hoje nada verá de "lascivo" ou "ofensivo" nas passagens apontadas pela acusação. Provavelmente dará risada. Em contrapartida, terá em mãos o mais perfeito retrato da sociedade daquele tempo, o mais influente romance na história da literatura e, para muitos, o melhor jamais escrito.

Nada neste mundo é perfeito, todos sabemos – exceto o texto de Flaubert. Ele era obsessivo no cuidado com a forma e no apuro do estilo. Compunha prosa como se fosse poesia. Lia e relia em voz alta, escrevia e reescrevia, jamais ficava satisfeito. Seu poder de descrição minucioso revelava os personagens nos menores objetos, tanto naquilo que dizia quanto no que omitia. Numa cena, Emma Bovary, a heroína provinciana, se entrega ao amante dentro de uma carruagem que trafega a tarde toda pelas ruas de Rouen. Em nenhum momento o narrador conta o que se passa lá dentro. Limita-se a registrar o trajeto no nome das ruas. O resto fica a cargo do leitor. Pois essa cena genial foi considerada "lasciva" pelo Ministério Público. Só por inovações formais desse calibre, todo romancista é devedor de Flaubert. Prova disso são os tributos copiosos de escritores tão diversos quanto Henry James, Jean-Paul Sartre ou Mario Vargas Llosa. A narrativa de *Madame Bovary* é composta de uma costura imperceptível – e sem precedentes – entre pontos de vista e tempos verbais. Flaubert aproximou as vozes do narrador e do personagem e inventou o estilo conhecido como "discurso indireto livre", depois usado por todo escritor. Foi o precursor de todos os romances psicológicos – do monólogo interior de Joyce às memórias involuntárias de Proust.



LIVRO DA SEMANA

Madame Bovary
Gustave Flaubert

L&PM Pocket
2004
336 páginas
R$ 26

A maior contribuição de Flaubert à literatura se deu não na forma, mas no conteúdo. Ele abandonou o ideal romântico para falar de gente comum. Filha enfastiada de um rico proprietário rural, Emma foge da mediocridade de seu casamento para a fantasia de livros e revistas, o consumo de roupas e joias e os braços de dois amantes, um fazendeiro bruto e um tabelião calculista. Mãe de uma bebê que detesta, achacada pelo usurário que lhe financiara o impulso consumista, se mata numa cena atroz. "É um mundo de seres cujas existências se compõem de pequenezas, de hipocrisias, de misérias e sonhos menores", escreveu Vargas Llosa no magistral *A orgia perpétua*. No mesmo Segundo Império em que Karl Marx enxergava provas de suas teorias revolucionárias, Flaubert via apenas o ridículo. Não queria saber de mudar o mundo, de transmitir uma mensagem ao "povo" ou de redimir quem quer que fosse. Sempre se considerou marginal. E, mesmo com todo ódio e pessimismo, tem mais respeito pela maturidade e inteligência do leitor que qualquer engajado. Sobre os que queriam condená-lo, escreveu antes do julgamento: "Desta boca que queriam fechar, lhes restará uma cusparada na cara". É o que todo artista que se preze dirá a quem quiser lhe enquadrar em qualquer lei. ◆

Helio Gurovitz é jornalista **hgurovitz@edglobo.com.br** (e-mail)
@gurovitz (Twitter) **http://g1.globo.com/mundo/blog/helio-gurovitz/** (web)

DE OLHO NO PREFEITO

Uma rede de voluntários atua num número crescente de cidades, a fim de barrar as compras inadequadas que os municípios tentam fazer

Luís Lima

A 307 quilômetros de Teresina localiza-se Picos, a "capital modelo" do estado do Piauí, como é conhecida. O município tem menos de 80 mil habitantes, bom Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) para o padrão do sertão e economia em movimento. Não tanto, porém, a ponto de sobrar dinheiro. Em 2014, na gestão do ex-prefeito Kléber Eulálio (PMDB), cidadãos identificaram, num edital para compra de alimentos e produtos de limpeza para o setor público, a presença de perfume, creme de barbear e "esmalte de cores diversas", além de sobrepreços em vários itens. Em outro edital, os cidadãos flagraram a intenção de compra de anestésicos usados em cirurgias de alta complexidade – embora a prefeitura não administre nenhum centro cirúrgico. As irregularidades vieram à tona graças à atuação do Observatório Social do Brasil (OSB), uma rede de organizações civis que unem voluntários para fiscalizar o uso do dinheiro público nas prefeituras e câmaras municipais.

Após alertas ao Executivo federal, sem retorno, e posterior denúncia ao Ministério Público Federal, nos dois casos as compras foram reconsideradas. ▶

EDUCAÇÃO FINANCEIRA **Estudantes em Londrina. Cidadãos alertaram a prefeitura sobre a compra de uniformes escolares por preço superior ao de mercado**

Foto: Gilberto Abelha/Agência de Notícias Gazeta do Povo

A prefeitura chamou mais fornecedores para a disputa e excluiu itens sem pé nem cabeça. O município economizou mais de R$ 5 milhões. "De maio de 2014 até hoje, praticamente todas as licitações de Picos foram monitoradas pelo OSB. Estimamos uma economia total de R$ 41,7 milhões até agosto do ano passado", disse Tiago Rêgo, presidente local da entidade.

Em Picos, o OSB tem sede na Associação Comercial. É assim em 70 dos 105 municípios da rede do OSB, espalhados por 19 estados. Foi numa Associação Comercial que surgiu o primeiro OSB, em Maringá, no Paraná. A causa foi a gestão do prefeito Jairo Gianoto (PSDB), de 1997 a 2000 (a Justiça Estadual condenou Gianoto a devolver dinheiro aos cofres públicos, mas somente dez anos depois). O então vice-presidente das Associações Comerciais do Paraná, Eduardo Araújo, propôs um movimento para impedir o mau uso dos recursos municipais. "Ao fim de 2004, criei o Movimento Pela Cidadania Fiscal *(MPCF)*, um trocadilho com a CPMF, que culminou no Observatório Social de Maringá, o primeiro do Brasil, no começo de 2005", conta. A ideia era criar um coletivo de fiscais das compras e contratações de serviços pelo poder público.

Atualmente, cerca de 3 mil voluntários, incluindo professores, empresários, profissionais liberais, servidores públicos não municipais e integrantes de diversas associações de classe participam da rede. Desde 2013, o OSB estima ter propiciado economia de R$ 1,5 bilhão, graças ao acompanhamento de licitações e das atividades de prefeitos e vereadores. A rede se concentra nas compras e contratações ruins. "O foco do trabalho está na eficiência da gestão pública, e não na caça aos corruptos", explica a diretora executiva da entidade, Roni Enara. Segundo ela, em média, a atuação do OSB contribui para uma economia de 10% a 15% no orçamento de compras nas cidades.

R$ 1,5 BILHÃO

é a economia estimada pelo Observatório com a atuação dos grupos de cidadãos fiscais entre 2013 e 2016

Ações do tipo contribuem com a reorganização das finanças municipais, uma necessidade urgente e difusa no país. Nas primeiras semanas deste ano, 43 prefeituras decretaram calamidade financeira, segundo a Confederação Nacional dos Municípios (CNM). As cidades sofrem, como os estados e o governo federal, na crise fiscal profunda por que passa o país. "Parte dessas prefeituras não teria chegado a essa situação se tivesse usado ferramentas de boa gestão", diz Roni.

Os voluntários do OSB tentam dedicar parte do tempo às decisões dos vereadores, nem sempre sensatas. Em Tubarão, Santa Catarina, após cinco meses de pressão popular, os legisladores concordaram em reduzir a previsão

O PODER DOS CIDADÃOS QUE FISCALIZAM

O Observatório Social atua em rede. Hoje, fazem parte 105 municípios. Outros 45 podem aderir até junho

Cidade	Paranaguá PR	Londrina PR	Itajaí SC	Porto Alegre RS	Ponta Grossa PR
O problema	Em 2015, a prefeitura queria comprar 3,1 milhões de rolos de papel higiênico em um edital na área de higiene e limpeza	Em 2012, a prefeitura iniciou uma compra de uniformes escolares por valores superiores aos de mercado	A prefeitura quis licitar quatro semáforos a R$ 490 mil cada um, valor muito acima do mercado	Entre maio e agosto de 2016, ainda havia 19 pessoas na folha de pagamentos da Secretaria da Copa, extinta em 2014	Em 2015, a prefeitura se propunha a pagar, por carrinhos de limpeza, um preço 48 vezes maior que o de mercado
Resultado	A prefeitura alegou "erro de cálculo", cancelou o pregão e refez o edital. Decidiu que bastaria comprar 365 mil rolos	O OSB alertou para a diferença de preços. A prefeitura ignorou o alerta e gastou até quatro vezes mais que o necessário	A licitação foi cancelada pelo Ministério Público, o que poupou aos cofres municipais quase R$ 2 milhões	A prefeitura foi alertada. Até a sexta-feira, ainda não havia se manifestado a respeito	A prefeitura refez o edital e economizou pelo menos R$ 2 milhões apenas com os carrinhos

de um repasse mensal do Executivo ao Legislativo, na Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) para 2017. A campanha para a redução começou após um estudo mostrar que a Câmara de Tubarão gastava bem mais que a de Brusque, com população e número de vereadores bem parecidos. A mudança economizará R$ 4,7 milhões à cidade.

A rede está presente em dez capitais, incluindo Brasília, Cuiabá, Natal e Porto Alegre, e deverá alcançar 150 cidades até junho. Na Grande São Paulo, São Caetano do Sul é a primeira cidade a participar. Os voluntários locais apresentaram uma carta com nove princípios de transparência, incluindo a criação de um diário oficial eletrônico e uma secretaria especializada em compras e gestão de contratos. "As cidades brasileiras têm níveis de transparência muito diversos. Sem instrumentos mínimos de controle, não é possível monitorar adequadamente os trabalhos do Executivo e do Legislativo", disse o presidente local do OSB, Mário Bohm. Durante a campanha, o prefeito eleito, Auricchio (PSDB), comprometeu-se a encampar as medidas. Até a sexta-feira, dia 3, não havia voltado a falar do tema.

Na estratégia do OSB, tão ou mais importante que zelar pelo bom uso do dinheiro público é estimular o desenvolvimento econômico regional. "As compras governamentais tendem a ser viciadas não só no âmbito federal, como vimos na Operação Lava Jato. Nos municípios, é comum que os mesmos fornecedores vençam sempre, mesmo com ofertas a preço de ouro", afirma Ney Ribas, presidente do OSB nacional. Com isso, a população perde duas vezes – com o desperdício do dinheiro público e com a perda de oportunidade para que mais empresas locais ganhem porte e qualidade. "Por estar ligado a associações comerciais, o Observatório leva ao empresariado a capacitação para participar de futuras ofertas públicas. Isso puxa os preços para baixo, sem reduzir a qualidade", diz Bruno Quick, gerente de políticas públicas e desenvolvimento territorial do Sebrae. Ele calcula que o mercado de compras públicas no Brasil ultrapasse os R$ 500 bilhões – uma fonte de desenvolvimento ainda muito mal usada. ◆

MARCIO ATALLA

Não tente "fugir" do que acha gostoso

Sofro com a obesidade desde criança. Já fiz vários tipos de regime e academia. Nada deu resultado. Estou com 38 anos, tenho 1,87 metro, peso entre 140 quilos e 155 quilos. Fora o peso, há o preconceito dos outros. Estou cansado de ser alvo desse tipo de chacota. Preciso de sua ajuda. – Fabio Brabo Martinez

Você não necessita de minha ajuda, Fabio. Você precisa acreditar que é capaz de fazer essa mudança em sua vida, que é mentalmente forte para resolver o que o incomoda. Provavelmente, desde pequeno você tentou, com o auxílio de seus pais ou responsáveis, diversas dietas milagrosas e treinos físicos que, se não davam resultados imediatos, aumentavam a sensação de frustração e o faziam desistir. É possível que, nesses momentos, você comesse ainda mais e ficasse mais sedentário. Se você realmente quer mudar esse quadro, pense primeiramente que nada vai acontecer em uma semana, um mês, três meses. Será um processo lento, e não será fácil. Chega de tentar, está na hora de conseguir! Não pense no peso na balança ou em quantos dias levará para atingir a meta. Tenha em mente que essa mudança é para a vida toda. Quanto mais lenta for, mais estruturada será. Comece caminhando 15 minutos por dia, todos os dias. Depois aumente: caminhe duas sessões por dia, uma pela manhã e uma à noite. Pense em alimentos interessantes para você comer, antes das famosas "besteiras", que são alimentos gostosos, mas com pouco ou nenhum valor nutricional. Pense no que é bom para sua saúde em vez de pensar nos alimentos de que você deveria "fugir". Coloque a seu alcance mais frutas, legumes, alimentos *in natura*, leite, carnes magras, arroz, tudo feito em casa e de forma mais saudável. Coma devagar e se pergunte quando você está satisfeito. Pare de comer e só coma novamente quando sentir fome. Comece sempre pelos alimentos mais naturais. No dia em que bater aquela vontade de comer um doce ou um pastel, coma. Um só, e não vários! Coma devagar e aproveite. Não sinta culpa. Fazer restrição alimentar gera compulsão. Comer sem culpa torna a relação com o alimento mais amigável: percebemos que não estamos com tanta vontade de comer essa ou aquela guloseima. Não desista. Você ficará cansado e terá preguiça. Com o tempo, seu corpo se acostumará com o novo padrão. ◆

NA LIVRARIA
Mais dicas sobre qualidade de vida e emagrecimento no livro *Sua vida em movimento*, de Marcio Atalla (Editora Paralela)

Marcio Atalla é professor de educação física e consultor do quadro "Medida certa", do *Fantástico*, da Globo. E-mail: **matalla@edglobo.com.br**

Bruno Astuto

brunoastuto@edglobo.com.br

O Carnaval das divas

Um avião será fretado de Salvador para o Rio de Janeiro no domingo de Carnaval para levar **Ivete Sangalo** e 80 amigos que participarão do desfile da Grande Rio em homenagem à cantora baiana, no Sambódromo carioca. Parte da turma de Ivete, incluindo Preta Gil e Juliana Paes, virá no carro que lembrará sua participação no programa *The voice kids*, com direito às famosas cadeiras que giram para os calouros mirins. Xuxa, no entanto, será destaque de outro carro, com um efeito especial surpresa. A estilista Michelle X vai assinar o look de Ivete, como, aliás, tem feito durante os últimos ensaios da escola de samba. **Claudia Leitte**, por sua vez, está se preparando para passar, em média, seis horas por noite em cima do trio elétrico em seu bloco, Largadinho, em Salvador e, pelo segundo ano, no Carnaval mineiro. "Seis horas se nada der errado. Às vezes, um carro de apoio quebra e atrasa tudo. E lá fico eu, cantando, cantando para valer. Me lasco toda", afirma ela, que desta vez não dará o ar da graça no Carnaval carioca como rainha de bateria da Mocidade Independente. "Foi uma experiência incrível, amo a escola. Mas, no ano passado, fiquei 48 horas sem dormir para dar conta de tudo, foi tenso." O tema de seu bloco baiano será o mar. "Pedi a meu designer que transforme o trio elétrico num navio. Os figurinos têm a ver com essa vibração do empoderamento feminino: vai ter pirata, comandante e salva-vidas."

Fotos: Manuela Scarpa, divulgação/TV Globo, Ramon Vasconcelos/TV Globo, Nana Moraes e Alessandro Mendes

Com **Acyr Méra Júnior** e **Guilherme Scarpa**

Só love

Na última semana, vieram à baila rumores de que **Reynaldo Gianecchini** e Cláudia Abreu teriam se desentendido nos bastidores da novela das 9, *A lei do amor*, em que vivem um par romântico. Giane nega veementemente o suposto ocorrido. "A Cacau *(apelido da atriz)* é um dos grandes presentes que essa novela me deu. Esse papo de desentendimento é furado, não procede. Tento viver o presente com muito amor", diz ele. Aos 44 anos e curado de um câncer há cinco, Gianecchini conta que, depois do fim da novela, voltaria aos palcos, mas acabou adiando a empreitada. "Sinto que preciso descansar agora: ler tudo o que eu quero, ver peças, filmes, conviver com as pessoas que eu amo, viajar. Minha saúde está ótima e não me preocupo com a velhice. Mas o corpo pede mais cuidados com essa idade. Tenho vigor, mas não tenho mais aquela ansiedade de quando você é jovem."

Um novo olhar

Desde o fim da novela *Velho Chico*, em outubro, **Dira Paes** prometeu a si mesma que iria dar um tempo no trabalho para ficar mais perto do filho Martin, de 1 ano e 3 meses. "Comecei a gravar quando ele tinha 4 meses e acabei ficando mais no Projac do que em casa. Dá uma agonia", conta ela, que só abriu uma brecha nas férias para lançar nesta semana o filme *Redemoinho*. "É uma história sobre os muitos brasileiros que migraram de suas cidades, como eu, que saí do Pará com 16 anos para estudar." Conhecida pela entrega total aos trabalhos, Dira teve de raspar a sobrancelha com uma navalha, a pedido do diretor do filme. "Tive medo de que não crescesse mais, mas aceitei o desafio e foi ótimo. Fiquei com uma cara que não é a minha."

Nasce um diretor

Cada vez mais dedicado à direção, **Murilo Benício** está nos finalmentes de sua estreia por trás das câmeras com o filme *O beijo no asfalto*, baseado no famoso texto de Nelson Rodrigues. "A ideia surgiu dessa vontade de apresentar esse autor tão importante para uma geração que sabe pouco dele", explica o ator, que dirigiu Fernanda Montenegro, Lázaro Ramos, Otávio Muller e sua mulher, Débora Falabella. Nos bastidores da nova campanha da grife de relógios de luxo IWC, Murilo contou que vai rodar também *Pérola*, seu segundo longa-metragem como diretor, adaptado da peça de Mauro Rasi. Há cinco anos com Débora, ele está usando uma espécie de aliança. "Mandei fazer para ela três anéis pequenos que, juntos, se assemelham ao formato do mesmo anel que eu uso."

ENTREVISTA

PAULA FERNANDES
CANTORA

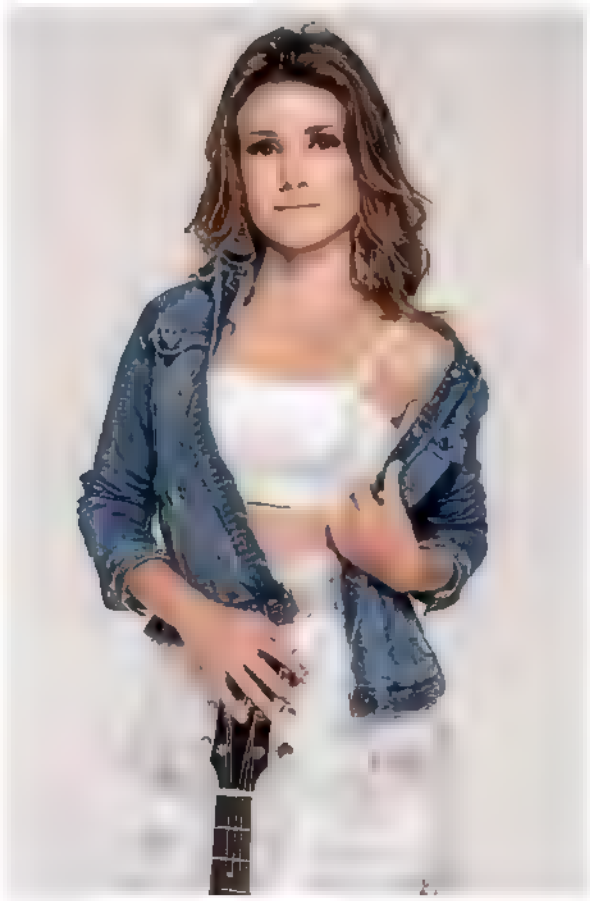
"Pegam um pouco no meu pé"

Acostumada a grandes shows, Paula Fernandes fará uma turnê mais intimista e acústica, apenas com voz e violão, paralela à superprodução do show *Amanhecer*, que lhe rendeu o Grammy Latino. "É um retorno a minhas origens, comecei tocando violão em bares. Estou naquele momento da vida em que menos é mais", diz ela.

EPOCA – **Como será a nova fase na carreira?**
Paula Fernandes – As pessoas me cobravam esse show mais intimista. Sou muito movida a intuição e senti que agora era a hora. Não vou cantar só músicas minhas, mas o que gosto de ouvir. O repertório vai ser eclético, de Mettalica a Victor & Leo, passando por Coldplay e Djavan.

EPOCA – **Como lida com os memes a seu respeito na internet?**
Paula – Não me importo, eu mesma os faço. Só não gosto quando passam dos limites e me desrespeitam no Instagram, por exemplo. O que rola é um superdimensionamento das coisas que falo e faço. Como aquela história do show com o Andrea Bocelli mesmo, que disseram que esqueci a letra, imagine. Pegam no meu pé um pouco, sabe? Hoje as pessoas fazem de tudo para ter curtidas e os sites para ter cliques.

EPOCA – **Arrepende-se de ter começado cedo?**
Paula – Comecei aos 8 anos, tive responsabilidade cedo. Troquei as bonecas pelo violão quando criança e, quando adolescente, em vez de ir para as baladas, eu era a atração nas festas. Até por isso que comecei a fazer terapia. Mas o saldo é positivo: mais ganhei do que perdi. Até coloquei como objetivo para este ano me permitir desligar. Quero mais tempo para sair para dançar, essas coisas.



ECLÉTICA
Paula Fernandes, cantora. No novo show, ela canta Mettalica e Djavan

EPOCA – **Está namorando?**
Paula – Estou solteira. Não posso nem ir à casa de um amigo que já dizem que é namoro. Estou de boa, foram quatro anos namorando, agora passou aquela fase mais crítica após o término. Não diria que eu assusto os homens, mas sou um perfil um pouco fora dos padrões. Sou mais caseira, não sou de festas, da rua. O importante é encontrar um companheiro que não se encante só com a Paula dos holofotes, mas pela mulher que anda sem maquiagem, de coque e chinelo.

Confissões de adolescente

Ex-atriz mirim, **Klara Castanho** está longe da garotinha de 6 anos que encantou o país na novela *Viver a vida*. Hoje, aos 16, lança seu primeiro livro, *Meu jeito certo de fazer tudo errado*. "Sempre fui boa em redação na escola. Tinha uns textos guardados, mostrei para a editora e eles gostaram. Falo dos perrengues comuns aos adolescentes. É uma fase de muita insegurança, a gente quer provar que é bonito, que é capaz de tudo", diz ela, que acaba de ser emancipada pelos pais. "Agora tenho, parcialmente, os mesmos direitos de um maior de idade. Sou liberada perante a lei para trabalhar, posso ser presa e casar."
Mas casar não está em seus planos. "Quero focar na minha carreira. Ainda não tive um namorado, mas dei meu primeiro beijo aos 12. Não forcei nada, aconteceu. Antes, eu só pensava: 'Que coisa nojenta, nunca vou beijar na minha vida. O menino colocar a língua na minha boca?'. Achava estranhíssimo".

Fotos: Eduardo Orelha e divulgação

WALCYR CARRASCO

Crônica do desemprego

Ele trabalhou a vida inteira em uma empresa. Subiu. Tornou-se diretor. Mas há sempre uma crise pronta para detonar uma bomba. À medida que os anos passam, surge um processo de "modernização" na empresa. Na prática, substituir os velhos pelos novos. Ainda mais nos tempos de internet, em que o mais velho nem sempre é tão bom no uso de tecnologia e redes sociais quanto o mais novo. Tem mais: a crise de desemprego que assola o país. As empresas estão num processo de enxugamento. Quem ficar, fica, mas trabalha três vezes mais. O diretor todo-poderoso é o desempregado de amanhã. Só que ele sai, recebe uma grana e, calmamente, tira férias com a família em algum lugar no exterior. Vai procurar alguma coisa depois. Mantém o padrão de vida, alto. Acredita que, com sua experiência, não tardarão a surgir ofertas.

Só que não surgem.

Mesmo os amigos, bem empregados ou donos de empresas, não têm notícia de vaga a sua altura. Se aparece, com salário mais baixo e função menor, a partir de certo momento de desespero ele está disposto a aceitar. Os possíveis empregadores resolvem que não. Argumentam.

– Você não vai se sentir confortável nesse cargo, muito abaixo de sua capacidade.

Os meses passam, o dinheiro escoa. Há promessas feitas, tem de cumprir: o intercâmbio da filha, em dólares; o jantar de aniversário num restaurante caro, que ele paga. Enfim, o ex-poderoso resolve montar sua própria empresa. Em geral, opta por algo que tenha a ver com seu estilo de vida e gosto pessoal. Importação de vinhos, por exemplo. Há algo que sempre digo quando vejo alguém nessa situação:

– Agora a empresa é sua. Economize nos clipes!

Executivos com longa carreira em empresa grande estão acostumados com estruturas macro. Alugam um bom conjunto comercial. Decoram. Botam secretária. Criam uma estrutura confortável, mas cara. Resultado: a empresa custa mais que fatura. O executivo vai pondo dinheiro. As reservas se esgotam. Ah, bom. Tem aquele quadro comprado na abundância. Leiloa-se. Dispensa-se o motorista. As idas a restaurante de luxo diminuem ou acabam. Aí a empresa que montou vai por água abaixo. Fica sem renda. A família ajuda aqui e ali, quando pode. Muitos, porém, vêm da classe média, subiram por meio do estudo. E o pais têm menos que eles. Obviamente, há níveis e níveis. Conheci um executivo de menor porte que, depois de dois anos sem nada, montou com a mulher uma van de cachorro-quente. Também não deu certo. Foram morar com a sogra. Numa das brigas – falta de dinheiro sempre dá briga –, saiu de casa. Foi morar na rua. Depois, não soube mais dele. Outros têm mais sorte. A mulher herdou alguma coisa, por exemplo. Um apartamento. Botam à venda, perdem dinheiro no negócio. Enfim, conseguem um capitalzinho para recomeçar.

Justamente por isso, estão surgindo novos ramos de negócio. Já conheço dois casos em que a opção foi montar uma loja de churrasco. Vendem tudo o que é necessário: a carne, o sal grosso, o espeto. Hiperespecializada, mas funciona. As pessoas gostam de fazer churrasco – e, se assim fica mais fácil, melhor. Também têm se multiplicado as barbearias retrô. Já me convidaram para ser sócio de uma. São barbearias onde ainda se faz o corte à navalha. Mas têm bebidas, música. Quase uma festa. O cliente faz a barba, bebe e se diverte. Também surgiu uma onda de lojas de bolos caseiros. São os bolos simples e baratos, como se fossem feitos pela vovó (embora as vovós de hoje prefiram fazer plástica e não bolos). Há redes grandes e pequenas. Têm aspecto artesanal. Já apareceram também as de brigadeiros e pudins. Até em shopping há quiosque de pudim. Os desempregados menos apegados a seu estilo de vida partem para uma alternativa dessas ou algo na mesma linha.

> QUANDO O EX-EXECUTIVO PERCEBE, O NEGÓCIO FECHOU E O DINHEIRO ACABOU. A SAÍDA É VIRAR MOTORISTA DO UBER

Em geral, porém, quando alguém, como o ex-diretor de quem eu falava, cai na real é tarde demais para montar um negócio mais simples, mais prático. O dinheiro acabou. A saída é o Uber. Em grandes centros, como São Paulo, há até fila para ser motorista do Uber. As locadoras alugam veículos para isso. É uma atividade em franca expansão, por oferecer um serviço diferenciado, frequentemente mais barato que um táxi convencional. Confesso, já fiquei muito de mau humor em táxis cujos motoristas nunca têm troco ou pegam caminho ruim. No Uber, não. O valor é informado antes. Os motoristas são educados. Não se espante se amanhã tomar um e der de cara com seu ex-patrão. A trajetória de alto executivo a motorista de Uber tornou-se mais comum do que se pensa. ◆

Walcyr Carrasco é jornalista, autor de livros, peças teatrais e novelas de televisão

Um defunto produtivo

O espírito da ficção científica, romance do escritor Roberto Bolaño, vem a público envolto em controvérsia: devem-se editar inéditos de autores mortos?

Ruan de Sousa Gabriel

Em julho de 2003, a *Playboy* mexicana publicou uma entrevista com o escritor chileno Roberto Bolaño, expatriado na Espanha. "Que sentimentos a palavra póstumo lhe desperta?", perguntou a entrevistadora. "Soa como o nome de um gladiador romano. Um gladiador invicto. Ou ao menos assim quer crer o pobre Póstumo", respondeu o escritor. Bolaño morreu dias após a publicação daquela entrevista, aos 50 anos, em decorrência de uma doença hepática degenerativa. Autor póstumo, Bolaño foi se metamorfoseando em algo próximo ao personagem que ele imaginou naquela entrevista: um invencível gladiador, capaz de derrotar escritores muito vivos nas batalhas pela atenção da crítica literária.

Bolaño é um autor defunto dos mais produtivos. A edição de *2666*, o monumental romance que ele burilava quando morreu, consagrou-o como o maior representante da nova prosa latino-americana, desligada do realismo mágico e das utopias políticas, mas atenta à tensão entre vanguardas artísticas e políticas. Outros livros póstumos não tardaram a aparecer, como *As agruras do verdadeiro tira* e coletâneas ainda inéditas no Brasil. Nesta semana, mais um livro sai do baú de Bolaño: *O espírito da ficção científica* (Companhia das Letras, 184 páginas, R$ 39,90), edição de um manuscrito de 1984.

O espírito da ficção científica adianta temas das obras maduras de Bolaño, como a iniciação literária e sexual, o exílio, a barbárie sempre à espreita e o espectro da ditadura chilena. Especula-se que o manuscrito tenha sido um ensaio para *Os detetives selvagens*, publicado em 1998. Remo Morán e Jan Schrella, os protagonistas, são versões adolescentes de Ulisses Lima e Arturo Belano, que, em *Os detetives selvagens*, percorrem o deserto atrás de uma misteriosa poeta de vanguarda. No livro póstumo, Morán não conta com a ajuda de Schrella, *alter ego* de Bolaño, que evita sair de casa e remete cartas a autores de ficção científica. Ao lado de um poeta motoqueiro, Morán investiga a proliferação de oficinas literárias e revistas de poesia pela Cidade do México. "*O espírito da ficção científica* tem momentos extraordinários em que o leitor reconhece características da escrita de Bolaño, como seu interesse quase obsessivo por escritores jovens, suas desilusões e ambições", diz Celina Manzoni, professora da Universidade de Buenos Aires e organizadora do livro *Roberto Bolaño: la escritura como tauromaquia* (Ediciones Corregidor).

Bolaño começou a publicar aos 43 anos, mas escrevia obsessivamente desde os 17. O Arquivo Bolaño soma 14.374 páginas, 84 cadernos, experimentos em verso, fotografias, quase 1.000 cartas, romances

AUTOR DEFUNTO **Retrato do escritor chileno Roberto Bolaño. Morto em 2003, ele continua publicando romances inéditos**

Foto: Effigie/Leemage

e contos inéditos. Foi desse baú que saiu *O espírito da ficção científica*, apresentado ao mercado editorial na Feira do Livro de Guadalajara, em novembro passado.

A viúva do escritor, Carolina López, foi repreendida por editar o manuscrito. Nos anos finais, Bolaño era celebrado pela crítica, contava com um editor importante e leitores fiéis. Podia publicar o livro que quisesse, mas deixou *O espírito da ficção científica* na gaveta. "Se Bolaño não publicou este ou outro livro, foi por ter consciência de seu projeto autoral, do que desejava que aparecesse e do que julgava incompleto ou medíocre", diz Antonio Marcos Pereira, professor da Universidade Federal da Bahia e um dos organizadores de *Toda a orfandade do mundo: escritos sobre Roberto Bolaño* (Relicário Edições).

Herdeiros são amiúde acusados de se interessar mais pelo vil metal do que pela literatura. A publicação de obras incompletas ou renegadas pode arranhar o prestígio de escritores consagrados. Em 2009, os herdeiros do russo Vladimir Nabokov, o autor de *Lolita*, colocaram no mercado *O original de Laura*, um manuscrito que deveria ser destruído após sua morte. O romance póstumo foi apedrejado pela crítica. No entanto, os baús de escritores mortos podem guardar tesouros, como os poemas de Emily Dickinson ou Sylvia Plath, dois dos maiores nomes da lírica em língua inglesa. Antes de morrer, Franz Kafka queimou boa parte de seus manuscritos e ordenou que seu amigo Max Brod destruísse o resto. Brod traiu Kafka e, graças a ele, foi publicado *O processo*, uma das maiores obras da literatura contemporânea.

"Quando os herdeiros põem os livros em circulação, os leitores se transformam em herdeiros, não dos cheques, mas das palavras do escritor, e podem fazer com elas o que quiserem", diz Celina Manzoni. Esses leitores herdeiros podem procurar pistas para elucidar alguns enigmas. Segundo Gustavo Silveira Ribeiro, professor da Universidade Federal de Minas Gerais e também organizador de *Toda a orfandade do mundo*, "os textos que Bolaño deixou prontos, como *2666*, aprofundam os conhecimentos que temos de sua obra e personalidade literária". Para sorte dos leitores (e dos críticos), o baú de inéditos de Bolaño é bem fundo e repleto de histórias – quem sabe até de gladiadores romanos. ◆

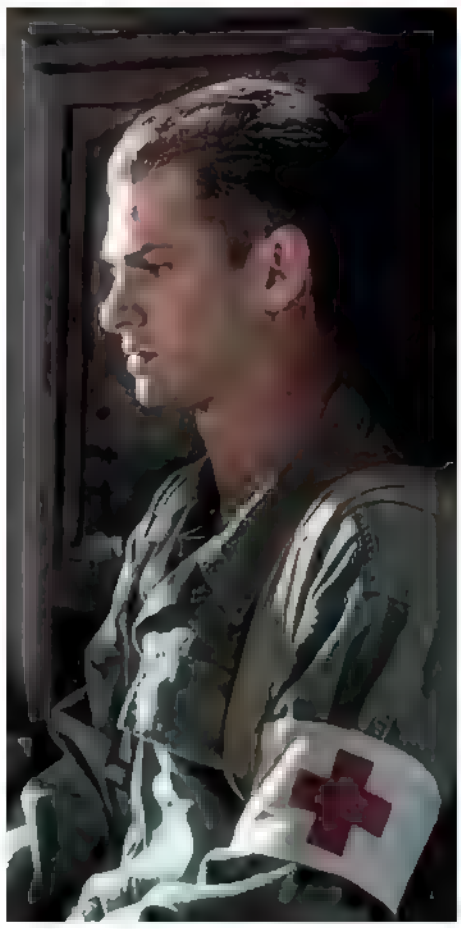
DOZE HORAS

TEMPO LIVRE? ESQUEÇA. EIS O QUE VOCÊ PRECISA FAZER NESTA SEMANA

DVD
2 horas

Origami cinematográfico

Entre as novidades do Oscar 2017, a animação ***Kubo e as cordas mágicas*** é um dos destaques. Produzida em stop motion (técnica em que os personagens são filmados quadro a quadro) e inspirada na mitologia oriental, ela foi selecionada para concorrer na categoria de Melhores Efeitos Especiais. É o primeiro filme animado a disputar o prêmio desde 1993, quando *O estranho mundo de Jack* esteve entre os indicados. *Kubo* também concorre na categoria Melhor Filme Animado. Os estúdios responsáveis pela animação estiveram por trás de filmaços como *Coraline*, de 2009. A trama acompanha um menino com poderes mágicos que precisa enfrentar a fúria de seu avô e suas tias num Japão feudal. **Universal, R$ 39,90.**



CINEMA
2 horas

Medalha de honra

Durante a Segunda Guerra Mundial, o adventista Desmond T. Doss se recusou a matar soldados inimigos ou a carregar armas em combate. O filme ***Até o último homem*** mostra como Doss, na função de socorrista, salvou a vida de mais de 75 homens durante a Batalha de Okinawa. O longa-metragem foi indicado ao Oscar de Melhor Filme. O diretor Mel Gibson concorre na categoria de Melhor Diretor e **Andrew Garfield** está disputando o prêmio de Melhor Ator. **Em cartaz.**

LIVRO
2 horas

Gerúndios e particípios

"Minha maior aflição é não saber administrar a saudade", diz o narrador do conto "Deus vai te derrubar", que compõe a coletânea ***Até de repente***, do escritor paulista Rodrigo Maceira. O fio condutor dos sete contos – e da playlist da banda norueguesa A-ha, que encerra o livro – é a nostalgia melancólica de um passado em que havia cervejas com amigos, madrinhas e moças argentinas que mexiam com a cabeça de narradores que iam vagando pelo mundo. Um deles dividia a fauna humana em "pessoas particípio", de personalidade inflexível e bem resolvidas, e "pessoas gerúndio", sempre em mutação, levando vidas acidentadas. **Oito e meio, 208 páginas, R$ 38.**

Fotos: divulgação

Por **Nina Finco**, mfinco@edglobo.com.br,
e **Ruan de Sousa Gabriel**, rsgabriel@edglobo.com.br

CD
1 hora

Temas de amor de Tom

Quando tinha 15 anos, **Danilo Caymmi** gravou pela primeira vez com Tom Jobim. Na época, seu pai, Dorival Caymmi, gravava um disco com o maestro. Mais tarde, em 1983, Danilo entraria para a banda de Tom, da qual só sairia com a morte do compositor, em 1994. Ninguém melhor então do que ele para entoar 11 belas obras da Bossa Nova e engrossar as homenagens a Tom, pela passagem, em 25 de janeiro, de seus 90 anos de nascimento. O disco ***Danilo Caymmi canta Tom Jobim*** também traz Danilo nas flautas. **Universal, R$ 24,90.**

FOTOGRAFIA
2 horas

A cidade está no homem

Com uma câmera na mão e um punhado de versos na cabeça, o fotógrafo maranhense Márcio Vasconcelos percorreu as ruas de São Luís em busca de cenas que traduzissem a musicalidade e a potência do *Poema sujo*, composto pelo poeta, também maranhense, Ferreira Gullar (1930-2016) durante seu exílio argentino em 1975. Vasconcelos reuniu 95 dessas imagens de poética (e prosaica) imundície no livro ***Visões de um poema sujo*** e numa exposição de mesmo nome. **Vento Leste Editora, 128 páginas, R$ 70. Museu AfroBrasil, São Paulo, até 26/3.**

LIVRO
1 hora

Sem trégua

Em 1959, o escritor uruguaio Mario Benedetti (1920-2009) publicou um livro que caiu nas graças dos moradores de Montevidéu e o confirmou como uma das vozes mais originais da chamada Geração de 45. ***Montevideanos*** reúne 19 contos sobre as paixões, as infernais miudezas cotidianas, a solidão e a rotina de uma classe média decadente que habitou a capital uruguaia em meados do século XX, quando o país ainda alimentava a pretensão de ser a "Suíça latino-americana". Os contos aliam o olhar atento e sensível que Benedetti dispensava a personagens como o burocrata Martín Santomé, do romance *A trégua*, o bom humor, a poesia e a crítica social característicos da prosa do escritor. **Mundaréu, 168 páginas, R$ 38.**

MOSTRA
2 horas

Cinem@, cinemx, cineme...

A programação da mostra ***Um outro, eu mesmo – Variações sobre o gênero no cinema*** também aposta na diversidade. São 20 longas-metragens e cinco curtas-metragens produzidos em 12 países diferentes em épocas tão distantes como a moralista década de 1950 e os desinibidos tempos atuais. Lado a lado, estão a comédia clássica *Quanto mais quente melhor*, com Marilyn Monroe, ***Jeanne Dielman***, um filme belga de 1975 sobre uma viúva que se prostitui, e produções brasileiras recentes como *Madame Satã*, de Karim Aïnouz. **Centro Cultural Banco do Brasil, Brasília, até 13/2.**

RUTH DE AQUINO

Crivella cuida do filho Marcelinho

"Chegou a hora de cuidar das pessoas", dizia o pastor Marcelo Crivella na campanha para a prefeitura do Rio de Janeiro. Ninguém pode acusá-lo de não cuidar do filho, Marcelinho Crivella, nomeado agora, para orgulho do papai, secretário da Casa Civil. O salário polpudo é o que menos conta. Marcelinho começa a ser preparado para ser eleito senador em 2018.

Tem cara de nepotismo, tem cheiro de nepotismo, é nepotismo por definição e semântica. É imoral, neste momento do país. Mas não é ilegal. O Supremo Tribunal Federal, numa súmula 13 que considero equivocada, autoriza nomear parentes para os mais altos escalões políticos, como ministros e secretários estaduais ou municipais. Soa como inversão de valores: quanto mais alto o escalão, mais censurável deveria ser a nomeação de um parente.

Nepotismo (do latim *nepos*, neto ou descendente) é o termo que designa favorecimento de parentes em detrimento de pessoas mais qualificadas. Marcelinho só está na posição-chave da Casa Civil por ser filho do homem. Nunca ocupou um cargo na gestão pública. Será responsável pela nomeação de 10 mil cargos comissionados. É um escândalo. Alguém da oposição deveria entrar com recurso, porque toda lei tem interpretações subjetivas. Não podemos apelar para um algoritmo salvador? Não há competência técnica comprovada de Marcelinho para essa função.

O PREFEITO INVISÍVEL DO RIO NOMEIA FILHO PARA CASA CIVIL. SEU VICE DEVE R$ 580 MIL EM IMPOSTOS

Crivella jurou "proteger a família" ao tomar posse. Está cumprindo a promessa: "Você precisa entender que ninguém conhece melhor meu filho. E quem nomeia sou eu". Pouco sabemos sobre as qualidades de Marcelinho para o cargo. Mora nos Estados Unidos, é formado em psicologia cristã na Califórnia, casado desde 2011, e abriu uma rede de escolas de computação gráfica, Seven, que foi rebatizada de Red Zero. Uma palestra sua ensina como ganhar sempre numa negociação. Ah, e Marcelinho também gosta de pizza com rúcula.

A reação da sociedade teria sido mais branda se Crivella tivesse, de fato, assumido o desafiador papel de prefeito de um Rio em crise aguda pós-Olimpíada, nas finanças e na segurança. Onde está Wally? Crivella é invisível como prefeito. Começou mudando a logomarca da prefeitura, substituindo o azul de Eduardo Paes pelo "verde" no brasão e trocando as palavras de lugar. Gastar dinheiro com isso? É essa a austeridade prometida?

São mais de 30 dias de mandato e o que fez o prefeito do Rio além de decretar um mutirão de cirurgias? Até agora, não sei se Crivella vai mesmo cortar à metade as despesas com cargos comissionados e gratificações. Ninguém sabe, talvez nem ele. Quem está na prefeitura não sabe se vai continuar. Ao tomar posse, prometeu reduzir de 26 para 12 as secretarias, mas não consegue finalizar nada. Crivella não divulga balanço de um mês de administração. Não se pode denunciar uma obra irregular, porque não há diretores no Urbanismo. As praias estão mais bem patrulhadas? Sim, era o mínimo no verão carioca.

Crivella recuou de cinco nomeações após revelar os nomes. Nomeou e exonerou em 24 horas. Todos tinham problemas com a Justiça. Deveria cair em si e exonerar o vice-prefeito e secretário de Transportes Fernando Mac Dowell, dono de mansão que deve R$ 215 mil de IPTU e dono de empresa que deve quase R$ 235 mil de ISS à prefeitura e R$ 137.300 à União. Crivella diz que todo contribuinte tem direito de negociar sua dívida. Verdade. Mas um endividado compulsivo não pode ser vice-prefeito nem comandar o setor turbulento e carente do transporte. Não pode. Nem rezando para o bispo. Repetindo: Mac Dowell não tem ficha fiscal compatível com o cargo.

É óbvio que, como o PRB é um braço ou uma fachada política legal para a Igreja Universal, falta "corpo técnico". Difícil governar somente em nome do pai, do filho e do espírito santo. Funcionários da prefeitura me disseram em off que Crivella faz uma gestão amadora, como se administrasse uma paróquia. E que acalenta planos como criar o Rio 10, a Saúde 10, a Segurança 10. Usando sempre seu número, que tentou até enfiar no brasão da prefeitura. Não sei se Crivella é adepto da numerologia, mas assumir a prefeitura seria um bom começo para o Rio acéfalo.

Quanto ao "Marcelinho", Crivella padece do mesmo problema de muitos machos brasileiros, públicos ou privados. Primeiro, anseiam por ter filho varão. Depois, fazem questão de colocar seu próprio nome no bebê. E aí temos o Michelzinho (Temer), o Rodriguinho (Maia) e tantos outros. Muitos exibem os garotinhos como troféus de masculinidade. Querem cena mais deslocada e surreal que a do peemedebista Rodrigo Maia erguendo o Rodriguinho na mesa da Câmara em Brasília, após ser reeleito presidente? Não há fronteira entre público e privado em nosso país. Falta compostura. ◆

Ruth de Aquino é colunista de ÉPOCA **raquino@edglobo.com.br**

COM 6 MESES DE ALUGUEL DAS OUTRAS, VOCÊ COMPRA A

moderninha Pro

A MAQUININHA SEM ALUGUEL E A MAIS COMPLETA DE TODAS

- Sem aluguel e sem taxa de adesão
- Conexão por chip, Wifi e Bluetooth
- Chip e plano de dados inclusos
- Vem com Cartão Pré-Pago grátis
- Não precisa de conta bancária**
- Integração com o app PagSeguro Vendas grátis para gerenciar seu negócio
- Para pessoa física ou jurídica
- Envio de comprovante de venda por SMS ou impresso
- 6 bobinas inclusas
- Frete grátis

TUDO POR APENAS

12x R$ 69,90*

TOTAL À VISTA: R$ 838,80

pagseguro UOL

Moderninha Pro aceita as principais bandeiras:

Débito e Crédito: Mastercard, Visa, Elo

Crédito: Hipercard, Diners Club International

Refeição: Ticket, sodexo, VR

PEÇA JÁ A SUA, ACESSE OU LIGUE:

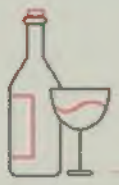
PAGSEGURO.COM.BR | 4003-6624

ATENDIMENTO 24 HORAS, 7 DIAS POR SEMANA.

Consulte em pagseguro.com.br/pro os benefícios e funcionalidades da Moderninha Pro. Preço total à vista da Moderninha Pro: R$ 838,80, equivalente a 5,03 meses de custo médio mensal com taxa de adesão (R$ 166,84) das máquinas de GPRS das principais concorrentes (Fonte: preços dos principais credenciadores em outubro/2016, coletados em sites, listas de preços e por telefone). Consulte condições da garantia em pagseguro.com.br. Wifi requer conexão banda larga para funcionar. Bandeiras Amex, Hipercard e Diners são aceitas mediante leitura de tarja. Bandeiras Mastercard®, Visa, Elo, Ticket, Sodexo e VR Benefícios mediante leitura de chip e uso de senha. Verificar bandeiras aceitas em pagseguro.com.br. Para sua Moderninha aceitar cartão refeição ou benefícios, você precisa ser conveniado à Ticket e/ou Sodexo e/ou VR Benefícios. Saiba mais em pagseguro.com.br. Cartão Pré-Pago: sujeito às condições de contratação. O Cartão Pré-Pago é grátis apenas para os novos clientes que comprarem a Moderninha Pro até 31/3/2017. A funcionalidade de gerenciamento comercial do app PagSeguro Vendas funciona apenas em tablets de 10 polegadas com sistema Android. O tablet não é vendido com a Moderninha Pro. *Parcelamento do preço da Moderninha Pro válido apenas para cartão de crédito. Consulte condições em pagseguro.com.br. **Não precisa de conta bancária exceto para transações realizadas com cartão refeição.

5 FORMAS DE POTENCIALIZAR O CLAREAMENTO DENTAL

1. **NÃO** FUME.



2. Evite bebidas **CORANTES.**

3. Se for consumi-las, **FAÇA BOCHECHOS COM ÁGUA** antes de escovar os dentes.

4. Consulte **O DENTISTA** a cada seis meses.

5. Use creme dental **BRANQUEADOR** diariamente.

Encontre a solução para um sorriso mais branco no Pão de Açúcar.

Descubra os benefícios do clareamento dental com Colgate Luminous White Advanced:

- único com peróxido de hidrogênio, princípio ativo utilizado por dentistas no consultório

- usando Colgate Luminous White todos os dias, durante 4 semanas, seus dentes ficam até 3 tons mais brancos.

Pão de Açúcar